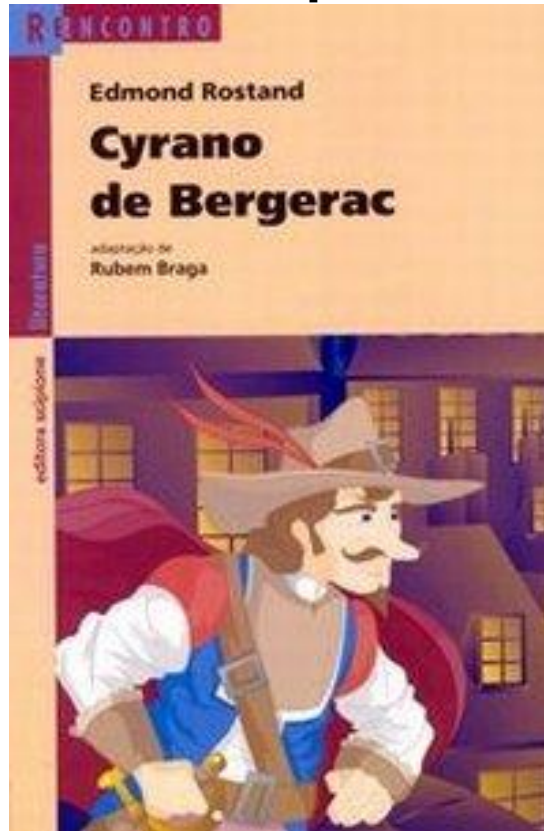


CYRANO DE BERGERAC [Edmond Rostand]



CYRANO DE BERGERAC
Edmond Rostand
Tradução: Mário Costa Leite
Editora Print
1980

CYRANO DE BERGERAC

Peça em Cinco Atos

Por

Edmond Rostand

Os Personagens

CYRANO DE BERGERAC
CHRISTIAN DE NEUVILLETTE
CONDE DE GUICHE
RAGUENEAU
LE BRET
CARBON DE CASTEL-JALOUX
OS CADETES
LIGNIERE
DE VALVERT
UM MARQUÊS
SEGUNDO MARQUÊS
TERCEIRO MARQUÊS
MONTFLEURY



BELLEROSE
JODELET
CUIGY
BRISSAILLE
O PORTEIRO
UM LACAIO
UM SEGUNDO CRIADO
UM IMPERTINENTE
UM MOSQUETEIRO
OUTRO
UM POLICIAL ESPANHOL
UM CARREGADOR
UM CIDADÃO
SEU FILHO
UM BATEDOR DE CARTEIRAS
UM ESPECTADOR
UM SENTINELA
BERTRAND, O FLAUTISTA
UM MONGE
DOIS MÚSICOS
OS POETAS
OS COZINHEIROS
ROXANE
IRMÃ MARTHA
LISE
A BALCONISTA
MÃE MARGUERITE
A AMA
IRMÃ CLAIRE
UMA ATRIZ
OS PAJENS
A VENDEDORA

Povo, soldados, cidadãos (homens e mulheres), marqueses, mosqueteiros, batedores de carteira, cozinheiros, poetas, cadetes, atores (homens e mulheres), violinistas, pajens, crianças, soldados, espanhóis, espectadores (homens e mulheres), "precieuses", freiras, etc.

Ato I

Uma descrição do Hotel de Bourgogne.

O salão do Hotel de Bourgogne, em 1640. Uma espécie de lona arranjada e decorada para uma performance teatral.

O salão é retangular e visto obliquamente, de modo que um de seus lados forme a parte de trás do primeiro plano, à direita, e, ao encontrar o lado esquerdo do fundo, faça um ângulo com o palco, o qual é parcialmente visível.

Em ambos os lados do palco existem assentos. A cortina é composta de duas tapeçarias, as quais podem ser puxadas lateralmente. Sobre o manto de um arlequim estão as armas reais. Há um amplo espaço entre o palco e o salão; em ambos os lados desse espaço existem lugares para os violinistas. Luzes.

Dois corredores, um ao lado do outro, à margem das galerias: a mais elevada dividida em camarotes. Não há assentos na área livre do salão, que é o palco real do teatro; ao fundo desta área, ou seja, na parte

dianteira direita, alguns assentos formando degraus e, disfarçadamente, uma escadaria que leva aos assentos superiores. Uma improvisada mesa ornada de pequenos lustres, vasos, copos, pratos de torta, bolos, garrafas etc.

A entrada para o teatro é no fundo, ao centro, sob a galeria de camarotes. Uma grande porta, meio aberta para deixar que os espectadores entrem. Nas almofadas desta porta, em diferentes cantos, e sobre a mesa, letreiros vermelhos exibem as palavras "La clorise".

Ao subir das cortinas, o salão está na semi-escuridão e ainda vazio. Os lustres estão recolhidos no meio da área vazia e prontos para serem acesos.

Cena I.I

O público, chegando aos poucos. Soldados, cidadãos, lacaios, pajens, um batedor de carteiras, o porteiro, etc., seguidos pelos marqueses. Cuigy, Brissaille, a balconista, os violinistas etc.

(Uma confusão de vozes altissonantes é ouvida do lado de fora. Um soldado entra apressadamente.)

O PORTEIRO (seguindo-o): Ei! Você aí! Seu dinheiro!

O SOLDADO: Eu entro de graça.

O PORTEIRO: Por quê?

O SOLDADO: Por quê? Eu sou da Cavalaria Real, juro!

O PORTEIRO (a outro soldado que entra): E você?

SEGUNDO SOLDADO: Eu não pago nada.

O PORTEIRO: Por quê, então?

SEGUNDO SOLDADO: Eu sou um mosqueteiro.

PRIMEIRO SOLDADO (ao segundo): A peça não começará antes das duas. O fosso está vazio. Venha, um exercício com floretes para passar o tempo. (Eles duelam com seus floretes.)

UM LACAIO (entrando): Pst... Flanquin... !

OUTRO (já ali): Champagne?...

O PRIMEIRO (exibindo o baralho e os dados que retirara da camisa): Veja, tenho baralho e um dado. (Ele se senta no chão): Vamos jogar.

O SEGUNDO (fazendo o mesmo): Bom; Eu jogo com você, vilão!

PRIMEIRO LACAIO (tirando de seu bolso um toco de vela, que ele acende e fixa ao solo): Eu tenho liberdade para me prover de luz às expensas do meu mestre!

UM GUARDA (a uma vendedora que se aproxima): Foi uma grande idéia ter chegado antes de acenderem as luzes! (Ele a agarra pela cintura.)

UM DOS ESGRIMISTAS (recebendo um toque): Toque!

UM DOS JOGADORES DE BARALHO: Quadra de Paus!

O SENTINELA (seguindo a garota): Um beijo!

A VENDEDORA (lutando para se libertar): Eles estão olhando!

O SENTINELA (puxando-a para um canto escuro): Não tema! Ninguém pode ver!

UM HOMEM (sentado no chão com os outros, que trouxeram suas provisões): Chegando cedo, pode-se comer com tranquilidade.

UM CIDADÃO (conduzindo seu filho): Sentemos ali, filho.

UM JOGADOR DE BARALHO: Trinca de Ases!

UM HOMEM (tirando uma garrafa de baixo da capa, e também sentando-se no chão): Mesmo um bêbado pode muito bem entornar este Burgundy! (ele bebe): no hotel Hotel Burgundy!

O CIDADÃO (a seu filho): Arre! Um homem pode achar que caiu num mau lugar vindo aqui!

(Ele aponta com sua bengala para o bêbado): Bêbados!
(Um dos espadachins, deixando a luta, empurra-o): Arruaceiros!
(Ele cai no meio dos jogadores de baralho): Jogadores!
O SENTINELA (atrás dele, ainda importunando a vendedora): Venha, um beijo!
O CIDADÃO (apressadamente saindo com o filho): Por todos os santos! E este, meu filho, é o teatro onde se representou Rotrou outrora.
O JOVEM: Sim, e Corneille!
UM TROPA DE PAJENS (de mãos dadas, entram dançando a farândola, e cantando): Trá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lere...
O PORTEIRO (severamente, aos pajens): Ei, pajens! Nada de truques!...
PRIMEIRO PAJEM (com um ar de dignidade ofendida): Oh, senhor! - quanta suspeita!...
(Rapidamente, ao segundo pajem, no momento em que o porteiro está de costas para eles): Você tem linha?
O SEGUNDO: Sim, e um anzol.
PRIMEIRO PAJEM: Nós podíamos pescar algumas perucas agora, na galeria.
UM BATEDOR DE CARTEIRA (reunido a alguns jovens de má-aparência): Ouçam, jovens trombadinhas, prestem atenção enquanto eu dou a vocês a primeira lição de gatunagem.
SEGUNDO PAJEM (chamando os outros, que estão nas galerias superiores): Vocês aí! Vocês têm canudinhos?
TERCEIRO PAJEM (de cima): Sim, nós temos, e temos ervilha também!
(Ele sopra, e os atinge com ervilhas.)
O JOVEM (a seu pai): Que peça eles vão representar?
O CIDADÃO: "Clorise".
O JOVEM: Quem será o autor?
O CIDADÃO: Mestre Balthazar Baro. Que peça!...
(Ele segue de braço dado com o filho.)
O BATEDOR DE CARTEIRA (aos seus alunos): Tenham cuidado, acima de tudo, com os cadarços desamarrados - cortem-nos!
UM ESPECTADOR (ao outro, mostrando-lhe um canto da galeria): Era lá que eu estava na primeira noite do "Cid".
O BATEDOR DE CARTEIRA (fazendo com os dedos o gesto de roubar): Assim é que se faz com os relógios.
O CIDADÃO (descendo novamente com seu filho): Ah! Você irá ver alguns atores renomados...
O BATEDOR DE CARTEIRA (fazendo o gesto de alguém que puxa algo furtivamente, com sacudidelas): Assim se faz com os lenços.
O CIDADÃO: Montfleury...
ALGUÉM (berrando da galeria superior): Acendam a luz lá embaixo!
O CIDADÃO: ... Bellerose, L'Epy, La Beaupre, Jodelet!
UM PAJEM (no fosso): Aí vem a balconista!
A BALCONISTA (tomando seu lugar atrás da mesa): Laranjas, leite, suco de framboesa, licores! (Uma algazarra do lado de fora é ouvida.)
UMA FALSETE: Abram alas, brutos!
UM LACAIÓ (surpreendido): Os marqueses! - no fosso?...
OUTRO LACAIÓ: Oh! Apenas por um minuto ou dois!
(Entra um grupo de jovens marqueses.)
UM MARQUÊS (vendo que o salão está com meia lotação): E essa agora? Então nós entramos como um bando de vendedores de lã! Pacificamente, sem perturbar o povo ou pisar em seus pés - Que vergonha! Que vergonha! (Reconhecendo alguns outros cavaleiros que entraram um pouco antes dele): Cuigy! Brissaille! (Saudações e abraços.)
CUIGY: Verdade seja dita!... Sinceramente, nós estamos aqui desde que se acenderam as velas.
OS MARQUESES: Sim, deveras! Basta! Eu estou de péssimo humor.
OUTRO: Não, não, marquês! Veja, para seu consolo, eles estão chegando para iluminar!
TODO O PÚBLICO (saudando a entrada do iluminador): Ah!...
(Eles formam grupos ao redor dos lustres assim que estes são acesos.)

Algumas pessoas tomam assento nas galerias. Ligniere, uma mulher de aparência distinta e camisa amarrotada, de braço dado com Christian de Neuville. Christian, que está vestido de forma elegante, porém defasada na moda, parece preocupado e mantém o olhar nos camarotes.)

Cena 1.II.

O mesmo. Christian, Ligniere, então Ragueneau e Le Bret.

CUIGY: Ligniere!

BRISSAILLE (rindo): Ainda não estás bêbado?

LIGNIERE (à parte para Christian): Posso apresentá-lo? (Christian assente com a cabeça): Barão de Neuville.

(Aplausos.)

O PÚBLICO (aplaudindo assim que o primeiro lustre é aceso e apontado para cima): Ah!

CUIGY (a Brissaille, olhando para Christian): Este é um grande amigo!

PRIMEIRO MARQUÊS (ouvindo casualmente): Puh!

LIGNIERE (apresentando-os a Christian): Meus senhores De Cuigy, De Brissaille...

CHRISTIAN (aplaudindo): Encantado!...

PRIMEIRO MARQUÊS (ao segundo): Ele não parece doente, mas certamente, não está vestido de acordo com a moda.

LIGNIERE (a Cuigy): Este cavalheiro vem de Touraine.

CHRISTIAN: Sim, Eu passei escassos vinte dias em Paris; amanhã eu irei com a Guarda, junto aos cadetes.

PRIMEIRO MARQUÊS (observando as pessoas que chegam aos camarotes): Lá está a esposa do chefe de justiça.

A BALCONISTA: Laranjas, leite...

OS VIOLINISTAS (afinando os instrumentos): La - la -

CUIGY (a Christian, apontando o salão, que se vai enchendo rapidamente): Está lotado.

CHRISTIAN: Sim, deveras.

PRIMEIRO MARQUÊS: Toda a alta roda! (Eles reconhecem e citam os nomes das senhoras elegantemente vestidas que entram nos camarotes, curvando-se levemente em saudação. As senhoras sorriem como resposta.)

SEGUNDO MARQUÊS: Madame de Guemenee.

CUIGY: Madame de Bois-Dauphin.

PRIMEIRO MARQUÊS: Adorada por nós todos!

BRISSAILLE: Madame de Chavigny...

SEGUNDO MARQUÊS: Que zomba de nossos pobres corações!...

LIGNIERE: Ha! Então Monsieur de Corneille retornou de Rouen!

O JOVEM (a seu pai): É a Academia ali?

O CIDADÃO: Oh, sim, Eu posso ver vários deles. Lá estão Boudu, Boissat, e Cureau de la Chambre, Porcheres, Colomby, Bourzeys, Bourdon, Arbaud... todos os nomes que ficarão para a posteridade! Magnífico!

PRIMEIRO MARQUÊS: Atenção! Aí vem nossas preciosas; Barthenoide, Urimedonte, Cassandace, Felixerie...

SEGUNDO MARQUÊS: Ah! Que esquisitos e imaginosos nomes elas têm! Conhece todas, marquês?

PRIMEIRO MARQUÊS: Sim, marquês, realmente, cada uma!

LIGNIERE (chamando Christian à parte): Amigo, vim até aqui apenas para agradá-lo. A senhora não vem. Vou me dedicar novamente a meu vício.

CHRISTIAN (persuasivamente): Não, não! Você, compositor de baladas à corte e à cidade pode cantar melhor do que qualquer um as graças dessa senhora pela qual eu morro de amor. Fica mais um pouco ainda.

O PRIMEIRO VIOLINISTA (batendo com o arco na mesa): Cavalheiros violinistas! (Ele levanta o arco.)

A BALCONISTA: Biscoitos, limonada...

(Os violinos começam a tocar.)

CHRISTIAN: Ah! Eu temo que ela esteja embonecada e demasiadamente gentil e melindrosa! Eu, que sou tão pobre de inteligência, como ousarei falar-lhe? Como me dirigir a ela? Essa linguagem que eles falam coloquialmente - sim, e escrevem - deixa-me confuso; eu sou apenas um honesto soldado, e tímido, além do mais. Ela tem sempre seu lugar ali, à direita - no camarote vazio, veja!

LIGNIERE (agindo como quem vai sair): Preciso ir.

CHRISTIAN (impedindo-o): Não, fique.

LIGNIERE: Não posso. D'Assoucy espera-me na taverna, e aqui morre-se de sede.

A BALCONISTA (passando diante dele com uma bandeja): Laranjada?

LIGNIERE: Ugh!

A BALCONISTA: Leite?

LIGNIERE: Pah!

A BALCONISTA: Rivesalte?

LIGNIERE: Fique. (A Christian): Vou ficar mais um pouco. - Deixe-me provar esse rivesalte. (Ele se senta perto da mesa; a garota despeja um pouco para ele.)

CRIS (para toda a audiência, à entrada de um homem gorducho e baixinho, grandemente alegrado): Ah! Ragueneau!

LIGNIERE (a Christian): Este é o famoso taverneiro Ragueneau.

RAGUENEAU (vestindo as roupas de Domingo de um cozinheiro, indo rapidamente a Ligniere): Senhor, viu Monsieur de Cyrano?

LIGNIERE (apresentando-o a Christian): O cozinheiro dos atores e dos poetas!

RAGUENEAU (submisso): O senhor faz-me grande honra...

LIGNIERE: Não, mantenha sua tranqüilidade, Mecenas que você é!

RAGUENEAU: É verdade, estes cavalheiros dão-me emprego...

LIGNIERE: Acredito! Ele é um poeta de grande talento...

RAGUENEAU: Assim me disseram.

LIGNIERE: - Louco mais que poeta!

RAGUENEAU: Isso é verdade. Por uma pequena ode...

LIGNIERE: Você dá uma torta...

RAGUENEAU: Oh! - uma tortinha assim!

LIGNIERE: Bravo amigo! De bom grado pediria desculpas! - E você não trocaria nada por um triolé agora...

RAGUENEAU: Alguns pãezinhos!

LIGNIERE (severamente): Pães de leite! E o teatro? Do que você gosta?

RAGUENEAU: Oh! É para distração!

LIGNIERE: Com que você paga seus ingressos, hein? - com bolos. Sua entrada nesta noite, diga em meu ouvido, o que custou a você?

RAGUENEAU: Quatro pudins e quinze cremes. (Ele olha ao redor para todos os lados): Monsieur de Cyrano não está aqui? Estranho.

LIGNIERE: Por quê?

RAGUENEAU: Montfleury vai atuar!

LIGNIERE: Sim, é verdade que aquele velho barril de vinho vai estar no Fédon esta noite; mas que isso tem a ver com Cyrano?

RAGUENEAU: Como? Você não sabe? Ele tem ódio mortal de Montfleury, eis o que tem a ver! - foi estritamente proibido a ele mostrar a face no palco por um mês inteiro.

LIGNIERE (bebendo o quarto copo): Mesmo?

RAGUENEAU: Montfleury vai atuar!

CUIGY: Ele não pode atrapalhar isso.

RAGUENEAU: Oh! oh! É o que veremos!

PRIMEIRO MARQUÊS: Quem é esse Cyrano?

CUIGY: Um sujeito bem instruído em truques de esgrima.

SEGUNDO MARQUÊS: É ele de nobre nascimento?

CUIGY: Sim, nobre o bastante. Ele é cadete da Guarda.

(Apontando para um cavalheiro que está subindo e descendo o salão como se estivesse a procura de alguém): Aquele ali é seu amigo Le Bret, que pode dizer melhor a você.

(Ele o chama): Le Bret!

(Le Bret dirige-se até ele): Procura por De Bergerac?

LE BRET: Sim, Eu estou preocupado...

CUIGY: Não é verdade que ele é o mais estranho dos homens?

LE BRET (ternamente): Sim, e também que ele é o melhor dos seres humanos!

RAGUENEAU: Poeta!

CUIGY: Soldado!

BRISSAILLE: Filósofo!

LE BRET: Músico!

LIGNIERE: E que fantástica presença!

RAGUENEAU: Maravilhosa; até mesmo nosso grande pintor Philippe de Champaigne ficaria embaraçado ao pintá-lo! Segundo me parece, estranho, louco e cômico como ele, somente Jacques Callot, agora morto, saiu-se melhor, e fez dele o mais louco combatente de todo o seu pessoal - com seu chapéu de plumas e roupa de seis pontas - a ponta da espada a aparecer por baixo de seu manto, como uma insolente cauda de galo! Ele é mais orgulhoso do que todos os ferozes Artabans, de quem a Gasconha sempre foi e sempre será a prolífica Alma Mater! Sobre a gola, que nariz ele carrega! - ah, meus bons senhores, que nariz é o dele! Quando alguém o vê, é levado a dizer em boa voz, 'Não! Isto é demais! Ele está tentando pregar uma peça em nós!' Então essa pessoa ri e diz 'Ele irá tirar isso fora.' Mas não! - Senhor de Bergerac sempre o mantém lá.

LE BRET (voltando a cabeça para trás): Ele o mantém lá - e divide em dois qualquer homem que se atrever a observar-lhe o defeito!

RAGUENEAU (orgulhosamente): Sua espada - é feita de uma metade da tesoura do Destino!

PRIMEIRO MARQUÊS (dando de ombros): Ele não virá!

RAGUENEAU: Eu digo que virá! E aposto uma galinha - a la Ragueneau.

O MARQUÊS (rindo): Bom!

(Murmúrios de admiração no salão. Roxane acaba de aparecer em seu camarote. Ela senta-se na frente, a ama atrás. Christian, que está pagando a balconista, não vê sua entrada.)

SEGUNDO MARQUÊS (com pequenos gritos de alegria): Ah, cavalheiros! Ela é incrivelmente - terrivelmente - arrebatadora!

PRIMEIRO MARQUÊS: Quando alguém olha para ela, pensa num pêssego sorrindo para um morango!

SEGUNDO MARQUÊS: E que frescor! Um homem que chegar muito perto dela arrisca-se a ter um calafrio no coração!

CHRISTIAN (erguendo a cabeça, vê Roxane, e segura Ligniere pelo braço): É ela!

LIGNIERE: Ah! é ela?

CHRISTIAN: Sim, diga-me rápido - eu tenho medo.

LIGNIERE (provando alguns tragos de seu rivesalte): Magdaleine Robin - chamada Roxane! Uma sutil inteligência - preciosa.

CHRISTIAN: Ai de mim!

LIGNIERE: Livre. Um órfão. O primo Cyrano, de quem nós estávamos falando.

(Neste momento, um elegante nobre, de faixa azul sobre o peito, entra no camarote, de pé, conversa com Roxane.)

CHRISTIAN (curioso): Quem é aquele homem?

LIGNIERE (que já vai ficando bêbado, piscando para ele): Ha! ha! Conde de Guiche. Enamorado dela. Mas casado com a sobrinha de Armand de Richelieu. Tenta convencer Roxane a casar com um sujeito aborrecido, um certo Monsieur de Valvert, um visconde - e - obsequioso! Ela de forma alguma aceitará tal barganha; mas De Guiche é poderoso, e pode perseguir a filha de um pobre cavalheiro sem título de nobreza. Muito

a propósito, I tenho exposto este seu plano ao mundo em uma canção que... Oh! Ele deve me odiar! O objetivo é alcançado... Ouça!
(Ele se levanta, hesitante, e ergue o copo, pronto para cantar.)
CHRISTIAN: Não. Boa noite.
LIGNIERE: Aonde você vai?
CHRISTIAN: Falar a Monsieur de Valvert!
LIGNIERE: Cuidado! É ele quem vai matar você
(mostrando Roxane com o olhar): Fique onde está - ela está olhando para você.
CHRISTIAN: É verdade!
(Ele permanece olhando para ela. O grupo de batedores de carteira, vendo-o daquele modo, distraído e de boca aberta, chegam perto dele.)
LIGNIERE: Sou eu quem está indo embora. Estou sedento! E estão esperando por mim - nas tavernas!
(Ele sai, cambaleante.)
LE BRET (que esteve percorrendo todo o salão, retornando a Ragueneau, acalmado): Nem sinal de Cyrano.
RAGUENEAU (incrédulo): Tudo igual...
LE BRET: Uma esperança me resta - que ele não tenha visto o programa!
O PÚBLICO: Comecem, comecem!

Cena 1.III.

Os mesmos, menos Ligniere. De Guiche, Valvert, e Montfleury.

UM MARQUÊS (observando De Guiche, que chega do camarote de Roxane, e atravessa o fosso ladeado por obsequiosos nobres, entre eles o Visconde de Valvert): É muito cortês, o senhor De Guiche!

OUTRO: Praga!... Outro gascão!

O PRIMEIRO: Sim, mas um gascão tranqüilo e flexível - é disso que é feito o sucesso deles! Acredite-me, é melhor que o saudemos. (Eles vão até De Guiche.)

SEGUNDO MARQUÊS: Que maravilhosas faixas! Que nome você dá a essa cor, Conde de Guiche? 'Beije-me, querida' ou 'Tímido Cervo'?

DE GUICHE: Esta cor é chamada 'Espanhol doente'.

PRIMEIRO MARQUÊS: Juro! A cor fala a verdade, pois, graças ao seu heroísmo, as coisas irão ficar ruins para a Espanha em Flandres.

DE GUICHE: Subirei no palco! Vocês vêm comigo?

(Ele avança pelo palco, seguido pelos marqueses e cavalheiros. Voltando-se, ele chama): Venha, Valvert!

CHRISTIAN (que a tudo ouve e observa, começa a ouvir seu nome): O visconde! Ah! Atirarei em sua face a minha...

(Ele põe a mão no bolso e encontra lá a mão do batedor de carteira que o está roubando. Ele se volta): Hein?

O BATEDOR DE CARTEIRA: Oh!

CHRISTIAN (segurando-o com força): Eu estava procurando uma luva.

O BATEDOR DE CARTEIRA (sorrindo sem jeito): E encontrou uma mão.

(Mudando de tom, rapidamente num sussurro): Deixe-me ir, entretanto, e eu lhe confiarei um segredo.

CHRISTIAN (ainda o segurando): Qual?

O BATEDOR DE CARTEIRA: Ligniere... aquele que acaba de deixá-lo...

CHRISTIAN (do mesmo jeito): Que tem ele?

O BATEDOR DE CARTEIRA: Sua vida está em perigo. Uma canção composta por ele ofendeu a gente de alta posição - e uma centena de homens - eu entre eles - estamos a postos esta noite...

CHRISTIAN: Cem homens! A postos para que?

O BATEDOR DE CARTEIRA: Não posso dizer - é um segredo...

CHRISTIAN (dando de ombros): Oh!

O BATEDOR DE CARTEIRA (com grande dignidade): ... de profissão.

CHRISTIAN: Onde eles estão a postos?

O BATEDOR DE CARTEIRA: Na Porta de Nesle. No seu caminho para casa. Avise-o.

CHRISTIAN (deixando-o ir): Mas onde eu posso encontra-lo?
O BATEDOR DE CARTEIRA: Procure em todas as tavernas próximas - A Prensa de Vinho Dourada, o Pinheiro, O Cinto que Arrebenta, As Duas Tochas, Os Três Funis e em cada uma deixe um recado para colocá-lo em alerta..
CHRISTIAN: Bom - Irei voando! Ah, os patifes! Cem homens contra um!
(Olhando amorosamente para Roxane): Ah, deixá-la!...
(olhando com ódio para Valvert): e ele!... Mas eu devo salvar Ligniere!
(Ele sai apressado. De Guiche, o visconde, o marquês, todos desapareceram atrás da cortina para tomar seus lugares nas cadeiras colocadas no palco. O fosso está completamente cheio; as galerias e camarotes igualmente.)
O PÚBLICO: Comecem!
O CIDADÃO (cuja peruca foi "pescada" pela linha por um pajem da galeria superior): Minha peruca!
GRITOS DE ALEGRIA: Ele é careca! Bravo, pajens - ha! ha! ha!...
O CIDADÃO (furioso, sacudindo o punho fechado): Jovem vilão!
RISOS E GRITOS (iniciando muito altos e decaindo gradualmente): Ha! ha! ha! ha! ha! ha!

(Silêncio total.)

LE BRET (surpreendido): Que significa este repentino silêncio?...
(Um espectador diz algo para ele em voz baixa): É verdade?
O ESPECTADOR: Acabo de ouvir de uma grande autoridade.
MURMÚRIOS (propagando-se pelo salão): Shhh! É ele? Não! Sim, Eu digo!
No camarote com barreiras à frente! O Cardeal! O Cardeal! O Cardeal!
UM PAJEM: Diabos! Agora nós teremos que nos comportar...
(Uma pancada é ouvida sob o palco. Todos estão imóveis. Uma pausa.)
A VOZ DE UM MARQUÊS (no silêncio, atrás da cortina): Apague aquela vela!
OUTRO MARQUÊS (pondo a cabeça através da cortina aberta): Uma cadeira!
(Uma cadeira é passada de mão em mão, por sobre as cabeças do espectadores. O marquês a recebe e desaparece, depois de jogar alguns beijos aos camarotes.)
UM ESPECTADOR: Silêncio!

(Três batidas são ouvidas no palco. A cortina se abre no centro do palco. Os marqueses em atitudes insolentes sentados um em cada lado do palco. A cena representa uma paisagem campestre. Quatro pequenos lustres iluminam o palco; os violinos tocam suavemente.)

LE BRET (em voz baixa a Ragueneau): Montfleury aparece nesta cena?
RAGUENEAU (também em voz baixa): Sim, é ele quem começa.
LE BRET: Cyrano não está lá.
RAGUENEAU: Perdi a aposta.
LE BRET: Essa é a melhor parte!

(Um toque de flauta é ouvido, e Montfleury entra, enormemente gordo, em veste de pastor árcade, usando um chapéu coberto de rosas e inclinado, a encobrir-lhe um ouvido, soprando uma flauta.)

O FOSSO (aplaudindo): Bravo, Montfleury! Montfleury!
MONTFLEURY (após tocar baixo, inicia a parte do Fédon): 'Heureux qui loin des cours, dans un lieu solitaire,
Se prescrit a soi-meme un exil volontaire,
Et qui, lorsque Zephire a souffle sur les bois... '
UMA VOZ (do meio do palco): Vilão! Eu não lhe proibi de mostrar sua face aqui por um mês?
(Estupor geral. Todos olham em redor. Murmúrios.)

DIFERENTES VOZES: Hein? - Que? - que é isso?...

(A multidão põe-se de pé nos camarotes para olhar.)

CUIGY: É ele!

LE BRET (aterrorizado): Cyrano!

A VOZ: Rei dos palhaços! Deixe o palco neste instante!

TODA A AUDIÊNCIA (com indignação): Oh!

MONTFLEURY: Mas...

A VOZ: Você ousa me desafiar?

DIFERENTES VOZES (do fosso e dos camarotes): Paz! Chega! - Represente, Montfleury - nada tema!

MONTFLEURY (voz trêmula): 'Heureux qui loin des cours, dans un lieu sol - '

A VOZ (mais ferozmente): Bem! Chefe de todos os vilões, eu vou ter que descer e dar a você uma prova da minha bengala?

(Uma mão segurando uma bengala aparece sobre as cabeças dos espectadores.)

MONTFLEURY (de voz cada vez mais trêmula): 'Heureux qui... '

(A bengala é agitada.)

A VOZ: Fora do palco!

O FOSSO: Oh!

MONTFLEURY (engasgado): 'Heureux qui loin des cours... '

CYRANO (aparecendo de repente no fosso, de pé sobre uma cadeira, os braços cruzados, o chapéu erguido ferozmente, bigode eriçado e um nariz terrível de ver): Ah! Eu me enfurecerei num minuto!...

(Emoção.)

Cena 1.IV.

O mesmo. Cyrano, e Bellerose, Jodelet.

MONTFLEURY (aos marqueses): Socorram-me, senhores!

UM MARQUÊS (descuidadamente): Ataque! Ataque!

CYRANO: Homem gordo, esteja avisado! Se você vier, eu me sentirei forçado a esmurrar sua face!

O MARQUÊS: Já o fez!

CYRANO: E se esses senhores não moderarem a língua, eu serei compelido a fazê-los provarem da minha bengala! TODOS OS MARQUESES (erguendo-se): Basta!... Montfleury...

CYRANO: Se ele não for rápido eu corto seus ouvidos e o parto ao meio!

UMA VOZ: Mas...

CYRANO: Ele irá embora!

OUTRA VOZ: Ainda não...

CYRANO: Ele ainda não se foi? (Ele ergue os punhos): Bem! Eu devo subir no palco agora, para dar uma lição a essa língua italiana na base do cacete - assim!

MONTFLEURY (tentando agir dignamente): O senhor ultraja a Thalia ao me insultar!

CYRANO (bastante polido): Se essa Musa, senhor, da qual o você nada sabe, tivesse conhecimento de sua existência - oh, acredite (vendo quão inchado, gordo e lento você é) : ela lhe faria provar da sola do seu coturno!

O FOSSO: Montfleury! Montfleury! Venha - Baro está em cena!

CYRANO (àqueles que estão gritando): Rezo para que tenhas cuidado! Se atacares, minha bainha logo dará vez à sua lâmina!

(O círculo ao redor deles amplia-se.)

A MULTIDÃO (recuando): Tome cuidado!

CYRANO (a Montfleury): Deixe o palco!

MULTIDÃO (aproximando-se e resmungando): Oh!

CYRANO: Disseram alguma coisa?

(Eles recuam novamente.)

UMA VOZ (cantando ao fundo): Monsieur de Cyrano, Mostra sua crueldade:
Um figo para os tiranos! Olhem!

Venham! Cantem 'La Clorise!'

TODO O FOSSO (cantando): 'La Clorise!' 'La Clorise!'...

CYRANO: Deixe-me ouvir somente mais uma vez aquela estúpida rima. Eu
rio de homens como vocês.

UM CIDADÃO: Oh! Sansão?

CYRANO: Sim, Sansão! Me emprestaria sua queixada, Senhor?

UMA SENHORA (nos camarotes): Ultrajante!

UM LORD: Escandaloso!

UM CIDADÃO: Tremendamente aborrecido!

UM PAJEM: Maravilhoso esporte!

O FOSSO: Shhh! - Montfleury... Cyrano!

CYRANO: Silêncio!

O FOSSO (bastante animado): Ho-o-o-o-h! Quac!

CYRANO: Eu peço...

A PAJEM: Miau!

CYRANO: Eu peço silêncio a todos! E desafio a qualquer um no fosso! -
eu escrevo seus nomes! - Aproximem-se jovens heróis, até aqui! Um de
cada vez! Anunciarei os números! - Qual de vocês deseja abrir a lista?
Você, senhor? Não! Você? Não! O primeiro a duelar será despachado por
mim com as honras devidas! Todos os que desejem a morte mantenham as
mãos erguidas! (Silêncio): Modesto? Teme a visão de minha espada nua?
Nenhum nome - Nenhuma mão? - Bem, eu prossigo! (Encaminhando-se ao
palco, onde Montfleury aguarda angustiado): O teatro está muito cheio,
congestionado. - Eu deveria esvaziá-lo... Senão... (Leva a mão à
espada): O ferro terá de agir!

MONTFLEURY: Eu...

CYRANO (deixa sua cadeira e se posiciona no meio do círculo formado):
Baterei palmas três vezes, assim! À terceira batida, sumam-se vocês
todos!

O FOSSO (divertindo-se): Ah!

CYRANO (batendo palmas): Um!

MONTFLEURY: Eu...

UMA VOZ (nos camarotes): Fique!

O FOSSO: Ele fica... ele vai ... ele fica...

MONTFLEURY: Eu acho... Cavalheiros,...

CYRANO: Dois!

MONTFLEURY: Eu acho que seria mais inteligente...

CYRANO: Três! (Montfleury desaparece como se apanhado numa armadilha.
Tempestade de risos, assobios etc.)

A CASA INTEIRA: Covarde... volte!

CYRANO (deleitado, senta novamente em sua cadeira, braços cruzados):
Volte se tiver coragem!

UM CIDADÃO: Chame o orador!

(Bellerose vai até ele e o aplaude.)

OS CAMAROTES: Ah! Aí está!

BELLEROSE (elegantemente): Meus nobres lordes...

O FOSSO: Não! não! Jodelet!

JODELET (avançando, falando pelo nariz): Calves!

O FOSSO: Ah! bravo! bom! prossiga!

JODELET: Nada de bravos, Senhores! O trágico balofo por quem vocês
tanto amor sentiam...

O FOSSO: Covarde!

JODELET: ... foi obrigado a sair.

O FOSSO: Vá embora!

ALGUÉM: Não!

OUTROS: Sim!

UM JOVEM (a Cyrano): Diga-me, senhor, por que razão odeia Montfleury?

CYRANO (bondosamente, ainda sentado): Viçoso ganso, saiba que tenho duas razões - qualquer uma já é suficiente. Primeiro. Um ator abominável! Balbuciante, que se ergue como um balde de um poço. Os versos, que deveriam ser como pássaros, voam! Segundo - É um segredo...

O VELHO (atrás dele): Vergonhoso! Você nos privou de 'Clorise!' Eu devo insistir...

CYRANO (respeitosamente, voltando sua cadeira para o velho): Velha mula! Os versos do velho Baro não valem um centavo! Estou feliz por interromper...

AS PRECIOSAS (nos camarotes): Nosso Baro! - Meu querido! Como ele enfrenta a sorte!...

CYRANO (galantemente voltando a cadeira para os camarotes): Belas, radiosas, flores, despejem em nossos lábios, deusas, a taça de sonhos inebriantes! Ou, quando a morte vier, a encantadora morte com os seus doces sorrisos, inspirem nossos versos - criticá-los, jamais!

BELLEROSE: Teremos que devolver as entradas!

CYRANO (voltando a cadeira para o palco): Bellerose, você fez a primeira observação inteligente! Deveria eu arrancar o sagrado manto de Téspis? Não! (Ele se ergue e atira uma bolsa no palco): Apanhem a bolsa que atirei e fiquem em paz!

A CASA (fascinada): Ah! Oh!

JODELET (apanhando a bolsa habilmente e sopesando-a): Por este preço, você tem autoridade para vir aqui toda noite e interromper 'Clorise,' Senhor!

O FOSSO: Oh!... Oh! Oh!...

JODELET: Mesmo se você nos perseguir em bandos!...

BELLEROSE: Esvaziem o salão!...

JODELET: Saiam de uma vez!

(As pessoas começam a sair, enquanto Cyrano observa com satisfação. Mas o povo logo se detém ouvindo a cena seguinte e permanece onde está. As mulheres, com suas mantas, já estavam de pé nos camarotes, paradas a ouvir, e finalmente tomam assento outra vez.)

LE BRET (a Cyrano): Isto é mau!...

UM IMPERTINENTE (subindo até Cyrano): O ator Montfleury! É vergonhoso! Saiba que ele é o protegido do Duque de Candali! Você tem um padrinho?

CYRANO: Não!

O IMPERTINENTE: Nenhum padrinho?...

CYRANO: Nenhum!

O IMPERTINENTE: Quê! Nenhum grande lorde a lhe dar cobertura?

CYRANO (irritado): Não, já disse duas vezes! Tenho de repetir?

Não! Nenhum protetor...

(Leva a mão à espada): Uma protetora... Aqui!

O IMPERTINENTE: Você deixará a cidade?

CYRANO: Bem, isso depende!

O IMPERTINENTE: O duque tem um longo braço!

CYRANO: Mas não tão longo quanto o meu, quando distendido...

(Mostrando a espada): Assim!

O IMPERTINENTE: Não me diga que pensa em lutar?

CYRANO: É meu pensamento!

O IMPERTINENTE: Mas...

CYRANO: Mostre os calcanhares! agora!

O IMPERTINENTE: Mas eu...

CYRANO: Ou então me diga por que olha tão fixamente para o meu nariz!

O IMPERTINENTE (assustado): Eu...

CYRANO (caminhando até ele): Bem, o que há de estranho?

O IMPERTINENTE (recuando): Sua Graça está enganado!

CYRANO: Como? Não é liso e balançante, como uma tromba?...

O IMPERTINENTE (do mesmo modo): Eu nunca...

CYRANO: É curvo como um bico de coruja?

O IMPERTINENTE: Eu...

CYRANO: Você vê uma verruga na ponta?
O IMPERTINENTE: Não...
CYRANO: Ou uma mosca tomando ar aqui? O que há para se olhar?
O IMPERTINENTE: Oh...
CYRANO: O que você vê?
O IMPERTINENTE: Mas eu não estava interessado em olhar - melhor dizendo.
CYRANO: E por que não olha para ele, se agrada a você?
O IMPERTINENTE: Eu estava...
CYRANO: Oh! Enoja a você!
O IMPERTINENTE: Senhor!
CYRANO: Parece mórbido a você?
O IMPERTINENTE: Senhor!
CYRANO: Ou seria o formato?
O IMPERTINENTE: Não, pelo contrário!...
CYRANO: Por que então esse ar depreciativo? - possivelmente você o ache muito grande?
O IMPERTINENTE (gaguejando): Não! Pequeno, muito pequeno - insignificante!
CYRANO: Insignificante! E essa agora? Acusa-me de algo ridículo! Pequeno - o meu nariz?
O IMPERTINENTE: Que os céus me ajudem!
CYRANO: É enorme!
Velho estúpido, cabeça-oca intrometido, saiba que eu sou orgulhoso de possuir tal apêndice. Como é sabido, um nariz grande é indicativo de uma alma afável, generosa, cortês, liberal, corajosa, como a minha e que você jamais sonhará ter, crápula desprezível! Cujas face de idiota minha mão logo irá esbofetear - você que é tão vazio ... (Esbofeteia-o).
O IMPERTINENTE: Ai!
CYRANO: ... de orgulho, de aspirações, de sentimento, de poesia - de centelha divina, de tudo o que pertence ao meu grande nariz, (Ele o vira, segurando-lhe pelos ombros, combinando a ação com o discurso): E ... que a minha bota irá dentro em pouco chutar!
O IMPERTINENTE (correndo): Socorro! Chamem a Guarda!
CYRANO: Tomem conhecimento, idiotas, que quem vir no ornamento central do meu rosto algum motivo de gracejo - o que é rotina - e se o palhaço for um nobre - ele terá de provar de minha espada, e não de minha bota!
DE GUICHE (que, com os marqueses, desceu do palco): Mas ele se tornou insuportável!
O VISCONDE DE VALVERT (dando de ombros): Arrogante!
DE GUICHE: Ninguém vai dar-lhe uma lição?...
O VISCONDE: Ninguém? Espere! Eu preparei para ele... uma das minhas troças!... Veja!... (Ar convencido, ele vai até Cyrano, que o observa): Senhor, seu nariz é... hmm... É... muito grande!
CYRANO (grave): Muito!
O VISCONDE (rindo): Ha!
CYRANO (imperturbável): Isso é tudo?...
O VISCONDE: Que você quer dizer?
CYRANO: Ah, não! Jovem valente! Aquilo foi muito suave! Você deveria ter dito uma centena de coisas para variar... algo, digamos...
Agressivo: 'Senhor, se eu tivesse um nariz como o seu, eu o amputaria!'
Amistoso: 'Quando você bebe, isso deve incomodá-lo enfiando-se em sua taça; você precisa beber numa tigela de formato especial!'
Descritivo: 'Isso é uma pedra!... Um pico!... Um cabo! - Um cabo, certamente! Isso é uma península!'
Curioso: 'Para que serve esse retângulo oco? É para cortar a roupa? Ou é um pote de tinta?'
Gracioso: 'Você ama passarinhos, não é? Vejo que você arrumou um

espaçoso poleiro para eles pousarem!'

Truculento: Quando você fuma cachimbo... imagino que a fumaça lhe saia pelo nariz - será que à medida que a fumaça ganha altura os circunstantes não clamam em desespero: "A chaminé está pegando fogo"?

Respeitoso: 'Cuidado... sua cabeça pendeu para baixo com tanto peso... Cuidado para que ela não lhe caia sobre os pés!'

Suave: 'Rogo-lhe que mande fazer uma pequena sombrinha para o brilho dele não ser ofuscado pelo sol.'

Pedante: 'O que aquele estúpido Aristófanes chamava de Hippocamelelephantoles devia ter possuído uma sólida protuberância de carne e osso como aquela na testa!'

Cavaleiro: 'Amigo, este gancho é a última moda? Seria para pendurar chapéus? Daria uma útil bengala!'

Enfático: 'Nenhum vento, Ó majestoso nariz, pode resfriar-te - a não ser o mistral!'

Dramático: 'Quando ele sangra, é um Mar vermelho!'

Admirado: 'Uma tabuleta de perfumaria!'

Lírico: 'Isso é uma concha?... Você é um tritão?'

Simples: 'Quando o monumento estará à mostra?'

Rústico: 'Que nariz é esse? Deus do Céu! É uma abóbora anã ou um nabo premiado?'

Militar: 'Ponto contra a cavalaria!'

Prático: 'Coloque-o no sorteio! Certamente seria o maior prêmio'

Ou... parodiando os suspiros de Píamo... 'Contemplem o nariz que estraga a harmonia da essência de seu mestre! Envergonhar-se é uma traição!' - Isso, meu caro senhor, era o que você deveria ter dito, tivesse alguma sabedoria ou um mínimo de letras: Mas, Ó mais lamentável dos homens! - de sabedoria você nunca teve um átomo e letras, você só tem quatro - ASNO! E - tivesse você sabedoria suficiente para me ofender com todas as zombarias, eu lhe teria pagado antes desta nobre audiência... Ainda assim, não lhe seria permitido expressá-las - Não, nem a metade ou um quarto de tantos gracejos! Eu os guardo para mim mesmo, a todos em bom lugar, mas não os de algum homem que respire!

DE GUICHE (tentando retirar dali o apavorado visconde): Queira sair, Visconde!

O VISCONDE (sufocado de ódio): Ouça sua arrogância! Um bronco, grosseiro que... que... não usa luvas! Que sai sem capa, fitas nem laços!

CYRANO: Sim; toda a minha elegância está dentro. Eu não me enfeito como um cachorrinho; minha vestimenta é tanto mais perfeita quanto menos alegre; eu não seria - meio que aliviado de toda afronta atirada em minha face - uma consciência mal-vista, biliosa, de sono molhado, uma confusa honra... escrúpulos sujos e entorpecidos! Eu não mostro bravura por jóias brilhantes. Verdade e independência são minhas bandeiras. Não é do meu feitio enfeitar-me para ficar elegante, mas cerque minha alma de esforços, assim como de paciência. Repleto de façanhas, não com nós de fitas, meu espírito se eriça como o seu bigode, e eu, atravessando as multidões e enfrentando as pessoas, faço a verdade ecoar bravamente, como uma briga de esporas!

O VISCONDE: Mas, Senhor...

CYRANO: Não uso luvas? E daí? Eu tinha uma... remanescente de um par já velho e gasto, e, não sabendo mais o que fazer com ela, eu a atirei na face de... algum jovem tolo.

O VISCONDE: Patife ordinário! Pé-chato grosseiro e perverso!

CYRANO (tirando o chapéu e aplaudindo, como se o visconde tivesse se apresentado): Hã?... e eu sou Cyrano Savinien Hercule de Bergerac

(Risos.)

O VISCONDE (furioso): Bufão!

CYRANO (falando alto, como que tomado por um espasmo): Eia! Eia!
O VISCONDE (que já estava saindo, retorna): Que diabos este sujeito está fazendo agora?
CYRANO (com caretas de dor): Precisa ser removido - está ficando mais forte, eu juro, - de tanto ficar na ociosidade! Ai!...
O VISCONDE: O que o aflige?
CYRANO: A câimbra! Câimbra em minha espada!
O VISCONDE (desembainhando a espada de Cyrano): Ótimo!
CYRANO: Você irá sentir um golpe levemente agradável!
O VISCONDE (desdenhosamente): Poeta!...
CYRANO: Sim, poeta, Senhor! Como prova do que digo, enquanto duelamos, presto! Inteiramente de improviso, comporei uma balada.
O VISCONDE: Uma balada?
CYRANO: Ao que parece você não sabe o que é uma balada.
O VISCONDE: Mas...
CYRANO (recitando, como se repetisse uma lição): Saiba então que uma balada deve conter coplas com três oitavas...
O VISCONDE (impressionado): Oh!
CYRANO (ainda recitando): E uma dedicatória de quatro linhas...
O VISCONDE: Você...
CYRANO: Farei uma enquanto duelamos; e tocarei você no último verso.
O VISCONDE: Não!
CYRANO: Não? (declamando):
O duelo no Hotel Burgundy- travado
por De Bergerac e um desmiolado!
O VISCONDE: Que vem a ser isso, por favor?
CYRANO: O título.
A CASA (em grande excitação): Dêem espaço! - Bom esporte! - Abram alas! - Jogo Limpo! - Façam silêncio!

(Palco. Um círculo de curiosos espectadores no fosso; os marqueses e os policiais misturados com as pessoas comuns; os pajens, apóiam-se nos ombros uns dos outros para ver melhor. Todas as mulheres ficam de pé nos camarotes. À direita, de Guiche e seus acompanhantes. À esquerda, Le Bret, Ragueneau, Cyrano etc.)

CYRANO (fechando os olhos por um segundo): Espere enquanto eu seleciono minhas rimas... Já as tenho!
(Ele faz as palavras acompanharem a ação):
Alegremente eu tiro o chapéu,
E, liberando mãos e calcanhares,
De meu pesado manto eu me livro
E desembainho minha polida espada;
Graciosa como Febo, giro nos calcanhares,
Alerta como Scaramouch,
Uma palavra em seu ouvido eu introduzo, senhor fagulha -
Ao final da homenagem, touché!
(Eles se aproximam): Melhor você descansar agora;
Onde espetá-lo? No sapato? -
No coração, a sua faixa ainda está azul? -
Na coxa, você cairá de joelhos? -
Ó doce música, o embate do aço!
- E agora? - Um toque? Nem tanto!
Será na barriga o golpe que darei
Quando, na homenagem, eu o atingir.
Ó uma rima, uma rima em 'ou'?
Você rodopia, cintura-dura, minha enguia?
Uma rima! Uma rima! Para combinar com a pena branca que você mostrou!
Upa! Eu me desviei do golpe que você visava;
- Do golpe com que você esperava me atingir;
Eu abro a guarda, avance agora

O seu espeto, senhor inútil - lerdado de entusiasmo!
E ao fim da homenagem, touché.
(Ele declama solenemente): Dedicatória.
Príncipe, ore aos céus pela sorte de sua alma!
Eu dou um passo - olhe, assim! e assim!
Um talho - uma finta!
(Avançando): Que é isso! Você vacila?
(O Visconde cambaleia. Cyrano saúda): Ao final da homenagem, touché!
(Aclamações. Aplausos nos camarotes. Flores e lenços são atirados para baixo. Os oficiais cercam Cyrano, congratulando-o. Ragueneau dança de alegria. Le Bret está feliz, mas ansioso. Os amigos do Visconde põem-no de pé e levam-no amparado.)
O POVO (em um longo brado): Ah!
UM SOLDADO: Soberbo!
UMA MULHER: Que belo golpe!
RAGUENEAU: Uma maravilha!
UM MARQUÊS: Uma descoberta!
LE BRET: Ó louco!
O POVO (comprimindo-se ao redor de Cyrano. Em coro): Cumprimentos!
Bravo! Deixe-me cumprimentá-lo!... Absolutamente sem adversários!...
UMA VOZ DE MULHER: Há um herói para você!...
UM MOSQUETEIRO (avançando até Cyrano com a mão estendida): Senhor, permita-me; Ninguém poderia ser melhor - é o que julgo; Garanto-lhe, de boa-fé! - para mostrar minha admiração! (Ele se vai.)
CYRANO (a Cuihy): Quem é aquele cavalheiro?
CUIHY: Por que - D'Artagnan?
LE BRET (a Cyrano, tomando-o pelo braço): Uma palavra com você!...
CYRANO: Espere; deixe a multidão sair!... (A Bellerose): Devo ficar?
BELLEROSE (respeitosamente): Sem dúvida! (Um clamor é ouvido lá fora.)
JODELET (olhando para fora): Estão vaiando Montfleury!
BELLEROSE (solenemente): Sic transit!... (Aos porteiros): Varram - fechem tudo, mas deixem as luzes acesas.
Vamos jantar, porém mais tarde voltaremos para um ensaio da farsa de amanhã.

(Jodelet e Bellerose saem, aplaudindo baixo a Cyrano.)

O PORTEIRO (a Cyrano): Não janta, senhor?
CYRANO: Não.
(O porteiro sai.)
LE BRET: Por quê?
CYRANO (Orgulhosamente): Porque... (Mudando de tom assim que o porteiro desaparece): ...não tenho dinheiro!...
LE BRET (fazendo o gesto de quem atira uma bolsa): Como! E a bolsa de moedas?...
CYRANO: Generosidade paterna, em um dia, tu te foste!
LE BRET: Como viverá no mês que vem?...
CYRANO: Não ficou nada comigo.
LE BRET: Estupidez!
CYRANO: Mas que graciosa ação! Pense bem!
UMA BALCONISTA (tossindo, atrás de sua bancada): Hum! (Cyrano e Le Bret voltam. Ela segue timidamente): Senhor, meu coração não gosta de saber do seu jejum. (Exibindo a mesa): Veja, tudo o que o senhor precisa. Sirva-se!
CYRANO (tirando o chapéu): Gentil criança, Ainda que meu orgulho gascão proíba Que eu receba a menor dádiva das suas mãos, Meu medo de magoá-la sobrepuja esse orgulho E ordena que eu aceite... (Ele vai até a mesa): Que ninharia!... Poucas uvas. (Ela oferece-lhe o cacho inteiro. Ele retira algumas uvas): Não, somente este cacho!... (Ela tenta oferecer-lhe vinho, mas ele a impede): Um copo de água limpa!... E metade de um biscoito! (Ele devolve a outra metade.)

LE BRET: Que estupidez!

A BALCONISTA: Tome um pouco mais!

CYRANO: Eu tomo suas mãos para beijá-las. (Ele beija suas mãos como se ela fosse uma princesa.)

A BALCONISTA: Obrigada, bondoso Senhor! (Ela o saúda): Boa-noite. (Ela sai.)

Cena 1.V.

Cyrano, Le Bret.

CYRANO (a Le Bret): Agora fale - eu ouço. (Ele pára diante da mesa, e colocando à sua frente o biscoito): Jantar!...

(então as uvas): Sobremesa!... (então o copo d'água): Vinho!... (ele se senta): Bom! Vamos à mesa! Ah! Eu estava faminto, amigo, não esfomeado! (comendo): Você dizia?

LE BRET: Esses almofadinhas podem ser muito hostis, E serão, se você não estiver atento. Olhe para mim!... Pergunte às pessoas de bom senso se você tem alguma noção das conseqüências de sua admirável ousadia.

CYRANO (terminando o biscoito): Enorme!

LE BRET: O cardeal...

CYRANO (radiante): O cardeal - ele estava aqui?

LE BRET: ...deve ter meditado sobre o que ocorreu...

CYRANO: Sim, decerto!

LE BRET: Mas...

CYRANO: Ele é autor também. Não irá desagradá-lo se eu estragar a peça de um concorrente.

LE BRET: Há muito você vem fazendo inimigos!

CYRANO (comendo as uvas): Quantos você acha que eu fiz esta noite?

LE BRET: Quarenta, não menos, contando as senhoras.

CYRANO: Enumere-os!

LE BRET: Primeiro, Montfleury, os burgueses, e também De Guiche, o visconde, Baro, a Academia...

CYRANO: Basta! Já estou regozijado!

LE BRET: Aonde esses estranhos caminhos o levarão? Até o final? Explique-me seu sistema - venha!

CYRANO: Eu estava perdido em um labirinto - muitos caminhos diferentes para escolher; tomei o caminho...

LE BRET: Qual?

CYRANO: Oh! De longe o mais simples... Decidi ser admirável em tudo!

LE BRET (dando de ombros): Então seja! Mas o motivo de seu ódio a Montfleury - venha, diga-me!

CYRANO (erguendo-se): Este Sileno, barrigudo e grosseiro ainda corre grande risco -

Um perigo ao amor de jovens senhoras, e, enquanto ele atua no palco, arregala os olhos aos camarotes - sapo de olhar esbugalhado! Eu o odeio desde a noite em que ele ousou erguer os olhos até ela... Pareceu-me ter visto uma lesma arrastar-se, e babar sobre as pétalas de uma flor!

LE BRET (estupefato): E essa agora? Quê? Quem podia pensar... ?

CYRANO (rindo amargamente): Que eu amaria?... (Mudando de tom, gravemente): Eu amo.

LE BRET: Pode-se saber quem é?... Você nunca disse...

CYRANO: Venha cá, considere!... A mais profunda esperança de ser amado, mesmo por donzela pobre de encantos,

é, por este meu nariz, logo posta abaixo;

- esse imenso nariz que, onde quer que eu vá

está sempre um quarto de milha à minha frente;

Mas eu amei - e quem? Por um decreto do destino

Eu amo a mais bela - poderia ser de outro modo?

LE BRET: A mais bela?...

CYRANO: Sim, a mais bela do mundo, mais resplandecente - mais refinada

- mais loira!

LE BRET: Quem é esta senhora?

CYRANO: Ela é um perigo mortal, com certeza -

Cheia de um charme inconsciente, como

Uma doce rosa perfumada - uma armadilha da natureza,

Em cujas pétalas Cupido, escondido, prepara uma cilada!

Aquele que vê seu sorriso conhece a perfeição - instilando em brincadeiras a doçura da graça divinamente em cada gesto descuidado; Nem a própria Vênus pode elevar-se de sua concha no mar, com o mesmo porte que ela tem ao subir na carruagem, nem Diana se move por entre a floresta primaveril tão rápido como minha senhora sobre as rochas de Paris!...

LE BRET: Sapristi! Tudo está claro!

CYRANO: Como teias de aranha!

LE BRET: É sua prima, Madeleine Robin?

CYRANO: Roxane!

LE BRET: Bem, tanto melhor! Diga-lhe, então! Ela viu seu triunfo aqui esta noite!

CYRANO: Olhe bem para mim - então diga-me, com que esperança pode esta vil protuberância inspirar meu coração! Eu não me acalmo com ilusões - ainda que algumas vezes eu me sinta fraco: às horas turvas do anoitecer, sinto uma sensação agradável, um doce perfume; com meu pobre, feio e maldito nariz eu aspiro à essência da primavera - nos raios prateados eu vejo um cavaleiro - com uma senhora nos braços, e penso 'Para vagar assim ao luar, eu gostaria de ter minha senhora junto a mim!' O pensamento levanta vôo ao êxtase... Ó queda repentina! - Vejo a sombra do meu perfil projetada na parede!

LE BRET (suavemente): Meu amigo!...

CYRANO: Meu amigo, às vezes é difícil, é amargo sentir solidão como a minha - por minha própria vontade enferma...

LE BRET (tomando-lhe a mão): Você chora?

CYRANO: Não, nunca! Pense, quão odiosamente uma lágrima teria de forçar passagem por esse nariz! Jamais permitirei, enquanto tiver controle sobre mim mesmo, que a dignidade das lágrimas - sua beleza - seja vinculada a tão feios modos. Nada é mais solene do que uma lágrima - nem mais sublime; e eu não gostaria que, do choro, passasse ao riso, a grave emoção que a lágrima engendra!

LE BRET: Nunca se entristeça! O que é o amor? - um acaso da Fortuna!

CYRANO (balançando a cabeça): Vê-me como César a cortejar Cleópatra?

Como Tito a aspirar Berenice?

LE BRET: Quanta coragem e sabedoria! - a pequena garota que lhe ofereceu refeição ainda há pouco, os olhos dela não lhe reprovaram - você bem viu!

CYRANO (impressionado): É verdade!

LE BRET: Bem, e então?... eu vi como Roxane tinha uma palidez de morte observando o duelo

CYRANO: Palidez?

LE BRET: Seu coração, sua fantasia já foram apanhados! Ponha-as ao seu alcance!

CYRANO: Será que ela iria zombar do meu rosto? Esta é a única coisa na face da terra que eu temo!

O PORTEIRO (introduzindo alguém a Cyrano): Senhor, alguém pergunta por vós...

CYRANO (vendo a ama): Deus! A sua ama!

Cena 1.VI.

Cyrano, Le Bret, a ama.

A AMA (com uma leve mesura): Desejava perguntar ao senhor onde uma certa senhora poderia ver seu valente primo - mas em segredo.

CYRANO (estupefato): Ver a mim?

A AMA (gentilmente): Sim, senhor! Ela tem algo a lhe dizer.
CYRANO: O quê?...
A AMA (ainda gentilmente): Hã, assuntos particulares!
CYRANO (hesitante): Ó, meu deus!
A AMA: Amanhã, ao primeiro rubor da aurora, ouvir a massa em St. Roch.
CYRANO (inclinando-se a Le Bret): Meu Deus!
A AMA: Depois - onde travar uma entrevista de uns poucos minutos?
CYRANO (confuso): Onde? Ah!... mas... Oh, meu deus!...
A AMA: Diga!
CYRANO: Estou pensando!...
A AMA: Onde?
CYRANO: Na - pastelaria de Ragueneau.
A AMA: Onde é?
CYRANO: Na rua - Deus! - St. Honoré!
A AMA (indo): Bom. Esteja lá. Às sete.
CYRANO: Sem falta.
(a ama se vai.)

Cena 1.VII.

Cyrano, Le Bret. E atores, atrizes, Cuigy, Brissaille, Ligniere, o porteiro, os violinistas.

CYRANO (caindo nos braços de Le Bret): Uma entrevista... com ela!...
LE BRET: Você não é mais triste!
CYRANO: Ah! Dane-se o mundo! Ela sabe que eu existo!
LE BRET: Agora você ficará calmo? Eu espero.
CYRANO (cheio de contentamento): Calmo? Eu calmo, agora? Eu ficarei frenético, louco - delirantemente louco! - para atacar um exército - uma multidão! Eu trago dez corações no peito; vinte braços; Não há anões para parti-los em pedaços!... (Selvagemente): Não! Gigantes agora!

(Por alguns momentos as sombras dos atores movem-se pelo palco, sussurros são ouvidos - o ensaio está começando. Os violinistas estão em seus lugares.)

UMA VOZ DO PALCO: Vocês aí! Silêncio! Estamos ensaiando!
CYRANO (rindo): Vamos!
(Ele sai. Pela grande porta entram Cuigy, Brissaille, e outros oficiais, amparando Ligniere, que está bêbado.)
CUIGY: Cyrano!
CYRANO: Bem, que é agora?
CUIGY: Um pássaro gordo que eles trazem para você!
CYRANO (reconhecendo-o): Ligniere!... Que aconteceu?
CUIGY: Ele está procurando você!
BRISSAILLE: Ele diz que você não deve ir para casa!
CYRANO: Por que não?
LIGNIERE (com a voz rouca, mostrando-lhe uma carta amarrotada): Esta carta avisa-me... de que cem homens... a vingança me ameaça... aquela música, você conhece - na Porta de Nesle. Para ir até minha casa eu tenho de passar por lá... e não estou disposto!... Deixe-me dormir esta noite sob seu teto! Permita...
CYRANO: Cem homens? Você vai dormir na sua cama!
LIGNIERE (aterrorizado): Mas -
CYRANO (com voz terrível, mostrando-lhe a lanterna segurada pelo porteiro, que ouve curiosamente): Tome a lanterna. (Ligniere a agarra): Vamos começar! Juro que farei sua cama eu mesmo esta noite! (Para os oficiais): Sigam-me; outros fiquem atrás, como testemunhas!
CUIGY: Cem!...
CYRANO: Menos, esta noite - seria pouco!

(Os atores e atrizes, em seus trajes, vêm do fundo do palco, e ficam ouvindo.)

LE BRET: Mas por que você se mete nisso?

CYRANO: Le Bret é quem reclama!

LE BRET: Aquele bêbado desprezível! -

CYRANO (dando um tapinha no ombro de Ligniere): Por quê? Por isso - Aquele barril de vinho, aquele tonel de Burgundy fez, certo dia, uma ação cheia de Graça; quando ele deixava a igreja, viu seu amor tomar água benta - ele, que é pouco afeito ao contato com a água, correu rapidamente até a pia batismal, e bebeu tudo, até a última gota!...

UMA ATRIZ: Deveras, foi uma grande coisa!

CYRANO: Sim, não foi?

UMA ATRIZ (aos outros): Mas por que cem homens contra uma pobre poeta?

CYRANO: Marchem! (Aos oficiais): Cavalheiros, quando me virem atacar, não me prestem nenhum socorro, nenhum, aconteça o que acontecer!

OUTRA ATRIZ (pulando para dentro do palco): Oh! Eu gostaria de ir!

CYRANO: Venha, então!

OUTRO (pulando para baixo - a um velho ator): E você?...

CYRANO: Venham todos - o doutor, Isabel, Leander, venham e adicionem, em variada multidão, a farsa italiana a este drama espanhol!

TODAS AS MULHERES (dançando de alegria): Bravo! - um manto, rápido! - meu capuz!

JODELET: Vamos!

CYRANO: Toquem uma marcha, cavalheiros da banda!

(Os violinistas seguem a procissão, que está se formando. Eles tomam as luzes do palco e as usam como tochas):

Bravos oficiais! A seguir, mulheres em traje e, vinte passos adiante - (Ele toma lugar): Somente eu, entre as plumas que a Glória outorga para adornar meu chapéu - orgulhoso como Cipião!... - ouvem-me? - eu proibi o auxílio de vocês! - Um, dois, três! Porteiro, escancare as portas! (O porteiro abre as portas; uma visão da velha Paris ao luar é vista): Ah!... Paris envolta na noite! Em meio à névoa: O luar jorra sobre os telhados azuis;

Uma adorável moldura para uma selvagem batalha; entre o manto de vapor que se eleva, o Sena tremula, misterioso, como um espelho mágico, e, em breve, vocês verão o que se dará!

TODOS: À Porta de Nesle!

CYRANO (parado no solado): Sim, à Porta de Nesle! (Voltando-se para as atrizes): Você não perguntou, jovem donzela, por que motivo mandaram cem homens contra este poeta? (Ele desembainha sua espada; então, calmamente): Porque sabem que ele é meu amigo!

(Ele sai. Ligniere segue atrás dele, a seguir as atrizes de braços dados aos oficiais - os atores. A procissão inicia ao som de violinos e sob a fraca luz de velas.)

Cortinas.

Ato II.

A casa onde os poetas fazem suas refeições.

Pastelaria de Ragueneau. Uma grande cozinha na esquina da rua St. Honoré e a rua de l'Arbre Sec, as quais podem ser vistas ao fundo, através da porta de vidro, no amanhecer cinzento.

À esquerda, ao fundo, uma bancada; ao lado, um stand ainda maior, feito de ferro, e sobre o qual estão gansos, patos e faisões mortos. Em vasos de porcelana vêem-se grandes buquês de flores comuns, principalmente girassóis amarelos.

Do mesmo lado, mais atrás, um imenso forno, em frente do qual estão

monstruosos suportes de ferro, cada um suportando um caldeirão; os assados estão gotejando nos caldeirões.
À direita, uma porta em primeiro plano.

Mais atrás, uma escada que leva até uma pequena sala sob o telhado e cuja entrada é visível através da persiana aberta. Nesta sala uma mesa está posta. Um pequeno lustre flamengo está aceso. É um lugar de comer e beber. Um salão em madeira, contíguo à escadaria, aparentemente leva até outras salas similares.

No meio do estabelecimento uma roda de ferro está suspensa do teto por uma corrente, através das quais pode ser movida para cima ou para baixo, e um grande cabeça de animal está pendurado nela.

Os fornos sob a escuridão das escadas proporcionam uma luz vermelha. O cobre das panelas brilha. As cuspideiras estão viradas. Montes de comida formam pirâmides. Presuntos suspensos. É a hora de maior movimento da manhã. Confusão e pressa dos ajudantes, dos gordos cozinheiros e dos aprendizes; seus chapéus estão profusamente decorados com penas de galo e asas de galinha-d'angola.

Em pratos de metal e de vime eles trazem pilhas de bolos e tortas.

Mesas carregadas de pãezinhos e pratos de comida. Outras mesas rodeadas de cadeiras estão prontas para os clientes.
Uma pequena mesa no canto coberto de papéis, à qual ragueneau está sentado e escrevendo quando se abrirem as cortinas.

Cena 2.I.

Ragueneau, pasteleiros, também Lise. Ragueneau está escrevendo, com um ar inspirado, em uma pequena mesa, e contando nos dedos.

PRIMEIRO PASTELEIRO (trazendo um prato elaboradamente enfeitado): Doce com frutas!

SEGUNDO PASTELEIRO (trazendo outro prato): Creme!

TERCEIRO PASTELEIRO (trazendo um assado decorado com penas): Pavão!

QUARTO PASTELEIRO (trazendo uma porção de bolos numa bandeja): Rissoles!

QUINTO PASTELEIRO (trazendo um tipo de forma): Geléia!

RAGUENEAU (parando de escrever e erguendo a cabeça): Os raios prateados da Aurora ainda a cintilam nas panelas de cobre e tu, Ó Ragueneau! Deves, forçosamente, reprimir em teu peito o Deus da Música! - agora é a hora do forno!

(Levanta. A um cozinheiro): Você! faça este prato maior. Está muito pequeno!

O COZINHEIRO: Quão pequeno?

RAGUENEAU: Três pés. (Ele passa ao longe.)

O COZINHEIRO: Que ele quer dizer?

PRIMEIRO PASTELEIRO (mostrando um prato a Ragueneau): O bolo!

SEGUNDO PASTELEIRO: A torta!

RAGUENEAU (diante do fogo): Musa, retira-te para que teus brilhantes olhos não sejam avermelhados pelas labaredas! (A um cozinheiro, mostrando-lhe alguns pãezinhos): Você pôs a fenda dos pãezinhos do lado errado; você não sabe que a cesura deve estar entre os hemistíquios? (A outro, mostrando um pastel mal cozido): Neste palácio de pastel você deve incluir o telhado... (A um jovem aprendiz que, sentado no chão, enfia as aves num espeto): E você, assim como enfia nesse longo espeto o modesto frango e o soberbo peru, meu filho, alterne-os, como o velho Malherbe adorava alternar linhas de versos longos e curtos; é desse modo que devem os assados, como estrofes,

girar ante o fogo!

OUTRO APRENDIZ (aproximando-se com uma bandeja coberta por um guardanapo): Mestre, eu refleti sobre seu paladar e fiz isto, que deverá agradá-lo, assim espero. (Ele retira o guardanapo que recobre a bandeja e mostra uma grande lira feita de massa.)

RAGUENEAU (encantado): Uma lira!

O APRENDIZ: É feito de brioche.

RAGUENEAU (emocionado): Com frutas em conserva.

O APRENDIZ: As cordas, veja, são feitas de açúcar.

RAGUENEAU (dando-lhe uma moeda): Vá, beba à minha saúde! (Vendo Lise entrar): Silêncio! É minha esposa. Rápido, tome e esconda esse dinheiro! (A Lise, mostrando-lhe a lira e apresentando um olhar sério): Não é lindo?

LISE: Isto é ridículo! (Ela põe uma pilha de papéis na bancada.)

RAGUENEAU: Sacos de papel? Bom. Eu lhe agradeço. (Olha para os sacos): Céus! Minhas adoradas poesias! Os poemas de meus amigos! Tudo rasgado, despedaçado para servir de sacola a biscoitos e bolos!... Ah, esta é a mesma história... Orfeu e as Bacantes!

LISE (secamente): E eu não poderia imaginar algum uso para as mal traçadas linhas que os seus amigos miseráveis lhe dão como forma de pagamento?

RAGUENEAU: Inseto rastejante... Não insulte os divinos gafanhotos, doces cantores!

LISE: Antes de ser o fiel amigo dessa corja, meu querido, você não chamava sua esposa de inseto nem de bacante

RAGUENEAU: Dar semelhante uso a tão belos versos!

LISE: Realmente, É para isso que servem.

RAGUENEAU: Pensando assim, madame, que uso a senhora relega à prosa?

Cena 2.II.

O mesmo. Duas crianças que entram correndo pelo estabelecimento.

RAGUENEAU: Que vocês querem, pequenos?

PRIMEIRA CRIANÇA: Três tortas.

RAGUENEAU (servindo-os): Vejam, quentes e bem tostadas.

SEGUNDA CRIANÇA: Se lhe apraz, senhor, poderia embrulhá-las para nós?

RAGUENEAU (à parte, angustiado): Ah! lá se vai uma das minhas sacolas!

(Às crianças): Quê? Preciso embrulhar?

(Ele apanha um saco e, quando está prestes a colocar as tortas, ele lê): 'Ulisses deste modo, ao sair a bela Penélope... '

Esse não! (Ele o põe de lado e apanha outro e, quando está quase a colocar as tortas dentro, ele lê): 'O Dourado Febo... ' Não, esse também não!... (Do mesmo modo.)

LISE (impaciente): O que está lhe atrapalhando?

RAGUENEAU: Aqui! Aqui! Aqui! (Ele escolhe um terceiro, resignadamente): O soneto a Fillis!... mas é difícil me separar dele!

LISE: Por sorte ele criou juízo a tempo! (Dando de ombros): Nicodemus! (Ela senta numa cadeira e começa a enfileirar pratos num guarda-louça.)

RAGUENEAU (aproveitando que ela está de costas, chama novamente as crianças, que já estavam na porta): Ei! crianças!... devolvam-me esse soneto a Fillis e terão seis tortas ao invés de três. (As crianças devolvem-lhe os sacos, apanham os bolos rapidamente e saem.)

RAGUENEAU (alisando o papel, começa a declamar): 'Fillis!... ' Em tão doce nome uma mancha de manteiga! 'Fillis!... '

(Cyrano entra apressadamente.)

Cena 2.III.

Ragueneau, Lise, Cyrano, e o mosqueteiro.

CYRANO: Que horas são?

RAGUENEAU (num sutil cumprimento): Seis horas.

CYRANO (com emoção): Será daqui a uma hora!
(Ele anda de um lado a outro da loja.)

RAGUENEAU (seguindo-o): Bravo! Eu vi...

CYRANO: Bem, e o que você viu, e então?

RAGUENEAU: O seu combate!...

CYRANO: Qual?

RAGUENEAU: Aquele no Hotel Burgundy, juro!

CYRANO (desdenhosamente): Ah!... o duelo!

RAGUENEAU (admiravelmente): Sim! O duelo de versos!...

LISE: Ele não sabe falar de outra coisa!

CYRANO: Bem! Deixe pra lá!

RAGUENEAU (caminhando com um espeto que acabou de apanhar): 'Ao final da homenagem, touché!... Ao final da homenagem, touché!...' É bom! Muito bom! (com entusiasmo crescente): 'Ao final da homenagem, touché'

CYRANO: Que horas são agora, Ragueneau?

RAGUENEAU (interrompendo o ato para olhar o relógio): Seis e cinco!... 'touché!' (Ele se arruma): ... Oh! escrever uma balada!

LISE (a Cyrano, que, ao passar pela bancada, distraidamente a cumprimentou): Que há com sua mão?

CYRANO: Nada; um corte insignificante.

RAGUENEAU: Você já esteve em perigo?

CYRANO: Jamais.

LISE (apontando o dedo para ele): A mim parece que você não fala a verdade ao dizer isso!

CYRANO: Você viu meu nariz tremer quando falei? Juro, tem que ser uma mentira monstruosa para balançar com ele
(Mudando de tom): Espero alguém. Deixe-nos a sós e não nos perturbe por nada, nem pelo juízo final!

RAGUENEAU: Mas isso é impossível; meus poetas estão chegando...

LISE (ironicamente): Oh, sim, para a primeira refeição do dia!

CYRANO: Acalme-se, ponha-os à parte quando eu fizer um sinal... Que horas são?

RAGUENEAU: Seis e dez.

CYRANO (nervosamente sentando-se à mesa de , apanhando um papel próximo) Uma pena!...

RAGUENEAU (dando-lhe a que traz no ouvido): Aqui - uma pena de ganso.

UM MOSQUETEIRO (com bigode pontudo, entra, e fala em voz alta): Bom dia! (Lise vai até ele rapidamente.)

CYRANO (voltando-se): Quem é?

RAGUENEAU: É um amigo de minha esposa - um guerreiro terrível - ao menos é o que diz ele próprio.

CYRANO (recebendo a pena e sinalizando para Ragueneau sair): Silêncio!
(A si mesmo): Vou escrever, dobrar, entregar a ela e sair depressa!
(Joga a pena sobre a mesa): Covarde!... Mate-me se eu ousar dizer alguma coisa a ela,... sim, uma palavra que seja! (A Ragueneau): Que horas são?

RAGUENEAU: Seis e quinze!...

CYRANO (batendo no peito): Sim - uma simples palavra entre as tantas que estão aqui! Aqui! Mas escrever é mais fácil...(Ele apanha a pena): Que seja, eu a escreverei, aquela carta de amor! Oh! Já a escrevi e reescrevi tantas vezes em minha mente que ela já está pronta para a pena e a tinta; e se eu já deixei minha alma numa folha de papel, não resta nada a fazer senão copiá-la. (Ele escreve. Através da porta, silhuetas movem-se, incertas e hesitantes.)

Cena 2.IV.

Ragueneau, Lise, o mosqueteiro. Cyrano escreve na mesa. Os poetas, vestidos de preto, de meias desarrumadas e cobertos de lama.

LISE (entrando, a Ragueneau): Aí vem eles, os seus amigos porcalhões!

PRIMEIRO POETA (entrando, a Ragueneau): Irmão da arte!...

SEGUNDO POETA (a Ragueneau, cumprimentando-o): Caro irmão!

TERCEIRO POETA: Alto voam as águias entre os pasteleiros!

(Ele aspira): Bom! Cheira bem aqui em seu ninho!

QUARTO POETA: São os próprios raios de Febo que douram os teus assados!

QUINTO POETA: Apolo entre os cozinheiros

RAGUENEAU (a quem eles cercam e abraçam): Ah! como um homem se sente à vontade rápido entre eles!...

PRIMEIRO POETA: Estivemos de mistura com o populacho; eles estavam se acotovelando na Porta de Nesle!...

SEGUNDO POETA: Carcaças sangrentas de oito bandidos espalham-se pelo chão ali - todas abertas a golpe de espada!

CYRANO (erguendo a cabeça um minuto): Oito?... espere aí, pensei que fossem sete. (Segue escrevendo.)

RAGUENEAU (a Cyrano): Você sabe quem poderia ser o herói dessa refrega?

CYRANO (descuidadamente): Não eu.

LISE (ao mosqueteiro): E você? Sabe?

O MOSQUETEIRO (torcendo o bigode): Talvez!

CYRANO (escrevendo, um tanto distraído - vez por outra deixa escapar alguma coisa): 'Eu te amo!'

PRIMEIRO POETA: Foi um homem, disseram todos, sim, eu juro, somente um homem que, com uma mão só, derrotou o bando inteiro!

SEGUNDO POETA: Era uma visão estranha! - lanças e bastões espalhados pelo chão.

CYRANO (escrevendo): ... 'Teus olhos'...

TERCEIRO POETA: E havia chapéus por todo o caminho até Quai d'Orfevres!

PRIMEIRO POETA: Sapristi! Mas ele deve ter sido muito feroz...

CYRANO (do mesmo modo): ... 'Teus lábios'...

PRIMEIRO POETA: Foi um medonho e pavoroso gigante o autor de tais proezas!

CYRANO (do mesmo jeito): ... 'E quando te vejo chegar, de medo.'

SEGUNDO POETA (apanhando um bolo): Que poesias tens feito, Ragueneau?

CYRANO (do mesmo jeito): ... 'Que te admira'...

(Ele pára, faz menção de dar um sinal, mas se levanta, guardando a carta em sua camisa): Não necessito de sinal se entregar a carta eu mesmo.

RAGUENEAU (ao segundo poeta): Escrevi uma receita em versos.

TERCEIRO POETA (sentando-se perto de um prato de creme): Prossiga! Ouçamos os teus versos!

QUARTO POETA (olhando para o bolo que acabou de apanhar): A cobertura está toda de um lado! (Ele dá uma mordida em cima.)

PRIMEIRO POETA: Vê como este pão de gengibre, com seus olhos de amêndoa e sobancelhas de Angélica, corteja o faminto poeta! (Ele o segura.)

SEGUNDO POETA: Estamos ouvindo.

TERCEIRO POETA (espremendo delicadamente uma torta de creme): Como ela ri! Até que o creme vem à tona!

SEGUNDO POETA (mordendo um pedaço da grande lira de massa): Esta é a primeira vez em minha vida que eu obtenho algo nutritivo de uma lira.

RAGUENEAU (que se aprontou para recitar, limpou a garganta, ajeitou o chapéu, e aprumou o corpo): Uma receita em versos!...

SEGUNDO POETA (ao primeiro, acotovelando-o): Já tomou seu café da manhã?

PRIMEIRO POETA (ao segundo): E você está jantando, creio.

RAGUENEAU: Como as tortas de amêndoa são feitas.

Bata os ovos suave e rapidamente;

Forme bastante espuma;
Misture a eles, enquanto bate,
Suco de limão, fina essência;
Então acrescente
O poderoso leite de doces amêndoas.
Unte com pasta de creme
A lateral inferior da fôrma;
A superior, com o dedo hábil,
Besunte mais levemente
E então, gota a gota,
Despeje o creme
Em sua pequena e deliciosa cama: Posicione cada fôrma no forno:
suavemente tostadas,
Elas reaparecerão como
As famosas tortas que ora você contempla!
OS POETAS (com as bocas cheias): Excelente! Delicioso!
UM POETA (engasgado): Hunf!
(Eles seguem comendo.)
CYRANO (que observava, vai até Ragueneau): Você viu como eles se
empanturraram depois que sua voz os acalmou?
RAGUENEAU (em voz baixa e sorrindo): Oh, sim! Eu vi muito bem, mas
sempre finjo não ter visto, temendo afligi-los; desse modo eu fico
duplamente satisfeito quando recito meus poemas a eles; por isso eu
deixo que esses pobres sujeitos, que não tomaram café da manhã, livres
para comer, ainda que seja enquanto eu me comprazo em meu mais querido
vício, compreende?
CYRANO (dando-lhe um tapinha no ombro): Amigo, eu o estimo muito!...
(Ragueneau põe-se diante de seus amigos. Cyrano segue-o com os olhos e
repentinamente torna-se severo): Aqui! Lise! (Lise, deixa o
mosqueteiro, com quem está conversando ternamente, e desce até
Cyrano): Então aquele gentil capitão está lhe fazendo a corte?
LISE (ofendida): Somente um olhar de desprezo poderá conquistar de mim
qualquer homem que ousar algo contra minha virtude.
CYRANO: Puuh! Olhos conquistadores, parece-me, são freqüentemente
olhos conquistados.
LISE (sufocada de ódio): Mas
CYRANO (incisivamente): Estimo muito a Ragueneau, então - atente para
o que vou dizer, senhora Lise - Eu não permitirei que ele seja passado
para trás por nenhum...
LISE: Mas...
CYRANO (erguendo a voz o suficiente para ser ouvido pelo galanteador):
Uma palavra ao espertalhão...
(Ele saúda o mosqueteiro, e vai até a porta observar, depois de olhar
o relógio.)
LISE (ao mosqueteiro, que havia se curvado em resposta à mesura de
Cyrano): E essa agora? É essa a sua coragem?... Por que você não faz
um gracejo com o nariz dele?
O MOSQUETEIRO: O nariz dele?... sim, sim, o nariz dele. (Ele se afasta
rapidamente; Lise o segue.)
CYRANO (da porta, acenando a Ragueneau para que ele despeça os
poetas): Psst!...
RAGUENEAU (indicando-lhes a porta à direita): Teremos mais privacidade
ali...
CYRANO (impacientemente): Psst! Psst!...
RAGUENEAU (empurrando-os): Para ler poesia, é melhor aqui...
PRIMEIRO POETA (desesperadamente, de boca cheia): Como! Deixar os
bolos?...
SEGUNDO POETA: Nunca! Vamos levá-los conosco!

(Eles seguem Ragueneau em procissão, após retirar todos os bolos das
bandejas.)

Cena 2.V.

Cyrano, Roxane, a ama.

CYRANO: Ah! Se eu visse o mais pálido reflexo de esperança, eu entregaria a carta! (Roxane, mascarada, seguida pela ama, aparece no vidro da porta. Ele abre a porta rapidamente): Entre!... (Caminhando até a ama): Duas palavras com você, ama.

A AMA: Você já disse cinco.

CYRANO: Você gosta de coisas doces?

A AMA: Sim, poderia até comer a mim mesma!

CYRANO (apanhando um dos sacos de papel da mesa): Bom. Vê estes dois sonetos do senhor Beuserade...

A AMA: Sim?

CYRANO: ... Encho-os para você com bolos de creme!

A AMA (mudando de expressão): Ah.

CYRANO: Que me diz do que eles chamam bolinhos de creme?

A AMA: Se feito com creme, senhor, eu gosto deles bem passados.

CYRANO: Aqui eu deposito seis para você apreciar, na intimidade de um poema de Saint Amant!

E nestes versos de Chapelain eu incluo uma porção mais leve. Continue!

Gosta de bolos quentes?

A AMA: Sim, do fundo do meu coração!

CYRANO (enchendo-lhe os braços com sacos de papel): Faça-me um pequeno favor; vá comê-los na rua, sim?

A AMA: Mas...

CYRANO (puxando-a para fora): E não volte até ter comido a última migalha!

(Ele fecha a porta, vai até Roxane e, descobrindo-a, permanece a respeitosa distância dela.)

Cena 2.VI.

Cyrano, Roxane.

CYRANO: Abençoado seja o momento em que a senhora condescendeu - lembrando-se de que eu humildemente existo - em vir me encontrar para... para?...

ROXANE (sem máscara): Para agradecer-lhe, primeiro de tudo. Aquele conde almofadinha num bravo duelo de espada noite passada,... ele é um homem a quem um grande senhor, desejoso de meus favores...

CYRANO: Hã, De Guiche?

ROXANE (baixando os olhos): Deseja impor a mim... como marido...

CYRANO: Sim! Marido! - incauto marido!... Marido à la mode!

(Reverenciando): Então eu lutei, feliz acontecimento! Doce senhora, não em meu proveito - mas em seu!

ROXANE: Passemos à confissão seguinte!... Mas, antes de fazê-la, você deve ser aquele amigo do meu irmão e com o qual eu costumava brincar à beira do lago!...

CYRANO: Sim, a cada primavera você ia até Bergerac!

ROXANE: Recorda-se das canas que cortou para fabricar espadas?...

CYRANO: Enquanto você fazia tranças com palha de milho para o cabelo de suas bonecas!

ROXANE: Foi a época das brincadeiras!...

CYRANO: E das amoras silvestres!...

ROXANE: Naquele tempo você fazia tudo que eu pedia!...

CYRANO: Roxane, em seu pequeno vestido estava Madeleine...

ROXANE: Eu era bonita naquela época?

CYRANO: Você não era nada má de se ver!

ROXANE: Uma vez, sujei as mãos de sangue numa queda e você correu até mim! Então - como se fosse minha mãe - eu, numa voz que fingia

severidade, reclamava, - (Ele segurou-lhe a mão): 'Que é este ferimento que, novamente, eu vejo aqui?'

(Ela estaca, surpresa): Oh! É sério! O que é isso?

(Cyrano tenta retirar a mão): Não, deixe-me ver! Que vergonha! Na sua idade! Onde você recebeu esse ferimento?

CYRANO: Eu o recebi - brincando na Porta de Nesle.

ROXANE (sentando sobre a mesa e mergulhando o lenço em um copo d'água): Dê-me aqui!

CYRANO (sentando perto dela): Tão suave! Tão alegre doçura maternal!

ROXANE: Diga-me, enquanto eu limpo o sangue: quantos eram contra você?

CYRANO: Oh! Cem, mais ou menos.

ROXANE: Venha, diga-me!

CYRANO: Não, deixe. E você, diga-me uma coisa, agora: você não se importou de...

ROXANE (cuidando da mão dele): Agora, eu me importo! A lembrança daqueles tempos me encoraja! Sim, agora eu me importo. Ouça. Estou apaixonada.

CYRANO: Ah!...

ROXANE: Mas por alguém que não sabe de nada.

CYRANO: Ah!...

ROXANE: Não ainda.

CYRANO: Ah!...

ROXANE: Mas esse alguém, se não sabe, logo irá saber.

CYRANO: Ah!...

ROXANE: Um pobre rapaz que todo esse tempo amou-me timidamente, de longe, sem coragem de se declarar...

CYRANO: Ah!...

ROXANE: Deixe sua mão; Oh! Está ardendo em febre! - Mas eu vi um tremor em seus lábios.

CYRANO: Ah!...

ROXANE (envolvendo a mão dele com um lenço): E pensar que ele por acaso - Sim, primo, ele é do seu regimento!

CYRANO: Ah!...

ROXANE (rindo): É cadete da sua companhia!

CYRANO: Ah!...

ROXANE: Na frente ele traz o selo de seu gênio; ele é orgulhoso, nobre, jovem, intrépido, leal...

CYRANO (erguendo-se rapidamente, muito pálido): Leal!

ROXANE: O que o aflige?

CYRANO: Nada; É... (Ele mostra a mão, sorrindo): Este ferimento!

ROXANE: Eu o amo, isso é tudo. Mas você deve saber que eu somente o vejo na Comédia...

CYRANO: Como? Vocês nunca se falaram?

ROXANE: Os olhos podem falar.

CYRANO: como sabe então que ele... ?

ROXANE: Oh! As pessoas dizem da limeiras do Place Royale... Mexericos me fazem saber...

CYRANO: Ele é cadete?

ROXANE: Da Guarda.

CYRANO: Seu nome?

ROXANE: Barão Christian de Neuville.

CYRANO: E essa agora?... Ele não é da Guarda!

ROXANE: Hoje ele não ocupa o posto. Está sob as ordens do Capitão Carbon, de Castel-Jaloux.

CYRANO: Ah, que rápido, que rápido meu coração está batendo!... Mas, minha pobre criança...

A AMA (abrindo a porta): Os bolos foram comidos, Monsieur Bergerac!

CYRANO: então leia os versos impressos nos sacos! (Ela sai): ...Minha pobre criança, você que não ama senão a oratória fluente e a inteligência brilhante, que diria se ele fosse um grosseiro incapaz?

ROXANE: Não, é que seu brilho se embota, como ocorre com os heróis de

D'Urfe...

CYRANO: Ah! Uma cabeça de cabelos encaracolados e de língua inculta, talvez!

ROXANE: Ah não! Eu acho - eu sinto - as palavras dele são sinceras.

CYRANO: Todas as palavras que saem daquele bigode são belas! - Suponhamos que ele seja um tolo!...

ROXANE (batendo o pé): então me enterre!

CYRANO (após uma pausa): Foi para me dizer isso que você me trouxe até aqui? Não consigo ver a necessidade disso, madame.

ROXANE: Não, mas eu senti um terror aqui no coração, quando soube que ontem todos os de sua companhia são gascões...

CYRANO: E provocamos todos os juvenzinhos imberbes que ousavam se dizer puros gascões entre nós (puro! Que os céus guardem isso!) Eles lhe disseram isso também?

ROXANE: Ah! Pense como eu temi por ele!

CYRANO (entre os dentes): Não sem motivo!

ROXANE: Mas quando eu vi você noite passada - bravo, invencível - castigando aquele pulha, a combater sem medo todos aqueles brutos, pensei - eu creio que, se ele, a quem todos temem, todos - se ele...

CYRANO: Bom. Eu ajudarei o seu pequeno Barão.

ROXANE: Ah! Promete fazer isso por mim? Terei o senhor para sempre na conta de um grande amigo.

CYRANO: Sim, sim

ROXANE: Então você será seu amigo?

CYRANO: Eu juro!

ROXANE: E ele não se envolverá em duelos, promete?

CYRANO: Em nenhum.

ROXANE: Você é bondoso, primo! Agora eu preciso ir. (Ela põe máscara e véu rapidamente; então, distraidamente): Você não falou da refrega de ontem à noite. Ah, deve ter sido uma luta heróica!... - Peça a ele para me escrever. (Ela lhe manda um beijo com os dedos): Como você é bom!

CYRANO: Sim! Sim!

ROXANE: Cem homens contra você? Agora, adeus - Somos grandes amigos?

CYRANO: Sim, sim!

ROXANE: Oh, diga a ele para me escrever! Você me contará tudo um dia - cem homens! - Ah, bravo!... Que bravura!

CYRANO (fazendo uma mesura): Eu lutei como nunca.

(Ela sai. Cyrano fica estático, com os olhos no chão. Silêncio. A porta da direita se abre. Ragueneau olha.)

Cena 2.VII.

Cyrano, Ragueneau, poetas, Carbon de Castel-Jaloux, os cadetes, uma multidão e De Guiche.

RAGUENEAU: Podemos entrar?

CYRANO (sem emoção): Sim... (Ragueneau acena a seus amigos e eles entram. Ao mesmo tempo, pela porta de trás entra Carbon de Castel-Jaloux com uniforme de capitão. Ele faz gesto de surpresa ao ver Cyrano.)

CARBON: Aqui está ele!

CYRANO (erguendo a cabeça): Capitão!...

CARBON (alegremente): Nosso herói! Ouvimos tudo! Trinta ou mais de meus cadetes estão aqui!...

CYRANO (encolhendo-se para trás): Mas...

CARBON (tentando levá-lo para fora): Venha comigo! Eles não vão descansar até verem você!

CYRANO: Não!

CARBON: Eles estão bebendo aqui em frente, no Cabeça de Urso.

CYRANO: Eu...

CARBON (indo até a porta e chamando, com uma voz de trovão): ele não

vem! O herói está de mau humor!
UMA VOZ (lá fora): Ah! Santo deus!

(Tumulto no lado de fora. É ouvido um som de botas e espadas se aproximando.)

CARBON (esfregando as mãos): Eles estão correndo pela rua!
CADETES (entrando): Mille dious! Capdedious! Pocapdedious!
RAGUENEAU (recuando, assustado): Cavalheiros, vocês são todos da Gasconha?

OS CADETES: Todos!

UM CADETE (a Cyrano): Bravo!

CYRANO: Barão!

OUTRO (cumprimentando-o): Vivat!

CYRANO: Barão!

TERCEIRO CADETE: Venha! Tenho que abraça-lo!

CYRANO: Barão!

VÁRIOS GASCÕES: Todos nós o abraçaremos, um de cada vez!

CYRANO (sem saber a quem falar): Barão!... Barão!... Eu lhe peço...

RAGUENEAU: Vocês são barões, senhores?

OS CADETES: Sim, todos!

RAGUENEAU: É verdade?...

PRIMEIRO CADETE: Sim - você poderia montar uma torre somente com nossas grinaldas, meu amigo!

LE BRET (entrando e correndo até Cyrano): Estão procurando você! Uma multidão enfurecida, liderada pelos homens que seguiram você noite passada...

CYRANO (alarmado): Quê! Você disse a eles onde me encontrar?

LE BRET (esfregando as mãos): Sim!

UM CIDADÃO (entrando, seguido por um grupo de homens): Senhor, todos os Guardas estão a caminho!

(A rua está cheia de gente. Vários tipos de carruagens estacionadas.)

LE BRET (em voz baixa, sorrindo, a Cyrano): e Roxane?

CYRANO (rapidamente): Shh!

O POVO (chamando do lado de fora): Cyrano!... (Pessoas entram apressadas no estabelecimento, empurrando-se umas às outras. Aclamações.)

RAGUENEAU (de pé sobre a mesa): Veja! Minha pastelaria invadida! Eles quebram tudo! Magnífico!

POVO (acotovelando-se ao redor de Cyrano): Meu amigo!... meu amigo!...

CYRANO: Parece-me que ontem eu não tinha todos esses amigos!

LE BRET (deleitado): Sucesso!

UM JOVEM MARQUÊS (erguendo-se com as mãos para cima): Meu amigo, somente tu não sabias...

CYRANO: Tu!... Ah, sim!... Tu!... Estou certo de que nunca estivemos juntos, o senhor e eu!

OUTRO: Apresentarei a você, senhor, a algumas belas damas ali em minha carruagem...

CYRANO (friamente): Ah! e quem irá apresentá-lo a mim primeiro, senhor?

LE BRET (surpreendido): Que há de errado?

CYRANO: Silêncio!

UM HOMEM DE LETRAS (com uma prancheta): Alguns detalhes?...

CYRANO: Não.

LE BRET (dando-lhe uma cotovelada): Este é Theophrast, Renaudet,... da 'Gazeta da Corte'!

CYRANO: Quem se importa?

LE BRET: Esse jornal é de uma grande importância!... Eles dizem que será um imenso sucesso!

UM POETA (avançando): Senhor...

CYRANO: Outro!

O POETA: ... Permita-me fazer um pentacróstico em seu nome...

ALGUÉM (também avançando): Por favor, senhor...

CYRANO: Basta! Basta!

(Um movimento entre a multidão. De Guiche aparece, acompanhado por oficiais. Cuigy, Brissaille, os oficiais que estiveram com Cyrano na noite anterior. Cuigy chega rapidamente a Cyrano.)

CUIGY (a Cyrano): Aquele é Monsieur de Guiche? (um murmúrio - a multidão abre alas): Vem da parte do Marechal de Gassion!

DE GUICHE (reverenciando a Cyrano): ... O Qual gostaria de expressar admiração, senhor, pela sua nova proeza tão alardeada aos quatro ventos.

O POVO: Bravo!

CYRANO (reverenciando): O Marechal é um juiz de valor.

DE GUICHE: Ele não acreditou até que estes cavalheiros juraram terem testemunhado tudo.

CUIGY: Com nossos próprios olhos!

LE BRET (à parte para Cyrano, que está distraído): Mas ... você...

CYRANO: Silêncio!

LE BRET: Mas ... Você se aborrece?

CYRANO (estacando): Ante esta multidão? - Eu?... (Ergue-se, torce o bigode e joga os ombros para trás): Esperem!... Vocês verão!

DE GUICHE (com quem Cuigy falava em voz baixa): De façanhas a sua carreira já está tomada - você serve com esses patetas desses Gascões?

CYRANO: Sim, com os cadetes.

UM CADETE (numa voz terrível): Conosco!

DE GUICHE (Olhando para os cadetes, escondido atrás de Cyrano): Ah!... Estes cavalheiros de expressão soberba, São eles os famosos?...

CARBON: Cyrano!

CYRANO: Sim, Capitão!

CARBON: Uma vez que toda a minha companhia está assentada aqui, peço-lhe um favor - apresente-os ao meu senhor!

CYRANO (dando dois passos até De Guiche): Meu senhor de Guiche, permita-me que apresente (apontando para os cadetes): Os destemidos cadetes da Gasconha,

de Carbon de Castel-Jaloux!

Bradando e contando vantagem,

intrépidos Cadetes da Gasconha,

Glória do arsenal e da Heráldica,

Suas veias estão cheias de sangue azul,

Os destemidos cadetes da Gasconha,

de Carbon de Castel-Jaloux:

olhos de águia, e canela comprida,

bigode feroz e dentes de lobo!

Batem em todo mundo e botam pra correr;

Olhos de águia e canela-comprida,

De luzidia cabeleira, que alegremente enfeita,

Ocultando os buracos de seus chapéus, por certo!

Olho de águia e canela-comprida,

Bigode feroz e dentes de lobo!

'Espeta-roupa' e 'quebra-espinha'

são os seus gentis apelidos;

de fama e glórias, suas almas estão embriagadas!

'Espeta-roupa' e 'quebra-espinha'

com brados e combates eles mostram seu valor,

reúnem-se no tumulto e na confusão;

'Espeta-roupa' e 'quebra-espinha'

são seus gentis apelidos!

Ora viva! Cadetes da Gasconha!
Todos os amantes ciumentos são diversão para vocês!
O Mulher! cara divindade!
Ora viva! Cadetes da Gasconha!
Cuja cara feia os maridos tremem de ver.
Toquem 'tará-tará,' e gritem 'Cuco.'
Ora viva! Cadetes da Gasconha!
Maridos e amantes são brincadeiras para vocês!

DE GUICHE (sentado com enorme arrogância numa poltrona trazida rapidamente por ragueneau): Um poeta! É o modismo do momento! - Você será meu

CYRANO: Não, senhor - de homem nenhum!

DE GUICHE: Noite passada a sua balada agradou a meu tio Richelieu. Com satisfação eu lhe transmitirei o que ele disse.

LE BRET (extasiado): Céus!

DE GUICHE: Eu imagino que você tenha rimado os cinco atos, ou não?

LE BRET (ao ouvido de Cyrano): A sua peça - 'Agripina!' - você finalmente verá ser representada!

DE GUICHE: Traga-a para ele.

CYRANO (começando a ser tentado e atraído): Em verdade, eu gostaria...

DE GUICHE: Ele é um crítico experimentado: corrigirá uma linha ou duas, no máximo.

CYRANO (de expressão carregada): Impossível! Meu sangue congela só de pensar que alguém lhe mudaria uma vírgula.

DE GUICHE: Mas quando um verso o agrada, ele paga bem, meu bom amigo.

CYRANO: Ele paga menos do que eu; quando um verso me agrada, eu me pago e canto a mim mesmo!

DE GUICHE: Você é orgulhoso.

CYRANO: É mesmo? Você percebeu isso?

UM CADETE (entrando, trazendo na ponta da espada um amontoado de chapéus de pluma esburacados): Veja, Cyrano, que estranhos brinquedos de pena encontramos no cais esta manhã! Os chapéus dos fugitivos...

CARBON: 'Spolia opima!'

TODOS (rindo): Ah! ah! ah!

CUIGY: Quem preparou essa armadilha, por certo, deve estar xingando e amaldiçoando!

BRISSAILLE: Quem foi?

DE GUICHE: Eu. (O riso pára): Eu os ataquei - trabalho muito sujo para minha espada, para punir e castigar um bêbado poeta.

(constrangido silêncio.)

O CADETE (em voz baixa a Cyrano, mostrando-lhe os chapéus): Que fazer com eles? Estão imundos! - um assado?

CYRANO (apanhando a espada e, numa saudação, deixando cair os chapéus aos pés de De Guiche): Senhor, tenha a bondade de devolve-los aos seus amigos.

DE GUICHE (erguendo-se, severamente): Minha cadeira aqui - rápido! Vou embora!

(A Cyrano passionalmente): Assim como você, senhor!...

VOZ (na rua): Carregadores para meu senhor De Guiche!

DE GUICHE (conseguindo se controlar e sorrindo): Você leu 'Dom Quixote'?

CYRANO: Sim! E tirei o chapéu para as façanhas daquele louco cavaleiro andante.

DE GUICHE: Eu o aconselho a estudar...

UM CARREGADOR (aparecendo ao fundo): A cadeira de meu senhor!

DE GUICHE: ... o capítulo do moinho!

CYRANO (reverenciando): Décimo Terceiro Capítulo.

DE GUICHE: Pois quando alguém enfrenta moinhos de vento, corre o risco de...

CYRANO: Lutaria eu contra quem muda a cada brisa?

DE GUICHE: ... Um moinho de vento pode deitar você abaixo - na lama!

CYRANO: Ou acima - para as estrelas!

(De Guiche sai, e sobe na cadeira. Os outros lordes saem, murmurando entre si. Le Bret vai até a porta com eles. A multidão se dispersa.)

Cena 2.VIII.

Cyrano, Le Bret, os cadetes, que estão comendo e bebendo à direita e à esquerda das mesas.

CYRANO (reverenciando ironicamente aos que estão saindo por não o saudarem): Cavalheiros... Cavalheiros...

LE BRET (voltando, desesperado): Aí está uma grande encrenca!

CYRANO: Oh! Xingue à vontade!

LE BRET: Pelo menos você concorda que desperdiçar cada oportunidade do destino é um exagero...

CYRANO: Sim! - Eu exagero!

LE BRET (triunfalmente): Ah!

CYRANO: Mas por princípio - e também como um exemplo - eu acho que estou certo agindo assim.

LE BRET: Oh! Deixe de lado aquele orgulho de mosqueteiro, de que Fortuna e Glória o esperam!...

CYRANO: Sim, que mais?... Procurar um protetor, encontrar um patrono e, como a rasteira hera, que se agarra à casca da árvore para apoiar-se no tronco, chegar ao topo ficando de joelhos ao invés de usar a força? Não, muito obrigado! Ora! Eu, como todo o resto, dedicar versos aos banqueiros? - bancar o palhaço na balconista esperança de ver, finalmente, um sorriso que não seja de desaprovação nos lábios do benfeitor? Não, muito obrigado! Ora! Aprender a engolir sapos? - Com o esqueleto cansado subir escadas? - Ter uma pele suja e áspera, - aqui, sobre os joelhos? E, como um acrobata, ensinar minhas costas a se curvarem? - Não, muito obrigado! Ou, - cínico e dissimulado - andar com as lebres e caçar com os sabujos; e, língua untada de azeite, para obter o óleo do elogio, louvar o grande homem pelo seu grande nariz? Não, obrigado! Infiltrar-se lentamente em cada dobra - um pequeno grande homem num diminuto círculo de amizades, ou navegar, tendo madrigais por vela, sopradas à barlavento pelos suspiros de velhas damas? Não, muito obrigado! Subornar adoráveis editores para disseminar meus versos fora do país? Muito Obrigado! Ou tentar se elege o Papa das tavernas apoiado por imbecis? Não, muito obrigado! Trabalhar com afinco para ganhar reputação por meio de um soneto ao invés de muitos? Não, muito obrigado! Elogiar torpes incompetentes? Ser aterrorizado por cada jornal sensacionalista? Repetir incessantemente: 'Oh, tivesse eu a chance de ser notícia no "Mercúrio"! ' Muito Obrigado, não! Tornar-me pálido, medroso, calculista? Preferir uma visita a um verso? Procurar introduções, escrever petições? Não, muito obrigado! E não! E não novamente! Mas - cantar? Sonhar, rir, viver sem causa, solitário, livre, com olhos que olham sempre em frente - sem medo na voz! Levantar o chapéu como você bem entende - pelo que um 'sim' ou 'não' pode terminar em briga ou em verso! - Trabalhar, sem um único pensamento no lucro ou na fama, para seguir em jornada à lua! Nunca escrever uma linha que não pareça ter saído do fundo do coração. Abraçando a modéstia, diga a alguém: 'Meu bom amigo, seja feliz com estas flores - frutas - não, versos, mas colha-os não do jardim, mas do teu coração!' e então, se a glória vier ao acaso, não pague tributo a César nenhum, mas conserve o mérito consigo. Resumindo, despreze os filhos dos parasitas para ser feliz, como fazem o carvalho e o olmo - não para crescer às alturas, talvez, mas para crescer sozinho!

LE BRET: Fique sozinho se quiser! Mas sem brigar com todo mundo! Como diabos você concebeu essa idéia maluca de fazer inimigos a cada momento?

CYRANO: Foi vendo como você faz os seus amigos - e como os trata com afetação, sorrindo de orelha a orelha! Eu passo alegremente, embora sem saudações, e grito - Quê! Outro inimigo?

LE BRET: Loucura!

CYRANO: Bem, que fazer se é meu vício? O que me agrada é desagradar - odeio amar os homens! Ah, meu amigo, acredite em mim, eu marcho melhor em meio ao fogo-cruzado dos olhares inimigos! Que graça existe nas roupas apertadas, no amargor da inveja ou nas besteiras de um poltrão? - a enervante amizade que o envolve é como um colarinho italiano largo flutuando ao redor de seu pescoço, como fazem as mulheres; pode-se levar bem a vida assim, mas será menos orgulhosa a carruagem! A testa, livre de dependência ou coerção, franze aqui, ali, em toda parte. Mas eu, abraçando o ódio que ela empresta - proibindo com rigor as rugas, a dureza da gola é que mantém a cabeça rígida; cada inimigo - uma ruga, uma dobra, que adiciona constrangimento e um raio de glória; pois o ódio, como a gola espanhola, prende como um vício, mas empresta a cada um uma auréola!

LE BRET (após um silêncio, pegando-lhe no braço): Você fala com altivez e amargor! - murmure em meu ouvido simplesmente isso - ele não o ama!

CYRANO (veementemente): cale-se!

(Christian acaba de entrar e misturar-se aos cadetes, que não falam com ele; ele sentou-se a uma mesa, onde Lise o serve.)

Cena 2.IX.

Cyrano, Le Bret, os cadetes, Christian de Neuville.

UM CADETE (sentado à mesa, copo na mão): Cyrano! (Cyrano volta-se): A estória!

CYRANO: No momento certo! (Ele se deixa levar por Le Bret. Eles falam em voz baixa.)

O CADETE (levantando e indo para o fundo): A estória do combate! Será uma boa lição (Ele pára diante da mesa onde Christian está sentado): A este tímido e jovem aprendiz!

CHRISTIAN (erguendo a cabeça): Aprendiz! Quem?

OUTRO CADETE: Este novato pateta do norte!

CHRISTIAN: Pateta!

PRIMEIRO CADETE (arremedando): Ouça! Monsieur de Neuville, isto é para o seu ouvido: Há algo aqui que ninguém mais ousa dizer, como se falasse de corda em casa de enforcado!

CHRISTIAN: O que pode ser?

OUTRO CADETE (com voz terrível): Veja aqui! (Misteriosamente, ele põe o dedo três vezes no nariz): você entende?

CHRISTIAN: Oh! É...

OUTRO: Silêncio! oh, nunca mencione essa palavra, a menos que ele esteja longe! (Ele aponta para Cyrano, que conversa com Le Bret.)

OUTRO (que havia chegado silenciosamente para sentar à mesa - sussurrando atrás dele): Ouça! Ele já deu cabo de dois fanhos, só de ódio, pelo simples fato de que eles falavam pelo nariz!

OUTRO (com voz sumida, engatinhando por baixo da mesa): E se você não quer perecer na flor da idade - Oh, não mencione essa fatal cartilagem!

OUTRO (dando-lhe um tapa no ombro): Uma palavra? Um gesto é suficiente! Para um indiscreto, um lenço pode mostrar-lhe o contorno!

(Silêncio. Todos de braços cruzados, olham para Christian. Ele se ergue e vai até Carbon de Castel-Jaloux, que está falando a um oficial e finge não ver nada.)

CHRISTIAN: Capitão!
CARBON (voltando-se e olhando para ele de alto a baixo): Senhor!
CHRISTIAN: Diga-me, que fazer com sulistas fanfarrões?
CARBON: Dê-lhes a prova de que alguém pode ser nortista, e no entanto corajoso! (Ele dá-lhe as costas.)
CHRISTIAN: Eu lhe agradeço.
PRIMEIRO CADETE (a Cyrano): agora a estória!
TODOS: A estória!
CYRANO (indo até eles): estória?... (Todos vêm com seus banquinhos e se postam ao redor dele, ouvindo avidamente. Christian está escarranchado numa cadeira.): Bem! Eu fui completamente sozinho enfrentar o bando. A lua brilhava, como um relógio, preenchendo o céu, quando, subitamente, algum relojoeiro deixou passar uma nuvem de algodão, que escondeu o prateado relógio. E, presto! A noite estava tingida de preto e todo o cais ficou escondido pela turva escuridão. Vagabundos! Não dava para ver um palmo diante do nariz...
CHRISTIAN: Nada mais que um nariz! (Silêncio. Todos se erguem lentamente, olhando aterrorizados a Cyrano, que está parado - estupefato. Pausa.)
CYRANO: Quem, em nome de Deus, é este homem?
UM CADETE (sussurrando): É um homem que nos acompanhou hoje.
CYRANO (dando um passo em direção a Christian): Hoje?
CARBON (em voz baixa): Sim... ele é o Barão de Neuvil...
CYRANO (controlando-se): Bom! Está bem... (Ele fica pálido, depois corado, faz como se fosse cair sobre Christian): Eu... (Ele se controla): que dizia eu?... (Numa explosão de ódio): PELO AMOR DE DEUS!... (Então continua calmamente): Estava escuro. (Surpresos, os cadetes se sentam, encarando-o): Enquanto vinha, pensava: 'por uma torpe razão eu poderia provocar algum grande homem, algum grande príncipe, que certamente poderia quebrar...'
CHRISTIAN: Meu nariz!... (Todos ficam em suspense. Christian balança-se em sua cadeira.)
CYRANO (com voz abafada): ... 'meus dentes! Que poderia quebrar meus dentes e eu, imprudentemente, iria machucar...'
CHRISTIAN: Meu nariz!...
CYRANO: 'Meu dedo,... Entre as árvores e as casas! Ele tentou mostrar seu valor e me atingiu... '
CHRISTIAN: Bem no nariz...
CYRANO (enxugando a testa): ... 'nos dedos! Sim, mas eu gritei: 'Avante, gascão! O dever chama Cyrano! E assim eu me arrisquei... que da sombra viesse...'
CHRISTIAN: Uma pancada no nariz.
CYRANO: Eu me esquivaria - e me encontrei...
CHRISTIAN: Nariz a nariz...
CYRANO (indo até ele): Céus e Terra! (Todos os gascões se levantam para ver, mas quando está perto de Christian, ele se controla e continua): ...Com cem beberões armados e fedorentos... (saltando à sua frente): Céus e Terra!
CHRISTIAN: Bom faro...
CYRANO (branco, mas sorrindo): ...de cebola e Brandy! Eu saltei, cabeça abaixada...
CHRISTIAN: Nariz ao vento!
CYRANO: Eu ataquei! - feri dois, empalei um - até em cima, outro mirou em mim - Paf! Eu desviei...
CHRISTIAN: Pif!
CYRANO (Explodindo): Deus do Céu! Fora! Todos vocês!
(Os cadetes correm até a porta.)
PRIMEIRO CADETE: O tigre acordou!
CYRANO: Todos os homens, fora! Deixem-me sozinho com ele!
SEGUNDO CADETE: Nós o encontraremos moído, em pequenos pedaços, dentro

de um pastel!

RAGUENEAU: Estou ficando pálido, e encolhido, como um caracol, trôpego e branco!

CARBON: Saiamos.

OUTRO: Ele não vai deixar uma migalha!

OUTRO: Morro de medo de pensar no que se passará aqui!

OUTRO (fechando a porta corretamente): Algo bastante horrível!

(Todos saíram por diferentes portas, alguns pela escadaria. Cyrano e Christian estão face a face, encarando-se por um momento.)

Cena 2.X.

Cyrano, Christian.

CYRANO: Abrace-me agora!

CHRISTIAN: Senhor...

CYRANO: Você é corajoso.

CHRISTIAN: Oh! mas...

CYRANO: Não, eu insisto.

CHRISTIAN: Peço-lhe que me diga...

CYRANO: Venha, abrace-me! Eu sou irmão dela.

CHRISTIAN: Irmão de quem?

CYRANO: Dela, eu juro! De Roxane!

CHRISTIAN (correndo até ele): Ó céus! Sua irmã!

CYRANO: Primo - irmão... a mesma coisa!

CHRISTIAN: E ela disse a você... ?

CYRANO: Tudo!

CHRISTIAN: Ela me ama? diga!

CYRANO: Talvez!

CHRISTIAN (tomando-lhe as mãos): Como estou feliz de encontrá-lo, senhor!

CYRANO: Isso é o que se chama de emoção repentina!

CHRISTIAN: Peço que me perdoe...

CYRANO (Olhando para ele, com a mão no seu ombro): É verdade que ele é belo, o vilão!

CHRISTIAN: Ah, senhor! Quero que saiba da minha admiração!...

CYRANO: Pelos meus narizes?...

CHRISTIAN: Oh! Eu os deixei de lado!

CYRANO: Roxane espera uma carta.

CHRISTIAN: Triste dia!

CYRANO: Como?

CHRISTIAN: Estarei perdido se abrir a boca!

CYRANO: Por quê?

CHRISTIAN: Eu sou um tolo - devia morrer de vergonha!

CYRANO: Ninguém que se reconhece um tolo é tolo. E você não me atacou como um tolo.

CHRISTIAN: Bah! Sempre se dá um jeito de atacar o inimigo! Eu tenho uma certa inteligência para as coisas militares, mas ante as mulheres, fico de língua presa. Seus olhos! É verdade, quando eu passo, seus olhos são generosos...

CYRANO: E, quando você fica, seus corações, eu acho, ficam ainda mais generosos?

CHRISTIAN: Não! Pois eu sou um daqueles homens de língua presa, daqueles que nunca se declaram a elas.

CYRANO: e eu acredito tenha sido a Natureza mais benevolente, mais cuidadosa quando me concebeu - por ser um daqueles homens que bem sabem falar de amor!

CHRISTIAN: Oh, para expressar os pensamentos com ágil graça!...

CYRANO: ... para ser um mosqueteiro, de bela face!

CHRISTIAN: Roxane é preciosa. Por certo eu a desapontarei!

CYRANO (olhando para ele): Tivesse eu um intérprete para expressar minha alma!

CHRISTIAN (em desespero): Eloquência! Onde encontrá-la?
CYRANO (abruptamente): Eu a emprestarei se você me emprestar sua sedutora beleza; juntos, nós faremos um herói de romance!
CHRISTIAN: Como assim?
CYRANO: Acredita você que possa repetir as coisas que diariamente ensinarei à sua língua?
CHRISTIAN: O que quer dizer?
CYRANO: Roxane jamais terá uma decepção! Diga, permitirias tu que nós a cortejássemos, os dois juntos? Permitirias tu que nós a cortejássemos, ambos? Sentiste tu através de tuas vestes, ao passar por minha roupa de couro, toda a inspiração de minha alma?
CHRISTIAN: Mas, Cyrano!...
CYRANO: Você permitiria? eu pergunto.
CHRISTIAN: Tenho medo!
CYRANO: Desde que, por si mesmo, você teme gelar-lhe o coração, irá você - para queimar todo o coração dela de amor - unir as minhas frases e os seus lábios?
CHRISTIAN: Seus olhos brilham!
CYRANO: Você permitiria?
CHRISTIAN: Agradaria a você? Seria tão prazeroso?
CYRANO (loucamente): Isso!... (Então calmamente, como um negociante): Isso seria divertido! É uma empresa tentadora para um poeta. Você me completará e deixará que eu complete você? Você marcha vitorioso - eu vou à sua sombra. Deixe-me pensar por você e seja a minha beleza!
CHRISTIAN: A carta que ele está aguardando com urgência! Eu nunca...
CYRANO (retirando a carta que havia escrito): Veja! Aqui está - a sua carta!
CHRISTIAN: Quê?
CYRANO: Tome! Basta colocar o endereço.
CHRISTIAN: Mas eu...
CYRANO: Nada tema. Envie-a. Vai servir.
CHRISTIAN: Mas foi você... ?
CYRANO: Oh! Nós temos os bolsos cheios, nós poetas, de cartas de amor, escritas a Chloes, Dafnes - criações de nossas cabeças. Nossos amores - fantasmas de nossos cérebros - vãs fantasias, como bolhas de sabão! Venha! Pegue-a e transforme palavras de amor fingidas em verdadeiras; eu emito meus suspiros e lamentos ao acaso; chame todos esses pássaros enamorados para o ninho. Você verá que eu estava nessas linhas educadas - eloquência é o que mais há, e sinceridade o menos! - pegue esta carta e dê-lhe uma utilidade!
CHRISTIAN: Não seria melhor trocar algumas palavras? Escritas ao acaso irão combinar com Roxane?
CYRANO: Irão caber como uma luva!
CHRISTIAN: Mas...
CYRANO: Ah, credulidade do amor! Roxane pensará que cada palavra foi inspirada nela!
CHRISTIAN: Meu amigo! (Atira-se nos braços de Cyrano. Eles permanecem assim.)

Cena 2.XI.

Cyrano, Christian, os gascões, o mosqueteiro, Lise.

UM CADETE (entreabrindo a porta): Nada aqui!... O silêncio da sepultura! Não ousa olhar... (ele ergue a cabeça): Por que?...
TODOS OS CADETES (entrando, e vendo Cyrano e Christian abraçados): Oh!...
UM CADETE: Isso diz tudo!

(Consternação.)

O MOSQUETEIRO (jocosamente): Ho, ho!...

CARBON: Nosso demônio tornou-se um santo? Um golpe na narina - veja! Ele dá a outra!

MOSQUETEIRO: Então nós podemos falar sobre seu nariz de agora em diante!...

(Chamando Lise, com prepotência): - Ei, Lise, veja isso!

(Fungando ostensivamente): Ó céus!... que fedor!... (Indo até Cyrano): Você também, senhor, sem dúvida já percebeu também! - Que odor é o que eu percebo aqui?

CYRANO (esmurrando-o): Cabeças-de-alho. (Deleite geral. Os cadetes encontraram o velho Cyrano novamente! Eles dão cambalhotas.)

Cortinas.

Ato III.

O Beijo de Roxane.

Uma pequena esquina no velho Marais. Casas velhas. Pequenas ruas em perspectiva. À direita, a casa de Roxane e o muro do jardim a sobressair-se em meio à espessa folhagem. Janela e balcão sobre a porta. Um banco ao fundo. Do banco e das pedras junto ao muro é fácil subir ao balcão. Em frente, há uma velha casa no mesmo estilo, de tijolo e pedra. A aldrava da porta é envolta em linho, como um dedo machucado. Ao subir da cortina, a ama está sentada no banco. A janela do balcão de Roxane está escancarada. Ragueneau está parado próximo à porta, vestindo uma espécie de uniforme. Ele acaba de concluir um relato à ama e está enxugando os olhos.

Cena 3.I.

Ragueneau, a ama. Depois Roxane, Cyrano, e dois pajens.

RAGUENEAU: - então ela se foi, com um mosqueteiro! Abandonado e arruinado também, eu daria um fim a tudo, pendurando-me numa corda. Meu último suspiro estava dado: - então apareceu Monsieur de Bergerac! Ele cortou a corda e suplicou a seu primo que me fizesse mordomo.

A AMA: Bem, e por que você disse que estava arruinado?

RAGUENEAU: Oh! Lise amava os soldados e eu amava os poetas! Os bolos que Apolo arriscou deixar foram rapidamente pegos por Marte. Desse modo, a ruína era questão de tempo.

A AMA (levantando, e gritando para a janela aberta): Roxane, está pronta? Eles esperam por nós!

VOZ DE ROXANE (da janela): Primeiro vou colocar meu disfarce!

A AMA (a Ragueneau, mostrando a porta do lado oposto): Eles esperam por nós ali, do outro lado, na casa de Clomire. Ela receberá a todos lá hoje - as preciosas, os poetas; eles lerão um discurso sobre a Suave Paixão.

RAGUENEAU: A Suave Paixão?

A AMA (numa voz afetada): Sim, deveras! (Gritando para a janela): Roxane, se não vier logo, perderemos o discurso da Suave Paixão!

VOZ DE ROXANE: Eu vou! Eu vou!

(Som de instrumentos de corda se aproximando.)

VOZ DE CYRANO (atrás dos cenários, cantando): La, la, la, la!

A AMA (surpresa): Eles farão serenata?

CYRANO (seguido por dois pajens com alaúdes): Direi a vocês que são demi-semi-oitavas, demi-semi-idiotas!

PRIMEIRO PAJEM (ironicamente): Você sabe então, senhor, distinguir entre semi-oitavas e demi-semi-oitavas?

CYRANO: Não é todo discípulo de Gassendi um músico?

O PAJEM (tocando e cantando): La, la!

CYRANO (arrancando o instrumento dele e seguindo com esta frase): Como prova, eu posso continuar! La, la, la, la!

ROXANE (aparecendo o balcão): Quê? É você?

CYRANO (mantendo o mesmo ar e cantando): Sou eu, que vem cantar aos lírios e prestar devoção a suas ro-o-osas!

ROXANE: Estou descendo! (Ela deixa o balcão.)

A AMA (apontando para o pajens): Como chegaram até aqui esses dois virtuosos?

CYRANO: Foi graças a uma aposta que ganhei de D'Assoucy. Estávamos disputando uma questão em gramática; as contradições cresceram ardorosamente - 'É assim!' 'Não, é assim!' quando repentinamente ele mostrou-me dois brutamontes, que ele traz sempre consigo, como uma escolta, e que são hábeis em tocar alaúde com seus dedos magros! 'Aposto com você um dia de música', disse ele - e perdeu! Desse modo, veja você, até que a carruagem de Febo inicie sua jornada uma vez mais, estes tocadores de alaúde estão a meus pés, vendo tudo o que faço, ouvindo tudo o que digo e acompanhando tudo de melodia. Era agradável de início, mas, verdade seja dita, eu já começo a me aborrecer! (Aos músicos): Ei, vocês! Uma serenata a Montfleury por mim! Toquem por ele! (os pajens vão em direção à porta. A ama): Virei, como de costume, à noite, para perguntar a Roxane sobre... (aos pajens, que estão saindo): Toquem longamente - e toquem fora do tom! (Para a ama): ... se o eleito de sua alma continua sempre o mesmo, sempre impecável!

ROXANE (saindo da casa): Ah! Que formoso ele está, que inteligência brilhante! E - como eu o quero bem!

CYRANO (sorrindo): Christian tem uma inteligência tão brilhante?

ROXANE: Ainda mais do que a sua, primo!

CYRANO: Assim seja, de todo o coração!

ROXANE: Ah! pareciam-me impossível haver um homem na terra hábil em dizer tão docemente como ele tão belas futilidades que significam tanto - que significam tudo! Às vezes sua mente parece vagar a esmo, a Musa nada diz - então, presto! Ele fala - como um feitiço! Um encantamento!

CYRANO (incredulamente): Não, não!

ROXANE: Que vergonha! Você diz tolices! Mas, veja! Os homens são sempre assim! Porque ele é belo de ver, você certamente pensou que ele seria feio no discurso.

CYRANO: Ele é eloqüente ao falar de amor?

ROXANE: Ao falar de amor? Oh, isso não é fácil de dizer, requer dissertação, requer análise!

CYRANO: Como é ele com a pena?

ROXANE: Ainda melhor! Ouça - aqui: (recitando):

'Quanto mais do meu pobre coração você leva

Mais cresce meu coração!'

(Triunfalmente a Cyrano): Que achou desses versos?

CYRANO: Puh!

ROXANE: E assim continua ele...

E, uma vez que eu deva mostrar o alvo

Para a cruel flecha de Cupido,

Oh, se o meu próprio você concordar em manter,

Então dê-me o seu doce coração!'

CYRANO: Deus! Primeiro ele tem muito, depois reclama não ter o bastante! Quantos corações quer esse rapaz?

ROXANE: Você irritaria um santo!... Mas isso é inveja sua.

CYRANO (estático): Que você quer dizer?

ROXANE: Sim, o seu ciúme de poeta! Ouça agora se este não é outra vez suave e delicado! -

'É como se meu coração gritasse ao teu: se beijos pudessem viajar

Por carta, então com seus doces lábios

Minhas cartas seriam lidas!

Se os beijos pudessem ser escritos com tinta,

Se os beijos pudessem viajar!'

CYRANO (sorrindo aprovadamente mas com ódio de si mesmo): Ha! Estas últimas linhas são, - hm!... hm!...
(corrigindo a si mesmo - desdenhosamente): - Elas são por demais vazias!
ROXANE: E estas...
CYRANO (encantado): Então você guarda suas cartas no coração?
ROXANE: Cada uma delas!
CYRANO: Por todos os juramentos que possam ser feitos - Isso é lisonjeiro!
ROXANE: São linhas de um mestre!
CYRANO (modestamente): Ora, não... um mestre?...
ROXANE: sim, eu digo - um mestre!
CYRANO: Bom - assim seja.
A AMA (chegando rapidamente): Aí vem Monsieur de Guiche! (A Cyrano, puxando para dentro da casa): É melhor não vê-la com o senhor; poderia lançar suspeitas...
ROXANE (a Cyrano): Sim, do meu caro segredo! Ele me ama e é poderoso; se souber, então tudo estará perdido! Sim! Ele bem poderia dar um fim ao meu amor!
CYRANO (entrando na casa): Bom! Bom!

(De Guiche aparece.)

Cena 3.II.

Roxane, De Guiche, a ama parada um pouco afastada do caminho.

ROXANE (saudando De Guiche): Estava saindo.
DE GUICHE: Vim para me despedir.
ROXANE: Para onde vai você?
DE GUICHE: Para a guerra.
ROXANE: Ah!
DE GUICHE: Sim, esta noite.
ROXANE: Oh!
DE GUICHE: Entrarei em combate. Vamos assediar Arras.
ROXANE: Ah - assediar?...
DE GUICHE: Sim. Minha partida não a comove, parece-me.
ROXANE: Não...
DE GUICHE: Estou pesaroso, de coração. Irei novamente contemplá-la?... Quando? Não sei. Ouviu dizer que fui nomeado comandante?
ROXANE (indiferente): Bravo!
DE GUICHE: da Guarda do regimento.
ROXANE (atemorizada): Quê! Da Guarda?
DE GUICHE: Sim, onde serve o seu primo, o fanfarrão convencido. Encontrarei uma forma de me vingar dele em Arras.
ROXANE (engasgada): Que quer dizer? A Guarda vai para Arras?
DE GUICHE (rindo): Pensava que fosse só o meu regimento?
ROXANE (caindo sentada no banco - à parte): Christian!
DE GUICHE: O que a incomoda?
ROXANE (profundamente comovida): Oh - estou em desespero! O homem que eu amo - na guerra!
DE GUICHE (surpreso e deleitado): Você diz palavras tão doces! Esta é a primeira vez! - e justamente quando eu preciso deixá-la!
ROXANE (controlada e abanando-se): Quer dizer - que você pretende se vingar de seu rancor contra meu primo?
DE GUICHE: Minha bela dama está do lado dele?
ROXANE: Não - contra ele!
DE GUICHE: A senhora o vê com frequência?
ROXANE: Muito raramente.
DE GUICHE: Ele deve estar agora em companhia de um dos cadetes... um Neu - villen - viller -
ROXANE: de elevada estatura?

DE GUICHE: Belo cabelo!

ROXANE: Sim, um rapaz ruivo!

DE GUICHE: Formoso!...

ROXANE: Oh!

DE GUICHE: Mas de inteligência embotada.

ROXANE: Quem pensaria isso olhando para ele! (Mudando de tom): Como você pretende se vingar de Cyrano? Acaso pretende pô-lo no meio do tiroteio? Não, acredite em mim, seria uma pobre vingança - ele um destino assim mais do que tudo! Eu sei o caminho para ferir o seu orgulho da maneira mais penetrante!

DE GUICHE: Qual então? Diga...

ROXANE: Se, quando o regimento marchar para Arras, ele for deixado aqui, com seus bem-amados companheiros, os cadetes, sentado de braços cruzados até que a guerra se acabe! Eis o método pelo qual você enfureceria um homem daquele tipo; roubando-lhe a chance de um perigo mortal, você o puniria da maneira mais cruel.

DE GUICHE (chegando mais perto): Ó mulher! Mulher! Quem senão uma mulher para conceber truque tão sutil?

ROXANE: Você não vê como ele irá se remoer de raiva? Enquanto seus amigos se batem, ele ficará privado da batalha. Assim você estará melhor vingado.

DE GUICHE: Você me ama, então, um pouquinho? (Ela sorri): Sinto-me forçado - vendo você de tal modo abraçar minha causa, Roxane - a acreditar que isso seja uma prova de amor!

ROXANE: Esta é uma prova de amor!

DE GUICHE (mostrando alguns papéis selados): Aqui estão as ordens; elas serão mandadas imediatamente para cada companhia - exceto - (Ele retira uma): - Esta! A dos Cadetes. (Ele a coloca no bolso): Esta eu vou guardar. (Rindo): Ha! ha! ha! Cyrano! Seu amor pela batalha!... Então você pode praticar seus truques com as pessoas?... Sim, com as senhoras!

ROXANE: Às vezes!

DE GUICHE (chegando mais perto): Oh! Como eu a amo! - que distração! Ouça! Esta noite - creia, eu devo partir - mas - deixar você agora que seu coração está apaixonado! Por falar nisso, na rua d'Orleans, há um convento fundado pelo frade Athanasius, o síndico dos Capuchinhos. É verdade que nenhum leigo pode entrar - mas - eu posso arrumar isso com os bons frades! Seus hábitos são grandes o bastante para me esconder. São eles que servem à capela privada de Richelieu: e pelo respeito ao tio, temerão o sobrinho. Todos pensarão que já terei ido. Eu irei até você, mascarado. Dê-me permissão para esperar até amanhã, doce senhora dos meus sonhos!

ROXANE: Se isso se espalhar, porém, a sua glória...

DE GUICHE: Bah!

ROXANE: Mas e o cerco - Arras...

DE GUICHE: Terá a sua vez. Conceda, porém, permissão.

ROXANE: Não!

DE GUICHE: Dê-me licença!

ROXANE (suavemente): É meu dever proibi-lo!

DE GUICHE: Ah!

ROXANE: Você precisa ir! (à parte): Christian fica aqui. (em voz alta): Eu terei em você um herói - Antoine!

DE GUICHE: Ó palavra celestial! Você me ama, então, hein?...

ROXANE: ... É por quem eu temo.

DE GUICHE (em êxtase): Ah! Eu vou, então! (Ele beija a mão dela): Está contente?

ROXANE: sim, meu amigo! (Ele sai.)

A AMA (fazendo-lhe pelas costas uma reverência jocosa): Sim, meu amigo!

ROXANE (à ama): Nenhuma palavra do que eu fiz. Cyrano jamais me perdoaria por roubar-lhe a chance de lutar! (Ela chama pela casa):

Primo!

Cena 3.III.

Roxane, a ama, Cyrano.

ROXANE: Estamos indo para a casa de Clomire. (Ela aponta para a porta do lado oposto): Alcandre e Lysimon irão discursar!

A AMA (pondo o pequeno dedo no ouvido): Sim! Mas meu pequeno dedo me diz que nós vamos perdê-lo.

CYRANO: Seria uma pena perder aqueles macacos! (Eles chegaram até a porta de Clomire.)

A AMA: Oh, veja! A aldrava está encoberta! (Falando à aldrava): Então eles amordaçaram a alça de metal por nossa causa, pequenos barulhentos, para não perturbarmos os finos oradores! (Ela levanta a alça cuidadosamente e bate com precaução.)

ROXANE (vendo a porta se abrir): Entremos! (No solado, a Cyrano): Se Christian vier, como estou certa de que virá, diga-lhe para me esperar!

CYRANO (rapidamente, enquanto ela entra): Ouça! (Ela se volta): Que você irá perguntar a ele, como de hábito, esta noite?

ROXANE: Oh -

CYRANO (avidamente): Bem, diga

ROXANE: Você ficará calado?

CYRANO: Calado como um peixe.

ROXANE: Não perguntarei nada a ele, mas direi: dê asas à sua fantasia! Não prepare seus discursos - mas exponha os pensamentos como eles vierem! Fale-me de amor, e fale esplendidamente!

CYRANO (avidamente): muito bom!

ROXANE: Mas segredo!...

CYRANO: Segredo.

ROXANE: Nem uma palavra! (Ela entra e fecha a porta.)

CYRANO (quando a porta se fecha, reverenciando-a): Mil agradecimentos! (A porta se abre novamente e Roxane põe a cabeça para fora.)

ROXANE: Para que ele se prepare!

CYRANO: Que diabo! - não, não!

AMBOS JUNTOS: Segredo. (A porta se fecha.)

CYRANO (chamando): Christian!

Cena 3.IV.

Cyrano, Christian.

CYRANO: Sei de tudo o que é necessário. Essa é a ocasião para você cobrir-se de glórias. Venha, não perca tempo; deixe esse olhar zangado e venha até sua casa comigo. Eu lhe ensinarei...

CHRISTIAN: Não!

CYRANO: Por quê?

CHRISTIAN: Esperarei por Roxane aqui.

CYRANO: Como? Louco? Venha logo comigo e aprenda...

CHRISTIAN: Não, não! Eu digo. Estou aborrecido com essas cartas emprestadas - composições de amor emprestadas! Só funcionam em parte, porque eu tremo o tempo todo! - Eram boas no início! - Agora eu sei que ela me ama! Não tenho mais medo! - Falarei eu mesmo.

CYRANO: Obrigado!

CHRISTIAN: E como sabe que eu não sei falar? - Eu não sou tão tolo como dizem! Estou calejado pelas suas lições. Você verá que eu sei falar sozinho! Que diabo! Eu sei pelo menos envolvê-la em meus braços! (Vendo Roxane sair da casa de Clomire): - É ela! Cyrano, não! - Não me deixe!

CYRANO (reverenciando): Fale você mesmo, meu amigo, e tenha a sua chance. (Ele some atrás do muro do jardim.)

Cena 3.V.

Christian, Roxane, a ama.

ROXANE (saíndo da casa de Clomire, na companhia dos amigos, a quem ela deixa. Reverências e despedidas): Barthenoide! - Alcandre! - Gremione! -

A AMA (amargamente desapontada): Nós perdemos o discurso sobre a Suave Paixão!(Entra na casa de Roxane.)ROXANE (ainda saudando): Urimedonte - adeus! (Todos saúdam-se uns aos outros e a Roxane e a seguir se separam, seguindo por diferentes ruas. Roxane repentinamente vê a Christian): Você! (Ela vai até ele): A noite cai. Sentemos. Fale. Eu ouço.

CHRISTIAN (senta-se perto dela no banco. Um silêncio): Oh! Eu a amo!

ROXANE (fechando os olhos): Sim, fale-me de amor.

CHRISTIAN: eu te amo!

ROXANE: Este é o tema! Mas varie-o um pouco.

CHRISTIAN: Eu...

ROXANE: Varie um pouco mais!

CHRISTIAN: Eu a amo tanto!

ROXANE: Oh! Sem dúvida! - e então?...

CHRISTIAN: E então - eu ficaria - oh! - tão contente - tão contente se você me amasse! - Roxane, diga-me!

ROXANE (com uma pequena careta): Eu esperava creme e você me deu mingau! Quanto o amor o possui?

CHRISTIAN: Oh, profundamente!

ROXANE: Venha, venha!.. desate esses sentimentos amarrados!

CHRISTIAN: Eu beijaria seu pescoço!

ROXANE: Christian!

CHRISTIAN: Eu te amo!

ROXANE (soerguendo-se): Novamente!

CHRISTIAN (avidamente, detendo-a): Não, não! Eu não te amo!

ROXANE (sentando-se de novo): Ah, bem!

CHRISTIAN: Eu te adoro!

ROXANE (erguendo-se e afastando-se): Oh!

CHRISTIAN: Sou um completo estúpido!

ROXANE (secamente): O que me desagrada quase tanto como se você fosse um completo doente.

CHRISTIAN: Mas...

ROXANE: Traga de volta sua pobre eloquência que se foi!

CHRISTIAN: Eu...

ROXANE: Sim, que você me ama eu sei. Adeus. (Ela vai para casa.)

CHRISTIAN: Oh, não se vá ainda! Eu lhe diria -

ROXANE (abrindo a porta): Que me adora? Tenho ouvido isso com muita frequência. Não! - Vá!

CHRISTIAN: Mas eu gostaria... (ela fecha a porta na sua cara.)

CYRANO (que entrou sem ser visto): Eu juro! Foi um sucesso!

Cena 3.VI.

Christian, Cyrano, dois pajens.

CHRISTIAN: Ajude-me!

CYRANO: Não eu!

CHRISTIAN: Mas eu morrerei se não conquistar seus favores imediatamente.

CYRANO: E como poderei eu, com os diabos, ensinar você a...

CHRISTIAN (agarrando-lhe o braço): Oh, ela está ali! (A janela do balcão é acesa.)

CYRANO (emocionado): Sua janela!

CHRISTIAN: Oh! Eu vou morrer!

CYRANO: Fale mais baixo!

CHRISTIAN (num sussurro): Eu vou morrer!

CYRANO: A noite está escura...

CHRISTIAN: Bem!

CYRANO: Tudo pode ser corrigido. Apesar de você não merecer. Fique aí, pobre desgraçado! Em frente ao balcão! Eu ficarei embaixo e ditarei as palavras que você...

CHRISTIAN: Mas...

CYRANO: Segure a língua!

OS PAJENS (reaparecendo ao fundo - a Cyrano): Ei!

CYRANO: silêncio! (Acena para ele falarem baixo.)

PRIMEIRO PAJEM (em voz baixa): Nós já tocamos a serenata que você ofereceu a Montfleury!

CYRANO (rapidamente, em voz baixa): Vão! Escondam-se ali, uma nessa esquina, outro naquela; e se passar alguém por ali, toquem uma canção!

SEGUNDO PAJEM: Que canção, senhor Gassendist?

CYRANO: Alegre, se for uma mulher - se for um homem, triste! (Os pajens desaparecem, um em cada esquina. A Christian): Chame-a!

CHRISTIAN: Roxane!

CYRANO (juntando uma pedra e atirando-a na janela): Alguns seixos! Espere um pouco!

ROXANE (entreabrindo a janela): Quem me chama?

CHRISTIAN: Eu!

ROXANE: Quem está aí?

CHRISTIAN: Christian!

ROXANE (desdenhosamente): Oh! Você?

CHRISTIAN: Gostaria de falar com você.

CYRANO (sob o balcão - a Christian): Bom. Fale suave e devagar.

ROXANE: Não, você fala estupidamente!

CHRISTIAN: Oh, perdoe-me!

ROXANE: Não! Você não me ama mais!

CHRISTIAN (estimulado por Cyrano): Diga - Céus! Não a amo mais? - quando - eu a amo mais e mais

ROXANE (quase a ponto de fechar a janela, pausando): Pare! É uma bobagem ainda maior! Sim, uma bobagem!

CHRISTIAN (do mesmo jeito): O amor cresceu depressa, movimentado pela ansiosa batida... deste pobre coração, que o devasso menino... roubou do berço!

ROXANE (deixando o balcão): Esta é a melhor! Mas se você acha que Cupido seja tão cruel, deveria ter sufocado o seu amor ainda no berço!

CHRISTIAN (do mesmo modo): Ah, Madame, eu tentei, mas em vão. Este recém-nascido é um jovem... Hércules!

ROXANE: Melhor ainda!

CHRISTIAN (de igual modo): Que ele estrangule em meu coração as... serpentes gêmeas do... orgulho... e da dúvida!

ROXANE (inclinando-se sobre o balcão): Muito bem dito! - mas por que tão vacilante? Há alguma paralisia mental na sua faculdade imaginativa?

CYRANO (puxando Christian para baixo do balcão e assumindo seu lugar): Dê-me lugar! Está no ponto crítico!...

ROXANE: Hoje... Suas palavras são hesitantes.

CYRANO (imitando Christian - sussurrando): É noite... Ao anoitecer, elas tateiam o caminho até seus ouvidos.

ROXANE: Mas minhas palavras não encontram tal impedimento.

CYRANO: Elas acharam o caminho finalmente? Pequena maravilha! Pois em meu coração elas encontram o caminho; Reflita sobre como é grande meu coração e pequenos os seus ouvidos! Além disso - as palavras que caem das alturas chegam mais rápido, porém as minhas precisam escalar, madame, e isso demanda tempo!

ROXANE: parece-me que suas últimas palavras aprenderam a escalar.

CYRANO: com a prática, semelhante exercício torna-se menos duro!

ROXANE: em verdade, eu pareço falar de distantes alturas!

CYRANO: Sim, bem alto, tão alto que eu morreria se uma palavra dura da senhora caísse em meu coração.

ROXANE (emocionada): Vou descer...

CYRANO (apressadamente): Não! ROXANE (mostrando-lhe o banco sob o balcão): então suba no banco!

CYRANO (alarmando-se): Não!

ROXANE: Como! Você não virá?

CYRANO (mais e mais emocionado): Espere um pouco! É tão doce... a rara ocasião em que nossos corações, que jamais se viram, podem falar sem ser vistos

ROXANE: Por que - jamais se viram?

CYRANO: Sim, é doce! Meio escondido - meio revelado - eu vejo as dobras escuras do meu manto, e o tênue brancor do seu vestido: não sou senão uma sombra - você, uma beleza radiosa! Sabe o que me detém neste momento? Se alguma vez já fui eloqüente...

ROXANE: Você já foi!

CYRANO: Até esta noite meu discurso jamais saíra com tanta franqueza de meu coração.

ROXANE: Por que não?

CYRANO: Até hoje sempre falei a acaso...

ROXANE: Quê?

CYRANO: Seus olhos têm raios que me dão vertigem! - Mas esta noite parece que pela primeira vez eu encontrarei o que dizer!

ROXANE: Na verdade, sua voz soa com um tom diferente.

CYRANO (chegando mais perto, apaixonadamente): Sim, um novo tom! No suave e acolhedor crepúsculo e ousa ser eu mesmo por uma vez - ao menos! (ele pára e gagueja): Que digo? Não sei! - Oh, perdoe-me - isso me aterroriza - é tão doce, tão irreal...

ROXANE: Como? Tão irreal?

CYRANO (transtornado, tentando encontrar o fio da meada): Sim, para ser sincero; até agora, meu frio coração, temendo ser ridicularizado...

ROXANE: ridicularizado? E por quê?

CYRANO: por suas batidas nervosas! - Sim, meu coração estava revestido de contidas palavras para ocultar-se de olhos curiosos: - impelido às vezes a alcançar uma estrela, eu recolho a mão e, temendo o ridículo - colho uma flor!

ROXANE: Selvagem doçura da flor.

CYRANO: Sim, mas esta noite - a estrela!

ROXANE: Oh! Você nunca havia falado assim antes!

CYRANO: Deixasse o Cupido de lado carcás, flechas e tochas, e nós voltaríamos a procurar pelas coisas mais doces e saudáveis! Ao invés de beber em taças pequenas as estúpidas beberagens da moda, nós veríamos como a alma sacia sua sede bebendo à margem do rio!

ROXANE: Mas e a sabedoria?...

CYRANO: Se eu a tivesse usado para cativar a senhora desde o primeiro momento... agora seria um ultraje, um insulto - à Noite perfumada - à natureza - dizer palavras agradáveis que enfeitam vãs cartas de amor! Não olhe senão para as estrelas! A quietude do Céu tranquilizará nossos corações de todas as coisas artificiais. Eu não temo que, em meio à alquimia em que estamos envolvidos, a verdade do sentimento se dissolva e desapareça - a alma exausta por esses passatempos vazios, o ganho de coisas belas não signifique a perda de todas as coisas!

ROXANE: Mas e a sabedoria? Eu digo...

CYRANO: No amor, isto é um crime - é odioso! Transformar o amor sincero numa sutil esgrima! Finalmente, quando a hora inevitável chegar - Oh, coitados daqueles que nunca souberam o momento! Quando o sentimento do amor existe em nós, enobrece; cada palavra calculada é fútil e entristece a alma!

ROXANE: Bem, suponhamos que esse momento chegasse! Que palavras você usaria?

CYRANO: Todas, todas, todas, quaisquer que venham até mim, sempre que vierem, eu as colocarei num grande cacho, não um cuidadoso buquê. Eu

te amo! Estou louco! Eu amo, Eu sufoco! Teu nome está em meu coração como um sino de ovelha e, assim como eu tremo pensando em ti, a cada vez que a ovelha balança, lembro do teu nome! A todas as tuas coisas eu observo, por amar a todas as tuas coisas; sei que no ano passado, a doze de maio, numa viagem ao exterior, você mudou as tranças! Estou tão habituado a tomar o seu cabelo pela luz do dia que - assim como ao fixarmos o olhar no disco solar, vemos um borrão vermelho em todas as coisas - quando eu deixo teus raios, minha visão ofuscada vê sobre todas as coisas uma loira mancha impressa.

ROXANE (agitada): Oh, isso é amor de fato!...

CYRANO: Sim, verdade, o sentimento que me preenche, terrível e ciumento, verdadeiramente o amor - que é sempre triste em seus transportes! Amor - estranhamente, não uma paixão egoísta! Pela sua alegria eu de boa vontade abria mão da minha - mesmo que você jamais fosse saber - jamais! Se eu pudesse ouvir - longe de você e solitário - algum eco alegre de felicidade eu dou a você! Cada olhar teu desperta em mim uma virtude - um novo e desconhecido valor. Começaste, meu doce, a entender? Tão tarde, tu me entendes? Sentes tu a minha alma, aqui, em meio à escuridão crescente? Tão bela a noite! Tão bela, tão belo o momento! Que deste modo eu teria falado e assim você teria ouvido! Tão bela! Mesmo quando minha esperança esteve mais forte, eu nunca esperei tamanha recompensa. Nada mais me resta a não ser morrer agora! Teriam minhas palavras o poder de agitá-la - aqui em meio à folhagem? Sim, como uma folha entre as folhas, você se agita! Você se agita! Pois em sinto - acredite você ou não - que as mãos do seu amado tremem de terror em meio à folhagem, debaixo dos ramos do jasmim! (Ele beija apaixonadamente um dos brotos suspensos.)

ROXANE: Sim! Eu estou tremendo, chorando - eu sou tua! Tu me conquistaste!

CYRANO: Que venha a morte! Eu, somente eu, fui quem te conquistou! Uma coisa, somente uma, gostaria de pedir -

CHRISTIAN (sob o balcão): Um beijo!

ROXANE (recuando): Quê?

CYRANO: Oh!

ROXANE: Você pediu... ?

CYRANO: Eu... (A Christian, sussurrando): Tolo! Você é muito apressado!

CHRISTIAN: Uma vez que ela está apaixonada desse modo - quero aproveitar!

CYRANO (a Roxane): Minhas palavras saem impensadamente, mas agora eu vejo - que vergonha! - Fui muito pretensioso.

ROXANE (um tanto fria): Como você desiste rapidamente.

CYRANO: Sim, eu desisti de desistir! Ofendi seu decoro? Se sim - o beijo que pedi - oh, não me dê.

CHRISTIAN (a Cyrano, puxando-o pelo manto): Por quê?

CYRANO: Silêncio, Christian! Silêncio!

ROXANE (inclinando-se): Que você disse?

CYRANO: Reprovei a mim mesmo por minha ousadia; disse, 'silêncio, Christian!' (As flautas começam a tocar): Ouça! Espere um momento... Passos! (Roxane fecha a janela. Cyrano ouve as flautas, uma toca uma música alegre, a outra, uma música triste): Por que eles tocam a triste - e a alegre - depois a triste! O Que é? Nem homem nem mulher! - oh! Um monge! (entra um capuchinho eremita, com uma lanterna. Ele vai de casa em casa, olhando para cada porta.)

Cena 3.VII.

Cyrano, Christian, um eremita capuchinho.

CYRANO (ao eremita): Que está fazendo? Brincando de Diógenes?

O MONGE: Procuo pela casa de Madame...

CHRISTIAN: Oh! Diabos o levem!

O MONGE: Madeleine Robin...

CHRISTIAN: Quem é ele?...

CYRANO (apontando para uma rua ao fundo): Por ali! Siga em frente...

O MONGE: Agradeço a você e, em sua intenção, vou dizer o rosário até a última conta.

(Ele sai.)

CYRANO: Que sorte! Minhas graças descansam sob seu capuz! (Ele retorna até Christian.)

Cena 3.VIII.

Cyrano, Christian.

CHRISTIAN: Oh! Consiga aquele beijo para mim...

CYRANO: Não!

CHRISTIAN: Cedo ou tarde!...

CYRANO: É verdade! O momento da intoxicação - da loucura - quando suas bocas estiverem se tocando graças ao seu belo bigode - e aos lábios rosados dela! (a si mesmo): Estaria mais satisfeito se fosse graças a...

(Som de trancas abrindo. Christian vai novamente para baixo do balcão.)

Cena 3.IX.

Cyrano, Christian, Roxane.

ROXANE (aparecendo no balcão): Ainda aí? Nós falávamos de um...

CYRANO: Um beijo! A palavra é doce. Não vejo por que seus lábios recuam; Que faz um beijo? Ele queima? Oh! Não deixe sua timidez amedrontá-la; você não passou todo esse tempo deixando os gracejos de lado, insensível, indo, com destemor, do sorriso ao suspiro - do suspiro ao choro? Escorregue gentilmente, imperceptivelmente, adiante - da lágrima ao beijo - um momento de terror! - um batimento cardíaco!

ROXANE: Silêncio! silêncio!

CYRANO: Um beijo quando tudo já foi dito - o que é? Um juramento ratificado - uma promessa selada, uma confissão do coração pedindo para ser confirmada - um botão de rosa no 'i' de 'paixão' - um segredo que à boca, não ao ouvido, é sussurrado - pincel de asa de abelha que faz o tempo eterno - comunhão perfumada, como as flores fogosas da primavera - alívio ao peito oprimido, quando a inundação que se forma na alma transborda aos lábios!

ROXANE: Silêncio! silêncio!

CYRANO: Um beijo, Madame, é honroso: A rainha de França, ao seu maior favorito concedeu um beijo - a própria rainha!

ROXANE: Como assim?

CYRANO (falando calorosamente): Buckingham sofreu em silêncio, - assim fui eu, - adorando sua rainha tão lealmente quanto eu - foi triste mas fiel - assim como eu...

ROXANE: E você é tão belo quanto Buckingham!

CYRANO (à parte - repentinamente desanimado): É verdade, - Tinha esquecido!

ROXANE: Devo eu pedir-lhe que suba para colher esta flor?

CYRANO (puxando Christian para o balcão): Suba!

ROXANE: Este coração batendo!...

CYRANO: Suba!

ROXANE: Este pincel de asa de abelha!...

CYRANO: Suba!

CHRISTIAN (hesitante): Eu sinto agora que será difícil!

ROXANE: Infinito momento!...

CYRANO (ainda o empurrando): Vá, idiota, suba! (Christian salta e, com a ajuda do banco, dos galhos e dos pilares, escala o balcão e caminha sobre ele.)

CHRISTIAN: Ah, Roxane! (ele a toma nos braços e inclina-se sobre seus

lábios.)

CYRANO: Ai! Estranha dor que oprime meu coração! O beijo, festa do amor, tão perto! Eu, Lázaro, deitado à porta da escuridão. Ainda que me caia um migalha ou duas da mesa dos ricos - sim, meu coração te recebe, Roxane - meu! (as flautas tocam): Um tom triste, um tom alegre: o monge! (Ele começa a correr, como se viesse de longe e grita): Hola!

ROXANE: Quem é?

CYRANO: Eu - Eu estava apenas de passagem... Christian está aí?

CHRISTIAN (surpreendido): Cyrano!

ROXANE: Bom dia, primo!

CYRANO: Prima, bom dia!

ROXANE: Estou indo! (Ela desaparece no interior da casa. Ao fundo, reaparece o eremita.)

CHRISTIAN (vendo-o): Outra vez! (Ele segue Roxane.)

Cena 3.X.

Cyrano, Christian, Roxane, o eremita, Ragueneau.

O MONGE: É aqui - estou certo disto - Madame Madeleine Robin.

CYRANO: Oh, você havia dito Ro-LIN.

O MONGE: Não, não eu. B, I, N, BIN!

ROXANE (aparecendo na soleira, seguida de Ragueneau, que carrega uma lanterna, e Christian): Que é?

O MONGE: Uma carta.

CHRISTIAN: Quê?

O MONGE (a Roxane): Oh, não pode tratar senão de assuntos sagrados! É de um importante senhor...

ROXANE (a Christian): De Guiche!

CHRISTIAN: Ele ousa...

ROXANE: Oh, ele jamais me importunará novamente! (tirando o selo da carta): Eu amo você, - então -

(Ela lê em voz baixa com a ajuda da lanterna de Ragueneau): "Senhora, tocam os tambores; meu regimento arruma as celas e inicia jornada; mas eu - eles que me julguem depois -, eu fico. Ousei desobedecer as ordens. Estou abrigado no convento. Virei hoje à noite. Por este pobre monge - um tolo que não sabe o que está fazendo - eu lhe envio esta missiva para informá-la. Seus lábios outrora já me sorriram tão docemente: não irei antes de vê-los uma vez mais! Serei discreto; mande todos embora, receba sozinha - aquele cuja grande audácia você já concordou, eu espero, a perdoar, antes que ele lhe peça - aquele que é seu - et cetera." (ao monge): Pai, esse é o assunto da carta: (Todos se aproximam dela, que lê em voz alta): 'Senhora, a vontade do cardeal é lei; embora seja do desagrado da senhora. Por isso eu lhe envio estas linhas - aos seus belos ouvidos endereçada - por intermédio de um santo homem, discreto, inteligente: é nossa vontade que você receba dele, em sua casa, a imediata (Ela se volta para o pajem): bênção do casamento, esta noite. Sem que ninguém no mundo saiba, Christian torna-se seu marido. Nós o mandamos à senhora. Ele é abominável à senhora. Que seja. Resigne-se e esta desobediência será pelo céu recompensada. Receba, Bela dama, toda as garantias de respeito daquele que foi e ainda permanece seu humilde servo - et cetera.'

O MONGE (extasiado): Ó bondoso senhor! Eu sabia que não era nada a temer; não podia ser senão um assunto sagrado!

ROXANE (a Christian, em voz baixa): Não sou boa para ler cartas?

CHRISTIAN: Hum!

ROXANE (em voz alta, em desespero): Mas isso é horrível!

O MONGE (que havia voltado a lanterna a Cyrano): É você?

CHRISTIAN: Sou eu!

O MONGE (voltando a luz para ele, e como que em dúvida ao ver sua

beleza): Mas...

ROXANE (rapidamente): Olhei de relance o postscript - veja: - Dê vinte pistolas ao convento.'

O MONGE: ... Oh! Ainda mais bondoso senhor! (A Roxane): A senhora paga?

ROXANE (com um olhar de mártir): Pago! (enquanto Ragueneau abre a porta e Christian convida o monge a entrar, ela murmura a Cyrano): Oh, mantenha De Guiche à margem! Ele virá aqui! Não o deixe entrar até que...

CYRANO: Eu entendo! (Ao monge): de quanto tempo você precisa para amarrar o nó do casamento?

O MONGE: Um quarto de hora.

CYRANO (empurrando todos pela casa adentro): Vá! Eu fico.

ROXANE (a Christian): Venha!... (Ele entram.)

CYRANO: agora como deter De Guiche tanto tempo? (Ele salta no banco, escala o balcão pelo muro): Venha!... Para cima eu vou!... Tenho um plano!... (As flautas começam a tocar num tom muito triste): Que é agora? (O "tremolo" cresce mais e mais estranhamente): É um homem! Sim! É um homem desta vez! (ele está no balcão, põe o chapéu sobre os olhos, saca a espada, enrola-se na manta e inclina-se): Isto não é tão alto! (Ele atravessa o balcão, puxa um grande galho de umas das árvores próximas ao muro do jardim e pendura-se nele, pronto para descer): Vou agitar esta atmosfera!

Cena 3.XI.

Cyrano, De Guiche.

DE GUICHE (entra, mascarado, tateando o caminho no escuro): Que estará fazendo aquele maldito monge?

CYRANO: Droga!... se ele reconhecer minha voz! (Saltando com uma mão, ele finge girar uma chave invisível. Solenemente): Cric! Crac!

Assume tu, Cyrano, para tal ocasião,

O sotaque da tua nativa Bergerac!...

DE GUICHE (olhando para a casa): É aqui. Vejo mal, - esta mascara me atrapalha! (Ele está quase entrando, quando Cyrano salta do balcão, agarrado no galho, que se curva, caindo entre a porta e De Guiche; ele finge cair pesadamente, como se de uma grande altura, e cai deitado no chão, imóvel, estatelado. De Guiche recua): que é isso? (Quando olha para cima, o galho já voltou ao seu lugar. Ele apenas vê o céu e está aturdido com o susto): De onde caiu aquele homem?

CYRANO (sentando-se e falando com um sotaque gascão): Da lua!

DE GUICHE: De onde?...

CYRANO (numa voz fantasiosa): Que horas são?

DE GUICHE: ele está doido, por certo!

CYRANO: Que horas são? Que país é este? Em que mês estamos? Em que dia?

DE GUICHE: Mas...

CYRANO: Estou estupefato!

DE GUICHE: Senhor!

CYRANO: Como uma bomba, eu caí da lua!

DE GUICHE (impacientemente): Saia da frente!

CYRANO (erguendo-se, com uma voz terrível): eu disse - da lua!

DE GUICHE (recuando): Está bem, está bem! Assim seja!... É um louco raivoso!

CYRANO (caminhando até ele): Eu disse da lua! Não estou usando de metáfora!...

DE GUICHE: Mas...

CYRANO: Foi há cem anos - um minuto atrás? - Não posso imaginar quanto tempo levou a queda! - que eu estava naquela bola colorida de açafraão?

DE GUICHE (dando de ombros): Bem! Deixe-me passar!

CYRANO (interceptando-o): De onde sou? Diga-me a verdade! Não tenha

medo de dizer! Oh, não me poupe! De onde? De onde? Eu caí como uma estrela cadente?

DE GUICHE: Morbleu!

CYRANO: foi com a rapidez de um relâmpago! Sem tempo para escolher o local da queda - eu não sei onde estou! Oh, diga-me! Foi na lua ou na terra que meu traseiro aterrissou?

DE GUICHE: Direi a você, senhor...

CYRANO (com um grito de terror que faz De Guiche recuar): Não? É possível? Estou num planeta onde os homens têm caras pretas?

DE GUICHE (colocando a mão no rosto): Quê?

CYRANO (fingindo grande alarme): Estou na África? Você é um nativo?

DE GUICHE (lembrando-se de sua mascara): Esta minha máscara...

CYRANO (fingindo estar acalmado): Em Veneza? ha! - ou Roma?

DE GUICHE (tentando passar): Uma senhora espera...

CYRANO (totalmente calmo): Oh-ho! Eu estou em Paris!

DE GUICHE (sorrindo com raiva de si mesmo): O tolo é um comico!

CYRANO: Você ri?

DE GUICHE: eu rio, mas gostaria de passar!

CYRANO (radiante de alegria): Voltei a Paris! (Inteiramente à vontade, rindo, limpando o pó de si mesmo, saudando): vim - perdoe-me - pelo último cano de água, coberto de éter - acidente de viagem! Meus olhos ainda estão cheios de poeira das estrelas e minhas esporas sobrecarregadas pelos filamentos dos planetas! (Retirando algo da manga): Ha! Na minha camisa? - ah, um cabelo de cometa!... (ele dá uma baforada como se soprasse algo longe.)

DE GUICHE (perto dele): Senhor.

CYRANO (quando ele está próximo de passar, agarra sua perna, como que para lhe mostrar algo e o detém): Na minha perna - o bezerro - há um dente da Ursa Maior e, passando perto de Netuno, eu desviei de seu tridente e caí, assim, sentado, tump!, bem nas escadas! Meu peso está marcado, ainda registrado, lá em cima, no céu! (apressadamente, impedindo De Guiche de passar, e detendo-o pela camisa): Eu juro que se você apertar meu nariz, ele verterá leite!

DE GUICHE: Leite?

CYRANO: Da Via-Láctea!

DE GUICHE: Oh, vá para o inferno!

CYRANO (cruzando os braços): Eu caí do céu, senhor! Se eu disse que enquanto caía vi que Sirius usava uma touca de dormir? É verdade! (confidencialmente): A outra Ursa ainda é muito pequena para morder. (Rindo): Passei por dentro de Lira, mas quebrei uma corda; (Grandiloquente): penso em escrever a aventura completa num livro; as pequenas estrelas douradas que se prenderam no meu manto, eu as mantive sãs e salvas de qualquer risco; irão servir com asteriscos nas páginas impressas!

DE GUICHE: Oh, acabe com isso! Eu quero...

CYRANO: Oh-ho! Você é dissimulado!

DE GUICHE: Senhor!

CYRANO: Você podia extrair tudo de mim! - de que é feita a lua, se os homens respiram e vivem em sua rotunda superfície?

DE GUICHE (irritado): Não, não! Eu quero...

CYRANO: Ha, ha! - saber como eu subi? Ouça, foi por um método todo meu.

DE GUICHE (aborrecido): Ele é doido!

CYRANO (desdenhosamente): Não! Nem a estúpida águia de Regiomontanus, nem o tímido pombo de Archytas - nenhum dos dois!

DE GUICHE: Sim, É um doido! Mas um doido instruído!

CYRANO: Nenhuma imitação eu fiz de outro homem!

(De Guiche consegue passar e vai até a porta de Roxane. Cyrano o segue, pronto a detê-lo pela força): Seis novos métodos, todos saídos deste cérebro!

DE GUICHE (olhando ao redor): Seis?

CYRANO (rapidamente): Primeiro, com o corpo nu, como sua mão, enfeitado por gotas de cristal, as lágrimas que a cada manhã o orvalho destila; Meu corpo ficará aos abrasadores raios do sol exposto para ser sugado por ele, assim como ele suga o orvalho!

DE GUICHE (surpreso, dando um passo até Cyrano): Ah! Esse é o primeiro!

CYRANO (recuando um passo, despertando o interesse do outro, que o acompanha): Já o segundo modo consiste em gerar vento - por meu ímpeto - para tornar rarefeito o ar, em uma cabine de cedro, feita de vidro e em forma de icosaedro.

DE GUICHE (dando outro passo): Dois!

CYRANO (com um passo atrás): Ou - pela minha habilidade em mecânica - fazer um gafanhoto com molas de aço e lançar-me em rápidas explosões de salitre para o pasto azul das estrelas!

DE GUICHE (inconscientemente seguindo-o e contando nos dedos): Três!

CYRANO: Ou, desde que a fumaça tenha a propriedade de se amontoar, - encher um globo de fumaça, o suficiente para me elevar!

DE GUICHE (do mesmo jeito, mais e mais surpreso): Bem, chegamos a quatro!

CYRANO: Untar-me com tutano de um touro, uma vez que, no mais baixo ponto do Zodíaco, Febo adoraria chupar tal maravilha!

DE GUICHE (impressionado): Cinco!

CYRANO (Que, enquanto falava, puxava o outro para o canto oposto, próximo a um banco): Sentado em uma plataforma de ferro - e, desse modo, atire um magneto no ar. Este é um método bem concebido - o magneto voa, infalivelmente o ferro irá persegui-lo: então, rápido! Relance seu magneto e você desse modo poderá percorrer distâncias desmesuradas

DE GUICHE: eis cinco ótimos expedientes! Quais dos seis você escolheu?

CYRANO: Ora, nenhum! - o sétimo!

DE GUICHE: Surpreendente! Qual foi?

CYRANO: eu lhe direi.

DE GUICHE: Este maluco excêntrico está se tornando interessante!

CYRANO (imitando um som de ondas, com gestos estranhos): Houuh! Houuh!

DE GUICHE: Bem.

CYRANO: Você adivinhou?

DE GUICHE: Não!

CYRANO: A maré! No momento encantado em que a lua namora a maré, eu, refrescado por um banho de mar, me deitarei na praia - e, se não falhar em pôr a cabeça a frente - pois o cabelo acumula água do mar em suas mechas - eu me elevarei no ar, direto! Direto! Como o vôo dos anjos, e subirei, subirei, suavemente, tranquilamente... quando, oh! Um choque repentino! Então...

DE GUICHE (entrega-se à curiosidade, sentando no banco): Então?

CYRANO: Oh! então...

(Repentinamente retorna à voz natural): O quarto de hora se foi - Não vou atrasá-lo mais: o casamento já se realizou.

DE GUICHE (dá um salto): Quê? Estarei louco? Essa voz? (A porta da casa se abre. Lacaios aparecem carregando um candelabro aceso. Luz. Cyrano graciosamente se revela): Esse nariz - Cyrano?

CYRANO (reverenciando): Cyrano. Enquanto conversávamos, eles juraram fidelidade mútua.

DE GUICHE: Quem? (Ele se volta. Palco. Atrás dos lacaios aparecem Roxane e Christian de mãos dadas. O monge os segue, sorrindo. Ragueneau carrega uma vela. A ama é a última, confusa, tendo feito uma apressada maquiagem): céus!

Cena 3.XII.

Os mesmos. Roxane, Christian, o monge, Ragueneau, lacaios, a ama.

DE GUICHE (a Roxane): Você? (assombrado. reconhecendo Christian): Ele?

(curvando-se, com admiração a Roxane): Muito bem pensado! (A Cyrano): meus cumprimentos - Senhor dos aparatos! Você seria capaz até mesmo de deter na Porta do Céu os Santos ávidos pelo paraíso! Veja só os detalhes. Sim! Fizeram um livro comovente!

CYRANO (curvando-se): Não hesitarei em seguir seu conselho.

O MONGE (exibindo com satisfação os dois amantes a De Guiche): Um formoso casal, filho, feito por você!

DE GUICHE (de olhar congelante): Sim! (A Roxane): Dê ao seu noivo, Madame, um longo adeus.

ROXANE: Por quê?

DE GUICHE (a Christian): Agora mesmo sairá o regimento. Acompanhe-o!

ROXANE: Ele vai para a batalha?

DE GUICHE: Sem dúvida.

ROXANE: Mas os cadetes vão?

DE GUICHE: Oh sim! Eles vão. (sacando o papel que havia posto no bolso): Aqui está a ordem. (A Christian): Barão, apanhe-a, rápido!

ROXANE (atirando-se nos braços de Christian): Christian!

DE GUICHE (irônico, a Cyrano): A lua-de-mel está longe, ao que parece!

CYRANO (à parte): Ele acredita estar me dando a pena de morte!

CHRISTIAN (a Roxane): Oh! De novo! Seus lábios!

CYRANO: Venha, venha, já chega!

CHRISTIAN (ainda beijando Roxane): - É difícil deixá-la. Você não...

CYRANO (tentando puxá-lo): Eu sei. (Som de tambores tocando uma marcha à distância.)

DE GUICHE: O regimento parte!

ROXANE (a Cyrano, puxando Christian para trás, enquanto Cyrano tenta tirá-lo dela): Oh! - Eu confio em você! Prometa-me que nenhum risco porá sua vida em perigo!

CYRANO: Eu farei o melhor, mas prometer... Isso eu não posso!

ROXANE: Mas jura que ele será prudente?

CYRANO: De novo, eu farei o melhor, mas...

ROXANE: Que não o deixará sofrer no cerco!

CYRANO: Tudo o que um homem puder fazer, eu...

ROXANE: Que ele seja fiel!

CYRANO: Sem dúvida, mas...

ROXANE: Que ele escreverá com frequência?

CYRANO (pausando): Isso eu prometo!

Cortinas.

ATO IV.

Os cadetes da Gasconha.

Posto ocupado pela companhia de Carbon de Castel-Jaloux no cerco a Arras. Ao fundo, um terreno plano, que atravessa todo o palco. Além, a vista se estende até o horizonte. O país está coberto de trincheiras. Os muros de Arras e o contorno de seus telhados contra o céu à distância. Tendas. Armas por toda parte, tambores etc. O dia vai terminando com um pálido reflexo amarelo do sol ao leste. Sentinelas em diferentes pontos. Soldados observam os movimentos inimigos. Os cadetes da Gasconha, enrolados em seus mantos, estão dormindo. Carbon de Castel-Jaloux e Le Bret mantêm-se de vigília. Estão muito pálidos e magros. Christian dorme entre os outros com sua capa ao fundo; sua face é iluminada pelo fogo. Silêncio.

Cena 4.I.

Christian, Carbon de Castel-Jaloux, Le Bret, os cadetes, então Cyrano.

LE BRET: Isso é terrível.

CARBON: Não deixaram nem um pedaço.

LE BRET: Pelo amor de Deus!

CARBON (gesticulando para ele falar mais baixo): Fale Baixo. Você vai acordá-los. (aos cadetes): Silêncio! durmam. (A Le Bret): Aquele que dorme se alimenta!

LE BRET: Isso é um triste conforto para os insones!... Que fome! (descargas são ouvidas à distância.)

CARBON: Oh, malditos tiros! Vão acordar meus filhos. (aos cadetes, que erguem as cabeças): Durmam! (Disparos são novamente ouvidos, mais perto desta vez.)

UM CADETE (emocionado): Diabos!... Outra vez.

CARBON: Não é nada! É Cyrano que está voltando (Os que haviam erguido a cabeça preparam-se para dormir outra vez.)

UM SENTINELA (de fora): Ventrebieu! Quem vem lá?

A VOZ DE CYRANO: Bergerac.

O SENTINELA (em dúvida): Ventrebieu! Quem vem lá?

CYRANO (aparecendo no topo): Bergerac, idiota! (Ele desce; Le Bret avança ansiosamente para encontrá-lo.)

LE BRET: Céus!

CYRANO (gesticulado para ele não acordar os outros): Silêncio!

LE BRET: Ferido?

CYRANO: Oh! Você sabe que eles estão acostumados a atirar em mim toda manhã e errar.

LE BRET: Isso compensa tudo! Receber cartas a cada manhã. O risco...

CYRANO (parando diante de Christian): Prometi que ele escreveria com frequência. (Olha para ele): Ele dorme. Como está pálido! Mas como é belo ainda, apesar de seus sofrimentos. Se sua pobre senhora soubesse que ele está morrendo de fome...

LE BRET: Vá logo para a cama.

CYRANO: Não, não me xingue, Le Bret. Eu corro pequeno risco. Encontrei um lugar entre as linhas espanholas onde eles caem de bêbados toda noite.

LE BRET: Você podia nos trazer provisões.

CYRANO: Um homem que passa por ali não deve carregar peso! Mas eles serão surpreendidos por nós esta noite. Ou os franceses comem ou morrem... Se eu não falhar!

LE BRET: Oh!... diga-me!...

CYRANO: Não, não ainda. Eu não estou certo... Você verá!

CARBON: É desagradável que estejamos com fome enquanto os estamos cercando!

LE BRET: Ah, Como é complicado este cerco a Arras! E pensar que enquanto cercamos, podemos cair numa armadilha e terminar cercados pelo Príncipe Infante da Espanha.

CYRANO: Seria bem feito se, por sua vez, ele acabasse cercado também.

LE BRET: Estou falando sério.

CYRANO: Oh! deveras!

LE BRET: E pensar que você arrisca uma vida tão preciosa... por uma simples carta...Ingratidão. (Observando-o entrar na tenda): Onde está indo?

CYRANO: Vou escrever outra. (Ele entra na tenda e desaparece.)

Cena 4.II.

O mesmo, todos menos Cyrano. O dia nasce com uma luz rosada. A cidade de Arras aparece dourada no horizonte. O relato de um tiro de canhão é ouvido à distância, seguido imediatamente pela batida de tambores ao longe e à esquerda. Outros tambores são ouvidos muito mais perto. Sons de agitação no acampamento. Vozes de oficiais à distância.

CARBON (suspirando): Toque de alvorada! (Os cadetes se mexem e se espreguiçam): nutritivo sono! Tu chegaste ao final!... Eu sei bem qual será teu primeiro grito!

UM CADETE (sentando): Estou com tanta fome!

OUTRO: Estou morrendo de fome.
JUNTOS: Oh!
CARBON: Levante-se!
TERCEIRO CADETE: - Não posso mover uma palha.
QUARTO CADETE: Nem eu.
O PRIMEIRO (olhando o próprio reflexo num pedaço da armadura): Minha língua está amarela. O ar nesta estação do ano é difícil de respirar.
OUTRO: Minha condecoração por um pouco de Chester!
OUTRO: Se ninguém pode forrar meu estômago com algo que produza um pouco de quilo, eu devo me recolher à minha tenda - como Aquiles!
OUTRO: Oh! Alguma coisa! Pelo menos uma casca!
CARBON (indo para a tenda e chamando suavemente): Cyrano!
TODOS OS CADETS: Estamos morrendo!
CARBON (continuando a falar baixo enquanto abre a tenda): Ajude-me, você que tem o dom da resposta rápida e do gesto alegre. Venha, encoraje-os.
SEGUNDO CADETE (indo até outro, que está mastigando algo): Que vocês estão mastigado aí?
PRIMEIRO CADETE: Bucha de canhão empapada de graxa! É esta a pobre caça que se encontra em Arras!
UM CADETE (entrando): Eu cheguei depois da caça.
OUTRO (seguindo-o): E eu depois do peixe.
TODOS (correndo até os recém-chegados): Bem! O que vocês trouxeram? - um faisão? - uma carpa? - Venha, mostre-nos, rápido!
O PESCADOR: Uma moréia!
O ESPORTISTA: Um pardal!
TODOS JUNTOS (reunindo-se): Não se pode suportar isso! Vamos nos rebelar!
CARBON: Cyrano! Ajude-me. (Nasce o dia.)

Cena 4.III.
Os mesmos. Cyrano.

CYRANO (saindo da barraca, muito calmo, com uma pena atrás da orelha e um livro na mão): Que está errado?
(Silêncio. Ao primeiro cadete): Por que arrastam as pernas tão sofregamente?
O CADETE: Tenho algo nos calcanhares que os puxa para baixo.
CYRANO: E o que pode ser?
O CADETE: Meu estômago!
CYRANO: Eu também estou assim, juro!
O CADETE: Do mesmo jeito que nós?
CYRANO: Claro! Além disso, eu sou mais alto.
UM TERCEIRO: Meu estômago está vazio.
CYRANO: Juro que um agradável toque de tambor anunciará o assalto.
OUTRO: Eu tenho um soando nos ouvidos.
CYRANO: Não, não, Este é falso; um estômago faminto não tem ouvidos.
OUTRO: Oh, comer alguma coisa - qualquer coisa oleosa!
CYRANO (tirando o capacete do cadete e colocando-o em si mesmo): Contemple sua salada!
OUTRO: O que, em nome de Deus, nós vamos comer?
CYRANO (jogando-lhe o livro que trazia): A 'Iliada'.
OUTRO: O primeiro ministro em Paris tem suas quatro refeições diárias!
CYRANO: Seria muita gentileza se ele nos mandasse alguns perdizes!
O MESMO: Por que não? Com vinho também!
CYRANO: Um pouco de Burgundy. Richelieu, s'il vous plait!
O MESMO: Ele podia mandar por um de seus monges.
CYRANO: Sim! Pelo próprio Joseph, Sua Eminência.
OUTRO: Estou tão esfomeado quanto um ogro!
CYRANO: Coma sua paciência, então.
O PRIMEIRO CADETE (dando de ombros): Sempre a sua ironia!

CYRANO: Sim, a ironia! Eu gostaria de morrer assim, em alguma noite suave, fazendo uma ironia por uma boa causa. - Morrer como um soldado, pela espada de outro soldado; derrotado por algum bravo adversário - morrer. Morrer sobre uma poça de sangue e não sobre uma cama, com febres; Um propósito em meus lábios, um propósito em meu coração.

GRITO DE TODOS: Estou com fome!

CYRANO (cruzando os braços): Vocês só pensam em comer e beber! Bertrand, o flautista! - você, que já foi pastor - toque para esses famintos e insaciáveis soldados. Toque canções de velhos países, repetitivas e de ritmo triste, onde se escondem os doces ecos das vozes que nos são mais caras, cada uma das quais nos chama como uma pequena irmã, aqueles ritmos lentos, crescentes, como a fumaça que se eleva das chaminés dos nossos vilarejos natais, a sua música golpeia o ar como o dialeto da Gasconha!... (O velho senta e prepara a flauta): sua flauta tem sido até agora um guerreiro na prisão; Mas em sua haste, seus dedos dançam um alegre minueto! Ó flauta! Lembre-se de que as flautas eram feitas de bambu antigamente, não de laburno; faça-nos uma música pastoral que lembre - a sua juventude no campo!... (O velho começa tocar canções de Languedoc): Ouçam a música, gascões!... Esta não é mais a penetrante flauta do campo - entre seus dedos, torna-se a flauta das florestas! Não mais o chamado ao combate, mas canção de amor dos bodes!... Ouçam! Este é o vale, as terras úmidas, a floresta, o pastor queimado de sol, com seu chapéu escarlate, o anoitecer no rio Dordogne - esta é a Gasconha! Ouçam, Gascões, a música (Os cadetes sentam-se de cabeça baixa; têm um olhar distante, como se sonhassem, e enxugam as lágrimas nas mangas das camisas.)

CARBON (a Cyrano num sussurro): Mas você os fez chorar!

CYRANO: Sim, de saudade. Uma companheira mais nobre que a fome, - é da alma, não do corpo! Estou satisfeito de saber que a dor mudou de lugar. Dor de coração é melhor que dor de estômago.

CARBON: Mas você lhes enfraqueceu a coragem ao tocar o coração deles!

CYRANO (fazendo um sinal para o tocador de tambor se aproximar): Não eu. O herói que dorme no sangue gascão está sempre pronto a acordar neles. Bastaria... (Ele faz um sinal; o tambor soa.)

TODOS O CADETES (erguem-se e se apressam a pegar em armas): Quê? Que é?

CYRANO (sorrindo): Veja! Um toque de tambor é o bastante! Adeus sonhos, lamentos, terra natal, amor... Tudo o que a flauta havia evocado o tambor expulsou para longe!

UM CADETE (Olhando para o fundo do cenário): Ei! Aí vem Monsieur de Guiche.

TODOS O CADETES (resmungando): Ugh!... Ugh!...

CYRANO (sorrindo): Uma recepção agradável!

UM CADETE: Estamos a ponto de matá-lo!

OUTRO CADETE: - Com esse laço sobre a armadura, ele até parece um gentil cavaleiro!

OUTRO: Como se alguém vestisse linho sobre o aço!

O PRIMEIRO: Se fosse um bom curativo, ele o poria no pescoço.

O SEGUNDO: Outro cortesão traiçoeiro!

OUTRO CADETE: Não nega o tio que tem!

CARBON: Apesar de tudo - um Gascão.

O PRIMEIRO: Pois sim, um falso Gascão!... não confie nele... Gascões deveriam ser sempre malucos... Nada é mais perigoso do que um gascão racional

LE BRET: Como ele está pálido!

OUTRO: Oh! Ele está faminto, um pobre-diabo, como nós; mas sob sua couraça de cravos dourados, sua dor de estômago reluz ao sol.

CYRANO (apressadamente): Não o deixemos mais sofrer! Escondam baralhos, flautas, dados... (Os cadetes começam a esconder tudo dentro dos tambores, dos bancos, no chão, nos casacos e acendem longos

cachimbos): E eu lerei . (Ele caminha de um lado a outro, lendo um pequeno livro que tirou do bolso. Palco. Entra De Guiche. Todos se mostram atentos e felizes. Ele está muito pálido e vai até Carbon.)

Cena 4.IV.

Os mesmos. De Guiche.

DE GUICHE (a Carbon): Bom dia! (Eles examinam uns aos outros. À parte, com satisfação): Está verde.

CARBON (à parte): Não lhe restou mais nada além dos olhos.

DE GUICHE (olhando para os cadetes): Aqui estão os rebeldes! Sim, senhores, por todos os lados eu ouço dizer que em suas fileiras vocês zombam de mim; que os cadetes, estes toscos cavaleiros nascidos nas montanhas e barões de Perigord, raramente encontram remoques suficientes para mim - seu Coronel! Chamam-me conspirador e cortesão astuto! Não agrada ao seu heroísmo ver um laço em minha armadura de aço - e eles se irritam que um homem de verdade não seja um grosseiro pintarroxo, e sim um gascão! (Silêncio, todos fumam e gracejam): Deveria ordenar ao seu Capitão que os punisse? Não.

CARBON: Além do mais eu sou livre - não os punirei.

DE GUICHE: Ah!

CARBON: Eu paguei minha companhia - esta companhia. Devo respeito somente ao quartel-general.

DE GUICHE: Sim? - é verdade! Isso basta. (Dirigindo-se aos cadetes): eu posso desprezar as suas graçolas; é conhecido meu autocontrole na guerra; em Bapaume, ontem, eles viram o ódio com que os expulsei de volta ao Conde de Bucquoi; reunindo meus próprios homens, caí sobre eles e os ataquei três vezes diferentes!

CYRANO (sem levantar os olhos do livro): E seu cachecol branco?

DE GUICHE (surpreso e satisfeito): Você sabe deste detalhe?... Realmente! Aconteceu assim: enquanto manobrava para chamar as tropas ao terceiro ataque, fui atacado por um bando de fugitivos próximo às fileiras inimigas: estava em perigo - prisão, morte repentina! - quando pensei em desprender o cachecol que identificava o meu lado na Guerra; assim consegui - sem despertar a atenção - me livrar dos inimigos e retornar sem demora e, com a ajuda de meus homens, expulsá-los! E agora - que dizem, senhores (Os cadetes fingem não ouvir, mas os baralhos e as caixas de dados permanecem em suas mãos e a fumaça dos cachimbos nas bochechas. Eles aguardam.)

CYRANO: eu creio que Henri Quatre não teria, por qualquer perigo que fosse, abandonado a pena branca de seu capacete. (Silêncio agradável. As cartas caem, os dados chacoalham. A fumaça é soprada.)

DE GUICHE: Outra molecagem! (Alguns param de jogar, etc.)

CYRANO: Oh, pode ser! Mas a alguns não é aceitável abdicar da honra para servir como alvo ao inimigo (Baralhos e dados caem novamente e os cadetes fumam com evidente alegria): Eu estava presente quando seu cachecol caiu - nossa coragem, senhor, é de tipos diferentes - eu teria o juntado o cachecol e o recolocado no lugar.

DE GUICHE: Oh, sim! Outro gascão faroleiro!

CYRANO: Faroleiro? Empréstimo para mim. Juro a mim mesmo que esta noite, - com ele sobre o peito - liderarei o assalto.

DE GUICHE: Outra gabolice! Você sabe que o cachecol está em poder do inimigo, sob a margem do rio... o lugar está crivado de balas - ninguém pode trazê-lo de volta!

CYRANO (retirando o cachecol do bolso e exibindo-o a todos): Aqui está. (Silêncio. Os cadetes contêm o riso enquanto jogam baralho e dados. De Guiche volta-se e olha para eles, que instantaneamente tornam-se sérios e continuam a jogar. Um deles assobia indiferentemente a canção há pouco tocada pelo flautista.)

DE GUICHE (tomando o cachecol): Agradeço-lhe. Isso agora me permitirá sinalizar às tropas - o que eu vinha me abstendo de fazer - até agora.

(Ele vai até a muralha, escala-a e balança o cachecol três vezes.)
TODOS: Que é isso?
O SENTINELA (do alto da muralha): Vê aquele homem lá embaixo, que está correndo?...

DE GUICHE (descendo): É um espião disfarçado de espanhol que é extremamente útil aos meus planos. As notícias que leva ao inimigo sou eu quem as mando dizer - então, numa palavra, nós temos influência nas suas decisões!

CYRANO: Canalha!

DE GUICHE (descuidadamente enrolando o cachecol): Isto é oportuno. Que dizia? Ah! Tenho novidades para vocês. Noite passada - para abastecer-nos - o Marechal tentou um esforço final: - em segredo foi a Dourlens, onde estavam as provisões do Rei. Mas - para retornar em segurança ao acampamento - levou com ele uma considerável quantidade de tropas. Estes que ora nos atacam teriam uma bela diversão! Metade do exército está ausente do acampamento!

CARBON: Sim, se os espanhóis soubessem, seria um desastre para nós, mas eles ignoram isso, não é?

DE GUICHE: Oh! Eles sabem. E nos atacam.

CARBON: Ah!

DE GUICHE: Eis que meu falso espião avisou-me disso. Ele falou: 'eu posso indicar o local do ataque; onde você quer? Informarei a eles o ponto menos protegido - e lá eles o atacam.' Eu respondi: 'Bem. Vá até o acampamento, mas observe meu sinal. Escolha o ponto de onde ele vier.'

CARBON (aos cadetes): Aprontem-se! (Todos se levantam; som de espadas e cintos afivelados.)

DE GUICHE: Será em uma hora.

PRIMEIRO CADETE: Bom!... (Eles sentam novamente e voltam aos folguedos.)

DE GUICHE (a Carbon): Precisamos ganhar tempo. O marechal vai voltar.

CARBON: Como fazê-lo?

DE GUICHE: Vocês serão bons o bastante para se deixarem matar.

CYRANO: Vingança! O-ho!

DE GUICHE: Eu não digo que os teria escolhido se gostasse de vocês, - mas como vão as coisas - a sua coragem me incita a não entregar os pontos - Assim como sirvo a meu rancor, devo servir a meu rei também.

CYRANO: Permita que eu expresse minha gratidão...

DE GUICHE: Sei que você gosta de lutar contra cem; você agora não tem o que reclamar de poucas chances. (Ele sai com Carbon)

CYRANO (aos cadetes): Nós adicionaremos ao uniforme da Gasconha, de seis barras azuis e douradas, mais uma - cor de sangue está faltando aqui! (De Guiche fala em voz baixa com Carbon ao fundo. Ordens são dadas. Os preparativos seguem. Cyrano vai até Christian, que está de braços cruzados.)

CYRANO (pondo a mão no ombro de Christian): Christian!

CHRISTIAN (sacudindo a cabeça): Roxane!

CYRANO: Ai de mim!

CHRISTIAN: Pelo menos mandarei o adeus a meu coração numa agradável carta!...

CYRANO: Eu tinha a suspeita de que fosse hoje, (Ele tira uma carta da camisa): E já a escrevi...

CHRISTIAN: Mostre!

CYRANO: Você... ?

CHRISTIAN (tomando a carta): Sim! (Ele abre a carta e a lê): Epa!

CYRANO: Que foi?

CHRISTIAN: Esta mancha!

CYRANO (tomando a carta, um olhar inocente): Uma mancha?

CHRISTIAN: Uma lágrima!

CYRANO: Os poetas, por fim, - pelo hábito da falsificação - tomam o falso por verdadeiro - este é o charme! Esta carta de Adeus - é

tomada de tristeza e eu me debilhei ao escrevê-la!

CHRISTIAN: Se debulhou? Por quê?

CYRANO: Oh!... morrer por si só já é terrível,... - Mas nunca mais vê-la! Esse é o ferrão da morte! - Pois,,, eu nunca (Christian olha para ele): Nós nunca... (Rapidamente): Quero dizer, você...

CHRISTIAN (arrebata a carta dele): Dê-me a carta! (Um rumor no acampamento, ao longe.)

VOZ DO SENTINELA: Quem vem lá? Alô! (Tiros - vozes - sinos de carruagem.)

CARBON: Que é isso?

UM SENTINELA (na muralha): É uma carruagem! (Todos correm para ver.)

GRITOS: No acampamento? Que entre! - Ela vem do inimigo! - Fogo! - Não! - O cocheiro está gritando algo! - que ele está dizendo? - 'A serviço do Rei!' (Todos na muralha. Olhares fixos. Os sinos se aproximam.)

DE GUICHE: A serviço do Rei? Como? (Todos descem e se põem em linha.)

CARBON: Tirem o chapéu, todos!

DE GUICHE: O Rei! Fiquem em linha! Deixe-o fazer a curva como for melhor! (A carruagem entra em velocidade máxima, coberta de pó e lama. As cortinas estão baixadas. Dois lacaios atrás. É empurrada repentinamente.)

CARBON: Toquem uma saudação! (Toque de tambores. Os cadetes tiram o chapéu.)

DE GUICHE: Baixem os degraus da carruagem! (Dois cadetes avançam rápido. A porta se abre.)

ROXANE (saltando da carruagem): Bom dia! (Todos estão curvados até o chão, mas, à voz de uma mulher, as cabeças erguem-se instantaneamente.)

Cena 4.V.

O mesmo. Roxane.

DE GUICHE: A serviço do Rei! Você?

ROXANE: Sim, - O Rei do Amor! Quem mais?

CYRANO: Meu bom Deus!

CHRISTIAN (avançando apressado): Por que você veio?

ROXANE: Este cerco - está muito demorado!

CHRISTIAN: Mas por quê?...

ROXANE: Direi tudo a você!

CYRANO (que, ao som de sua voz, permanece grudado ao solo, com medo de erguer os olhos): Meu Deus! Ousarei olhar para ela?

DE GUICHE: Você não pode ficar aqui!

ROXANE (alegremente): Mas eu digo sim! Quem me emprestará um tambor? (Ela se senta num tambor que lhe é rolado): Então! Eu agradeço. (Ela ri): Minha carruagem foi alvejada (orgulhosamente): pela patrulha! Olhem! Vocês não poderiam pensar que ela era uma abóbora, como a de Cinderela - e os lacaios, uns ratinhos? (mandando um beijo pelo ar a Christian): Bom dia! (Examinando todos): Vocês não parecem felizes, nenhum de vocês! Ah! Sabem que há um longo caminho até Arras? (Vendo Cyrano): Primo, encantada!

CYRANO (indo a ela): Mas como, pelos céus?...

ROXANE: Como encontrei o caminho até o exército? Foi bastante simples, pois bastou seguir a trilha de devastações no caminho. Ah, que horrores foram perpetrados ali! Se não tivesse visto, não teria acreditado! Bem, cavalheiros, se assim é o serviço do Rei, preferia fazê-lo eu mesma!

CYRANO: Mas isto é uma completa loucura! Onde diabos você conseguiu passar?

ROXANE: Onde? Pelas linhas espanholas.

PRIMEIRO CADETE: - Mas que sutil arte! Dêem-me uma mulher!

DE GUICHE: Mas como você passou pelas linhas?

LE BRET: Sim! Deve ter sido uma missão difícil!...

ROXANE: Nem tanto. Eu apenas apenas segui tranquilamente em minha carruagem e, quando algum fidalgo de expressão vazia me parava, Oh! E mostrava pela janela me mais doce sorriso e como aqueles senhores, (sem nenhum desrespeito a vocês) são os maiores cavalheiros do mundo, - eu passava adiante!

CARBON: É verdade, este sorriso é um passaporte! Mas a senhora era inquirida muita frequência sobre onde estava indo, madame?

ROXANE: Sim, freqüentemente. Então eu respondia: 'Vou ver meu amante.' A esta palavra o mais feroz espanhol entre eles fechava solenemente a porta da carruagem, e, com um gesto que um rei poderia invejar, fazia sinais para seus homens baixarem os mosquetes apontados para mim; - a seguir, com melancolia mas também uma amável dignidade - o chapéu erguido, cujas plumas o vento agitava, ele fazia uma mesura, dizendo-me: 'Passe, senhorita!'

CHRISTIAN: Mas, Roxane...

ROXANE: Perdoe por eu ter dito 'meu amante'! Pensem bem: se dissesse 'meu marido!' ninguém me deixaria passar!

CHRISTIAN: Mas...

ROXANE: O que o incomoda?

DE GUICHE: Você deve deixar este lugar!

ROXANE: Eu?

CYRANO: E imediatamente!

LE BRET: Sem tempo a perder.

CHRISTIAN: Realmente, você deve.

ROXANE: Mas por que razão?

CHRISTIAN (embaraçado): Porque...

CYRANO (o mesmo): - em três quartos de hora...

DE GUICHE (o mesmo): - Para...

CARBON (o mesmo): Seria melhor...

LE BRET (o mesmo): Você poderia...

ROXANE: Vocês vão lutar? - Ficarei aqui.

TODOS: Não, não!

ROXANE: Ele é meu marido! (Ela se atira nos braços de Christian): Eles nos matarão a ambos!

CHRISTIAN: Por que me olha desse jeito?

ROXANE: Direi a você por quê!

DE GUICHE (em desespero): Este é um lugar de perigo mortal!

ROXANE (olhando ao redor): Perigo mortal!

CYRANO: A prova é que ele nos pôs aqui!

ROXANE (a De Guiche): Então, Senhor, você faria de mim uma viúva?

DE GUICHE: Não, eu juro...

ROXANE: Não irei! Estou livre agora e não sairei daqui! - Além disso, é divertido!

CYRANO: Oh-ho! Então nossa preciosa é uma heroína!

ROXANE: Monsieur de Bergerac, eu sou sua prima.

UM CADETE: Nós a defenderemos muito bem!

ROXANE (mais e mais excitada): Eu não tenho medo disso, meus amigos!

OUTRO (em êxtase): Todo o acampamento cheira a lírio-florentino!

ROXANE: E por sorte, escolhi um chapéu que combina com o campo de batalha! (Olhando para De Guiche): Não foi mais prudente que o Conde se retirasse? Eles podem iniciar o ataque.

DE GUICHE: Isto não deve ser mudado! Vou inspecionar o canhão; voltarei logo. Você ainda tem tempo - pense bem!

ROXANE: Nunca!

(De Guiche sai.)

Cena 4.VI.

Os mesmos, todos menos De Guiche.

CHRISTIAN (suplicante): Roxane!

ROXANE: Não!

PRIMEIRO CADETE (aos outros): Ela fica!

TODOS (apressados, empurrando uns aos outros, arrumando-se): Uma escova! - Sabão! - Meu uniforme está rasgado! - Uma agulha! - uma fita! - empreste-me o seu espelho! - minha manga! - Seu pente! - Uma navalha!...

ROXANE (a Cyrano, que ainda lhe suplica): Não! Nada me fará arredar um pé deste lugar!

CARBON (que, como os outros, esteve se arrumando, limpando o pó, escovando o chapéu, arrumando-lhe a pluma e ajeitando as mangas, avança até Roxane e cerimoniosamente): É, talvez, mais decente, já que as coisas devem ser assim, que eu apresente a você alguns desses cavalheiros que estão prestes a ter a honra de morrer ante seus olhos. (Roxane saúda, e permanece nos braços de Christian, enquanto Carbon apresenta-lhes os cadetes): Barão de Peyrescous de Colignac!

O CADETE (com uma pequena reverência): Madame...

CARBON (continuando): Barão de Casterac de Cahuzac, - Vidame de Malgouyre Estressac Lesbas d'Escarabiot, Chevalier d'Antignac-Juzet, Baron Hillot de Blagnac-Salechan de Castel Crabioules...

ROXANE: Mas quantos nomes têm cada um?

BARÃO HILLOT: Dezenas!

CARBON (a Roxane): Peço-lhe que abra a mão com que segura o lenço.

ROXANE (abre a mão e o lenço cai): Por quê? (A companhia inteira avança para apanhá-lo.)

CARBON (rapidamente junta o lenço): Minha companhia não tinha bandeira. Mas agora, por minha fé, nós teremos a mais bela de todo o campo de batalha!

ROXANE (sorrindo): É um tanto pequena.

CARBON (amarrando o lenço na baioneta): Mas é de renda!

UM CADETE (aos outros): Morreria feliz ante tão doce face, tivesse eu algo no estômago, ainda que fosse uma noz!

CARBON (que ouvira ao acaso, indignadamente): Vergonha! Falar de comida diante de uma mulher adorável!...

ROXANE: O ar de seu acampamento é muito triste; Eu própria estou faminta. Pastéis, guisado, vinhos antigos - estão aí os meus pratos? Peço que tragam tudo para cá. (Consternação.)

UM CADETE: Tudo o quê?

OUTRO: Mas onde encontrar isso?

ROXANE (serenamente): Em minha carruagem.

TODOS: Como?

ROXANE: Agora sirvam-se - com calma! Olhem um pouco mais atentamente ao meu cocheiro, cavalheiros, e vocês a reconhecerão um homem mais do que bem-vindo. Todos os molhos podem ser mandados à mesa, se quiserem!

O CADETES (apressadamente até a carruagem): Este é Ragueneau! (Aclamações): Oh, oh!

ROXANE (olhando para eles): Pobres rapazes!

CYRANO (beijando-lhe a mão): Generosa fada!

RAGUENEAU (de pé sobre a caixa, como um curandeiro de feira): Cavalheiros!... (deleite geral.)

OS CADETES: Bravo! bravo!

RAGUENEAU: ... Os espanhóis, fechando os olhos a tão delicada senhora, negligenciaram tão delicado repasto!...

(Aplausos.)

CYRANO (sussurrando a Christian): Ouça, Christian!

RAGUENEAU: ... E, ocupados com galanteios, não perceberam -

(Ele retira um prato debaixo do assento e o levanta): - Uma galantina!... (Aplausos. A galantina passa de mão em mão.)

CYRANO (ainda murmurando a Christian): Espere, uma palavra!

RAGUENEAU: E Vênus tanto atraiu seus olhos que Diana poderia passar secretamente - (Ele segura uma pata de carneiro): - seu cordeiro! (Entusiasmo. Vinte mãos são erguidas para apanhar a pata de cordeiro.)

CYRANO (num baixo sussurro a Christian): Preciso falar com você!

ROXANE (aos cadetes, que voltam, os braços carregados de comida): Ponham tudo no chão! (Ela coloca tudo no chão, ajudada pelos dois imperturbáveis lacaios que estavam atrás da carruagem.)

ROXANE (a Christian, exatamente quando Cyrano está saindo com ele): Venha, sirva-se! (Christian vai ajudá-la. O mal estar de Cyrano aumenta.)

RAGUENEAU: Pavão com trufas!

PRIMEIRO CADETE (radiante, aproximando-se, cortando uma grande fatia de presunto): Que carne! Nós não enfrentaremos o último perigo de barriga vazia - (rapidamente corrigindo a si mesmo ao ver Roxane): - Perdão! Uma festa de Balthazar!

RAGUENEAU (pondo no chão as almofadas da carruagem): As almofadas estão recheadas de hortulanias! (Algazarra. Eles choram ao abrir e esvaziar as almofadas. Explosões de alegria - felicidade.)

TERCEIRO CADETE: Ah! Viedaze!

RAGUENEAU (dando aos cadetes garrafas de vinho tinto): Frascos de rubis! - (e vinho branco): - Frascos de topázio!

ROXANE (colocando uma toalha de mesa dobrada na cabeça de Cyrano): Abra-me este guardanapo! - Venha, venha! Mais ligeiro!

RAGUENEAU (abandonando uma lanterna): Cada uma dessas carruagens é uma pequena despensa!

CYRANO (em voz baixa a Christian, enquanto eles arrumam a toalha juntos): Preciso falar com você antes que você fale com ela.

RAGUENEAU: Meu chicote é uma salsicha de Arles!

ROXANE (servindo o vinho): Uma vez que morreremos, que o restante do exército vire-se por si mesmo. Tudo para os gascões! E lembrem-se! se De Guiche vier, que ninguém o convide! (Indo de um a outro): Aqui! aqui! Você tem tempo bastante! Não coma tão depressa! - Beba um pouco.- Por que você está chorando?

PRIMEIRO CADETE: Tudo isto é tão bom!...

ROXANE: Oh! - tinto ou branco? - Um pouco de pão para Monsieur de Carbon! - uma faca! Passe o seu prato! - um pouco da crosta? Um pouco mais? Deixe-me ajudá-lo! - Champagne? - Uma asa?

CYRANO (que a segue, os braços cheios de pratos, ajudando-a a servir a todos): Como a admiro!

ROXANE (indo até Christian): E o senhor?

CHRISTIAN: Nada.

ROXANE: Não, não, tome este biscoito empapado em moscatel; venha!... apenas duas gotas!

CHRISTIAN (tentando detê-la): Oh! Diga-me: por que você veio?

ROXANE: Espere; meu primeiro dever é para com esses pobres rapazes. - Silêncio! Em poucos minutos...

LE BRET (que havia passado um pão na ponta de uma lança ao sentinela da muralha): De Guiche!

CYRANO: Rápido! Escondam garrafas, pratos, fôrmas, cestas! Depressa! - Adquiram um olhar inocente! (A Ragueneau): Levante da cadeira! - está tudo escondido? (Num instante tudo foi levado para as tendas ou ocultado em camisas, casacos e chapéus. De Guiche entra com pressa - pára repentinamente, farejando o ar. Silêncio.)

Cena 4.VII.

Os mesmos. De Guiche.

DE GUICHE: Está um cheiro bom aqui.

UM CADETE (sussurrando): Olhe! Olhe!

DE GUICHE (olhando para ele): Que houve? - Você está muito corado.

O CADETE: Que houve? - Nada! - Assim é meu sangue - fervendo à proximidade da batalha!

OUTRO: Pum, pum - pum...

DE GUICHE (voltando-se): Que é isso?

O CADETE (levemente bêbado): Nada!... é uma música! - uma pequena...
DE GUICHE: Você está feliz, meu amigo!
O CADETE: A aproximação do perigo é intoxicante!
DE GUICHE (chamando Carbon de Castel-Jaloux, para dar-lhe uma ordem): Capitão! Eu... (Ele se detém ao vê-lo): Que diabo! Você parece igualmente muito bem!
CARBON (ruborizado, escondendo uma garrafa nas costas, com um movimento evasivo): Oh!...
DE GUICHE: Arranjei um canhão e consegui trazê-lo para cá - (ele aponta para trás do cenário): - naquele canto... Seus homens podem usá-lo em caso de necessidade.
UM CADETE (levemente cambaleante): fascinante atenção!
OUTRO (com um sorriso gracioso): Adorável solicitude!
DE GUICHE: Como? Estão todos loucos? (Seco): Como não estão acostumados a um canhão, cuidado com o "coice".
PRIMEIRO CADETE: Puh!
DE GUICHE (furioso, indo até ele): Mas...
O CADETE: Os canhões da Gasconha nunca dão coice!
DE GUICHE (pegando-o pelo braço e sacudindo-o): Você está embriagado! - mas de quê?
CADETE (grandiloquente): - Com o cheiro da pólvora!
DE GUICHE (dando de ombros e empurrando-o, então indo rapidamente até Roxane): Em resumo, Madame, que decisão resolveu tomar?
ROXANE: Fico aqui.
DE GUICHE: Você deve ir embora!
ROXANE: Não! Eu fico.
DE GUICHE: Uma vez que deve ser assim, dê-me um mosquete, um dos seus!
CARBON: Para quê?
DE GUICHE: Porque eu também desejo ficar.
CYRANO: Finalmente! Este é o verdadeiro heroísmo, senhor!
PRIMEIRO CADETE: Então você é gascão apesar de tudo, apesar do seu lacinho no pescoço?
ROXANE: Para que tudo isso?
DE GUICHE: Não deixo nenhuma mulher em perigo.
SEGUNDO CADETE (ao primeiro): Ouça! Não acha que devemos lhe dar algo para comer? (Todas as viandas reaparecem como que por encanto.)
DE GUICHE (cujos olhos cintilam): Comida!
O TERCEIRO CADETE: Sim, você os verá chegando de cada casaco!
DE GUICHE (controlando-se, arrogante): Vocês acham que vou comer os seus restos?
CYRANO (saudando-o): Você progrediu.
DE GUICHE (orgulhosamente, com um leve sotaque na palavra 'quebrar'): lutarei sem quebr-r-r-ar o jejum!
PRIMEIRO CADETE (com enorme deleite): quebr-r-r-ar! Ele tem o sotaque!
DE GUICHE (rindo): Eu?
O CADETE: Este é um gascão! (Todos começam a dançar.)
CARBON DE CASTEL-JALOUX (que havia desaparecido na proteção, reaparece): Mande os lanceiros para a linha. Eles são resolutos. (Ele aponta um linha de lanças, cujas pontas são vistas sobre a proteção.)
DE GUICHE (saudando Roxane): Você aceitaria minha mão e me acompanharia enquanto eu os examino? (Ela segura sua mão e eles vão até a proteção. Todos percebem e vão atrás deles.)
CHRISTIAN (indo até Cyrano, avidamente): Diga-me rapidamente! (Assim que Roxane aparece na proteção, as pontas de lança desaparecem, devido às reverências dos soldados, e um grito é ouvido. Ela saúda.)
OS LANCEIROS (do lado de fora): Vivat!
CHRISTIAN: Qual é o segredo?
CYRANO: Se Roxane...
CHRISTIAN: Se ela deveria?...
CYRANO: Fala das cartas?...

CHRISTIAN: Sim, eu sei!...

CYRANO: Não estrague tudo parecendo surpreso...

CHRISTIAN: De quê?

CYRANO: Tenho que explicar a você!... Oh! Não é grande coisa - Pensei nisso hoje, ao vê-la. Você...

CHRISTIAN: Diga logo!

CYRANO: Você... escreveu para ela com mais frequência do que deveria...

CHRISTIAN: Como assim?

CYRANO: Sim, é verdade! Eu exagerei ao expressar seu amor!... Às vezes eu até escrevia sem dizer "estou escrevendo"!

CHRISTIAN: Ah!...

CYRANO: É simplesmente isso!

CHRISTIAN: Mas como você conseguiu, uma vez que nós estamos isolados aqui deste jeito...?

CYRANO: ... Oh! Antes de amanhecer... Eu conseguia passar pelas...

CHRISTIAN (cruzando os braços): Era tão fácil assim? E com que frequência, peço-lhe, eu escrevia a ela?... Duas vezes por semana?... Três vezes?... Quatro?...

CYRANO: Mais ainda.

CHRISTIAN: Quê! Todo dia?

CYRANO: Sim, todo dia, - duas vezes por dia.

CHRISTIAN (violentamente): E isso tornou-se tão agradável prazer que você morre bravamente...

CYRANO (vendo Roxane retornar): Silêncio! Não falemos diante dela! (Ele vai apressado até sua barraca.)

Cena 4.VIII.

Roxane, Christian. À distância, cadetes vão e vêm. Carbon e De Guiche dão ordens.

ROXANE (correndo até): Ah, Christian, finalmente!...

CHRISTIAN (segurando-lhe as mãos): Agora me diga por que - por que você cruzou caminhos tão perigosos - atravessou fileiras de brutos soldados para vir aqui?

ROXANE: Amor, as suas cartas me trouxeram até aqui!

CHRISTIAN: O que quer dizer?

ROXANE: É sua culpa se eu corro riscos! Suas cartas me viraram a cabeça! Ah! Durante todo o mês, quantas! - e a última era sempre melhor do que a anterior!

CHRISTIAN: Quê! - por umas inconseqüentes cartas de amor!

ROXANE: Não diga isso! Ah! você não entende! Desde aquela noite, quando, numa voz inteiramente nova para mim, sob minha janela, você me revelou sua alma - desde então eu o adoro! Depois, as cartas que você mandou por todo o mês! - Era como se eu ouvisse aquela voz tão suave, verdadeira, acolhedora, perto de mim! É tua culpa, eu digo! Ela me arrasta! A voz daquela noite! A sábia Penélope jamais teria ficado a bordar com seu coração de pedra se o seu Ulisses lhe tivesse escrito tais cartas! Ela teria atirado longe os carretéis de linha e corrido até ele, louca de amor como Helena!

CHRISTIAN: Mas...

ROXANE: Eu leio, leio de novo - crescia o delírio do amor; eu era absolutamente tua. Cada página era como uma pétala a flutuar, arrancada de sua alma, e soprada até a minha. Estampada em cada palavra chamejante estava o amor, sincero e todo-poderoso...

CHRISTIAN: Uma amor sincero! Podia senti-lo, Roxane?

ROXANE: Sim, podia!

CHRISTIAN: Você veio... ?

ROXANE: Ó, Christian, meu verdadeiro senhor, eu vim - (viesse eu aqui, atirar-me aos seus joelhos, você poderia me levantar - mas estando minha alma a seus pés - você não poderá erguê-la!) - eu vim para suplicar o seu perdão. (Sim, para implorar seu perdão, agora que a

morte pode chegar!) Pelo insulto a você quando, frivolamente, de início, amei-o apenas pelo seu rosto!

CHRISTIAN (tomado de horror): Roxane!

ROXANE: Um amor atrasado - menos frívolo - como um pássaro que abre suas asas mas não pode voar - presa por sua beleza, pela sua alma exposta - eu o amei por ambas as coisas!

CHRISTIAN: E agora?

ROXANE: Ah! você triunfou sobre si mesmo e agora eu o amo pela sua alma!

CHRISTIAN (com um passo atrás): Roxane!

ROXANE: Sinta-se feliz. Ser amado pela beleza - uma pobre fantasia que o tempo logo nos arranca - deve ser para as almas dos nobres - as almas ambiciosas - uma tortura. Seus caros pensamentos são ofuscados agora por aquela beleza que me conquistou no início. Agora eu vejo mais claramente - e não mais a vejo!

CHRISTIAN: Oh!...

ROXANE: Tem dúvidas de semelhante vitória?

CHRISTIAN (aflito): Roxane!

ROXANE: Vejo que você não pode acreditar. Tanto amor...?

CHRISTIAN: Não questiono um amor como esse! Queria ser amado mais simplesmente; pela...

ROXANE: E o que há de melhor para se amar em ti? - Que lástima! Oh! Ser amado de melhor maneira!

CHRISTIAN: Não! o primeiro amor foi o melhor!

ROXANE: Ah! como você está errado! Este é o que eu amo melhor - o bom amor! De tudo o que vejo em ti, - o que mais adoro! Se a sua inteligência se turvasse...

CHRISTIAN: Silêncio!

ROXANE: Eu ainda o amaria! Sim, se sua beleza o deixasse...

CHRISTIAN: Não diga isso!

ROXANE: Sim, eu digo!

CHRISTIAN: Feio? Como?

ROXANE: Feio! Juro que ainda o amaria!

CHRISTIAN: Meu Deus

ROXANE: Você está feliz, pelo menos?

CHRISTIAN (numa voz sufocada): Sim!...

ROXANE: Que está errado?

CHRISTIAN (gentilmente puxando-a): Nada... Tenho duas palavras a dizer: - um momento...

ROXANE: Mas?...

CHRISTIAN (apontando para os cadetes): Aqueles pobres rapazes, em breve destinados à morte, - meu amor os priva de você: Vá - fale com eles - sorria para os que irão morrer!

ROXANE (profundamente afligida): Querido Christian!... (Ela vai até os cadetes, que respeitosamente se reúnem ao redor dela.)

Cena 4.IX.

Christian, Cyrano. Ao fundo Roxane falando a Carbon e alguns cadetes.

CHRISTIAN (gritando dentro da barraca de Cyrano): Cyrano!

CYRANO (reaparecendo, inteiramente equipado): Quê? Por que está tão pálido?

CHRISTIAN: Ela não me ama!

CYRANO: Quê?

CHRISTIAN: É a você que ela ama!

CYRANO: Não!

CHRISTIAN: - Ela me ama apenas por minha alma!

CYRANO: Verdade?

CHRISTIAN: Sim! Significa - compreenda... a alma é sua... Logo, é a você que ela ama! - Você - é quem ela ama!

CYRANO: Eu?

CHRISTIAN: Oh, Eu sei!
CYRANO: Sim, é verdade!
CHRISTIAN: Seu amor vai às raias da loucura!
CYRANO: Sim! Talvez pior!
CHRISTIAN: Então diga a ela!
CYRANO: Não!
CHRISTIAN: Por que não?
CYRANO: Olhe para o meu rosto! - está respondido!
CHRISTIAN: Ela me amaria - ainda que eu fosse feio.
CYRANO: Ela disse isso?
CHRISTIAN: Sim! Com as mesmas palavras!
CYRANO: Estou contente que ela lhe tenha dito isso! Mas, oh! - não acredite! Estou muito satisfeito que ele lhe tenha dito isso, mas não o tome por verdadeiro. Nunca cresça feio: - ela já me censurou assim uma vez!
CHRISTIAN: É o que pretendo descobrir!
CYRANO: Não! Eu lhe peço!
CHRISTIAN: Sim! Ela escolherá entre nós! - Diga-lhe tudo!
CYRANO: Não! não! Não farei isso! Tenha misericórdia de mim!
CHRISTIAN: Porque meu rosto talvez seja bonito, deverei eu destruir sua felicidade? Seria muito injusto!
CYRANO: E eu, que por natureza tenho o dom de falar tudo o que talvez você sinta. Deverei estragar sua felicidade?
CHRISTIAN: Diga tudo!
CYRANO: É doentio tentar-me desse jeito!
CHRISTIAN: Há muito tempo fiz de mim um rival para mim mesmo - darei um fim nisso!
CYRANO: Christian!
CHRISTIAN: Ou a união, sem testemunhas - secreta - Clandestina - pode ser facilmente dissolvida se sobrevivermos.
CYRANO: Meu Deus! - ele ainda insiste!
CHRISTIAN: Serei amado por mim mesmo - ou não serei amado! - Verei o que será feito aqui, ao final de tudo: fale com ela e deixe-a escolher um de nós dois!
CYRANO: Será você.
CHRISTIAN: Peço a Deus! (Ele chama): Roxane!
CYRANO: Não! não!
ROXANE (chegando rapidamente): Quê?
CHRISTIAN: Cyrano tem informações importantes aos seus ouvidos... (Ela vai com pressa até Cyrano. Christian sai.)

Cena 4.X.

Roxane, Cyrano. Depois Le Bret, Carbon de Castel-Jaloux, os cadetes, Ragueneau, De Guiche, etc.

ROXANE: Importante?
CYRANO (desesperado. A Roxane): Ele se foi! Como se não fosse nada! - Oh, você sabe como ele dá valor a tolices!
ROXANE (cordialmente): Ele duvida do que disse! - Ah, sim, eu vi que duvidava!
CYRANO (tomando-lhe a mão): Mas você está certa de que disse a ele a verdade?
ROXANE: Sim, eu o amaria, ainda que ele fosse... (Ela hesita.)
CYRANO: A palavra embaraça a você diante de meu rosto, Roxane?
ROXANE: Eu...
CYRANO (sorrindo tristemente): Não me machucará! Diga! Se ele fosse feio!...
ROXANE: Sim, feio! (Do lado de fora, um mosqueteiro avisa): Atenção! Eu ouvi um tiro!
CYRANO (ardentemente): Horrível!
ROXANE: Horrível! sim!

CYRANO: Desfigurado.
ROXANE: Sim!
CYRANO: Grotesco?
ROXANE: Ele não podia ser grotesco para mim!
CYRANO: Você o amaria do mesmo jeito?...
ROXANE: Do mesmo jeito - não, ainda mais!
CYRANO (perdendo o controle - à parte): Meu Deus! É verdade, talvez, o amor espere por mim! (A Roxane): Eu... Roxane... ouça...
LE BRET (entrando apressadamente - a Cyrano): Cyrano!
CYRANO (olhando ao redor): Quê?
LE BRET: Silêncio! (sussurra algo a ele.)
CYRANO (deixando a mão de Roxane e exclamando): Ah, Deus!
ROXANE: Que é?
CYRANO (a si mesmo - abalado): Tudo está acabado agora. (Avisos renovados.)
ROXANE: Que aconteceu? Ouça! Outro tiro! (Ela vai olhar para fora.)
CYRANO: É muito tarde; agora não posso mais dizer!
ROXANE (tentando apressar as coisas): Que aconteceu?
CYRANO (detendo-a): Nada! (Alguns cadetes entram, tentando esconder algo que carregam, e reunindo-se ao redor para impedir Roxane de se aproximar.)
ROXANE: E estes homens? (Cyrano a afasta): Que você ia dizer antes de... ?
CYRANO: O que eu ia dizer? Nada, agora eu juro! (Solenemente): Eu juro que a alma de Christian e que sua natureza são... (apressadamente corrigindo-se a si mesmo): Digo, foram as mais nobres, as maiores...
ROXANE: Foram? (Num a grito escandaloso): Oh! (Ela avança, empurrando todos no caminho.)
CYRANO: Tudo está acabado agora!
ROXANE (vendo Christian deitado no chão, enrolado no casaco): Ó Christian!
LE BRET (a Cyrano): atingido pelo primeiro tiro do inimigo! (Roxane atira-se sobre Christian. Novos avisos de tiro - choque de armas - clamor - batida de tambores.)
CARBON (com a espada no ar): Ó venham! Seus mosquetes. (Seguidos pelos cadetes ele passa para o outro lado das barricadas.)
ROXANE: Christian!
A VOZ OF CARBON (do outro lado): Ei! Depressa!
ROXANE: Christian!
CARBON: FIQUEM EM LINHA!
ROXANE: Christian!
CARBON: PRESTEM ATENÇÃO! (Ragueneau chega apressado, trazendo água em um capacete.)
CHRISTIAN (numa voz agonizante): Roxane!
CYRANO (rapidamente, sussurrando no ouvido de Christian, enquanto Roxane distraidamente rasga um pedaço de linho da camisa, mergulha-o em água e tenta estancar o ferimento): Eu disse tudo a ela. Ela ainda o ama. (Christian fecha os olhos.)
ROXANE: Como, meu doce amor?
CARBON: SOQUEM A PÓLVORA!
ROXANE (a Cyrano): Ele está morto?
CARBON: ABRAM SEUS FARDOS COM OS DENTES!
ROXANE: Sua bochecha está fria contra a minha!
CARBON: APRONTEM-SE! APRESENTEM-SE!
ROXANE (vendo uma carta na camisa de Christian): Uma carta!... É para mim! (Abre-a.)
CYRANO (à parte): Minha carta!
CARBON: FOGO! (Alertas contra mosquetes - gritos - ruído de batalha.)
CYRANO (tentando soltar a mão, que Roxane, a seus joelhos, está segurando): Mas, Roxane, ouça, eles atiram!
ROXANE (detendo-o): Fique mais um pouco. Ele está morto. Você o

conhecia, somente você.(chorando em silêncio): Ah, ele não foi uma linda alma, uma alma maravilhosa?

CYRANO (detendo-se - sem chapéu): Sim, Roxane.

ROXANE: Um inspirado poeta?

CYRANO: Sim, Roxane.

ROXANE: E uma mente sublime?

CYRANO: Oh, sim!

ROXANE: Um coração profundo demais para mentes comuns aquilatarem, um espírito sutil, fascinante?

CYRANO (firmemente): Sim, Roxane.

ROXANE (atirando-se sobre o cadáver): Morto, meu amor!

CYRANO (à parte - desembainhando a espada): Sim, e que eu morra hoje para que, inconscientemente, ela fique de luto por mim - através dele! (Som de trombetas à distância.)

DE GUICHE (aparecendo nas barricadas - sem chapéu - com um ferimento na testa - com uma voz de trovão): É o sinal! As trombetas proclamam! Os franceses estão chegando com as provisões! Agüentem mais um pouco!

ROXANE: Veja, há sangue sobre a carta - lágrimas!

UMA VOZ (de fora - gritando): Rendam-se!

VOZ DE CADETES: Não!

RAGUENEAU (de pé no topo da carruagem, observa a batalha à margem das muralhas): O perigo é cada vez maior!

CYRANO (a De Guiche - apontando para Roxane): Eu atacarei! Leve-a daqui!

ROXANE (beijando a carta - numa voz fraca): Ó Deus! Suas lágrimas! Seu sangue!...

RAGUENEAU (saltando da carruagem e correndo até ela): Ela vai desmaiar!

DE GUICHE (na muralha - aos cadetes - com fúria): MANTENHAM POSIÇÃO!

UMA VOZ (de fora): Abandonem as armas!

OS CADETES: Não!

CYRANO (a De Guiche): Agora que provou seu valor, senhor, (Apontando para Roxane): Corra e salve-a!

DE GUICHE (correndo até Roxane e carregando-a nos braços): Assim seja! Ganhando tempo, a vitória será nossa!

CYRANO: Bom. (Chamando Roxane, a quem De Guiche, ajudado por Ragueneau, leva para fora desmaiada): Adeus, Roxane! (Tumulto. Gritos. Cadetes reaparecem, feridos, caindo pelo cenário. Cyrano, atirando-se à batalha, é parado por Carbon de Castel-Jaloux, que está sangrando.)

CARBON: Estamos perdendo! Estou ferido - duas vezes!

CYRANO (gritando aos gascões): GASCÕES! ADIANTE, GASCÕES! NUNCA DÊEM AS COSTAS! (A Carbon, que está carregando): Não tenha medo! Tenho duas mortes para vingar: meu amigo assassinado - e minha felicidade morta! (Eles se aproximam, Cyrano brandindo a lança onde está fincado o lenço de Roxane): apóiem-se aqui! No lenço bordado com seu nome! (Ele deixa tudo no chão e grita aos cadetes): CAIAM SOBRE ELES, GASCÕES! ESMAGUEM-NOS! (ao flautista): flautista, toque! (a flauta soa. O machucado tenta se erguer. Alguns cadetes, caindo uns sobre os outros reúnem-se ao redor de Cyrano e da pequena bandeira. A carruagem está cheia de homens por dentro e por fora que, exibindo os arcabuzes, transformam-na em fortaleza.)

UM CADETE (aparecendo no topo, atacado na retaguarda, mas ainda lutando, grita): Estão escalando a fortaleza! (e cai morto.)

CYRANO: Vamos saudá-los! (A muralha é coberta instantaneamente por uma formidável quantidade de inimigos. Os estandartes dos imperialistas são erguidos): Fogo! (tiros por todos os lados.)

UM GRITO NAS FILEIRAS INIMIGAS: Fogo! (Uma mortal salva de artilharia. Os cadetes caem por todos os lados.)

UM OFICIAL ESPANHOL (aparecendo): Quem são esses homens que correm para a morte?

CYRANO (recitando, ereto, no meio de uma tempestade de balas): Os

destemidos Cadetes da Gasconha, de Carbon de Castel-Jaloux! Lutando, gabando-se orgulhosamente, (Ele avança, seguido de uns poucos sobreviventes): Os destemidos Cadetes... (Sua voz é abafada pela batalha.)

Cortinas.

Ato V.
O Jornal de Cyrano.

Quinze anos mais tarde, em 1655. Praça das irmãs da Santa Cruz, em Paris. Árvores magníficas. À esquerda da casa: amplos degraus, para os quais se abrem várias portas. Uma enorme árvore no meio do palco, sozinha. À direita, entre grandes buxos, um banco de pedra semicircular. Todo o fundo do palco é atravessado por uma alameda de castanheiras que levam, pela direita, à porta de uma capela vista por entre os galhos. Através da dupla fileira de árvores desta alameda são vistos gramados, outras alamedas e grupos de árvores recobrimdo a praça; o céu.

A capela abre por uma pequena porta lateral, em uma colunata coberta das folhas de outono, e perde-se de vista ao fundo, à direita, por trás dos buxos.

É outono. Toda a folhagem sobre o fresco gramado é vermelha. Os verdes buxos e teixos estão em segundo plano. Sob cada árvore um caminho de folhas amarelas. O palco está coberto de folhas secas, que estalam ao ser pisadas. Elas cobrem parcialmente escadas e bancos. Entre os bancos da direita e a árvore, um grande ornamento, em frente do qual uma pequena cadeira foi colocada. Cestas cheias de novelos e bolas de lã. Uma tapeçaria foi iniciada. Ao subir das cortinas, freiras estão caminhando, indo e vindo pelo parque; algumas estão sentadas no banco, ao redor da Irmã mais velha. As folhas estão caindo.

Cena 5.I.
Mãe Marguerite, Irmã Martha, Irmã Claire, outras irmãs.

IRMÃ MARTHA (à Mãe Marguerite): Irmã Claire olhou no espelho uma vez - não, duas - para ver se a touca estava arrumada.
MÃE MARGUERITE (à Irmã Claire): Isso não é bom.
IRMÃ CLAIRE: Mas eu vi Irmã Martha roubar uma ameixa da torta.
MÃE MARGUERITE (à Irmã Martha): Foi mal feito, minha Irmã.
IRMÃ CLAIRE: Foi só uma olhadinha!
IRMÃ MARTHA: Por uma ameixa tão pequena!
MÃE MARGUERITE: Deveria dizer isso ao Monsieur Cyrano.
IRMÃ CLAIRE: Não, rogo-lhe que não! - ele irá zombar de nós!
IRMÃ MARTHA: Ele diz que as freiras são vaidosas!
IRMÃ CLAIRE: E gulosas!
MÃE MARGUERITE (sorrindo): Sim, e generosas!
IRMÃ CLAIRE: Não é verdade, Mãe Marguerite, que há dez anos ele vem todas as semanas, aos sábados, ao convento?
MÃE MARGUERITE: Sim! E mais! Desde o dia - há quatorze anos - que sua prima trouxe para cá, entre nossas toucas de lã, o luto da sua viuvez, como um melro entre as pombas do convento!
IRMÃ MARTHA: Ele tem a habilidade de tirar sua mente do pesar - não suavizado pelo tempo - e não curado!
TODAS AS IRMÃS: Ele é tão engraçado! - É muito bom quando ele vem! - ele implica conosco! - Mas todas gostamos dele! - Nós lhe fazemos pastéis de Angélica!

IRMÃ MARTHA: Mas ele não é um católico dedicado!
IRMÃ CLAIRE: Havemos de convertê-lo!
AS IRMÃS: Sim! Sim!
MÃE MARGUERITE: Eu as proíbo, minhas filhas, de tentar semelhante coisa. Não o aborreçam - ele pode rarear suas visitas!
IRMÃ MARTHA: Mas... Deus...
MÃE MARGUERITE: Não, não temam! Deus o conhece bem!
IRMÃ MARTHA: Mas - todo Sábado, ao chegar, ele me diz: "irmã, eu comi carne na Sexta!"
MÃE MARGUERITE: Ah! ele diz isso? Bem, da última vez que ele veio comer aqui, ficou sem se alimentar dois dias!
IRMÃ MARTHA: Mãe!
MÃE MARGUERITE: Ele é pobre.
IRMÃ MARTHA: Quem lhe disse, querida Mãe?
MÃE MARGUERITE: Monsieur Le Bret.
IRMÃ MARTHA: Ninguém o ajuda?
MÃE MARGUERITE: Ele não deixa.
(Em uma alameda ao fundo Roxane aparece, vestida de preto, com uma touca de viúva e véu. De Guiche, imponente e visivelmente mais velho, caminha ao seu lado. Eles seguem devagar. Mãe Marguerite levanta-se):
Saíamos; Madame Madeleine caminha no jardim com um visitante.
IRMÃ MARTHA (à Irmã Claire, em voz baixa): O Marechal de Grammont?
IRMÃ CLAIRE (olhando para ele): é ele, eu acho.
IRMÃ MARTHA: Há vários meses não vinha vê-la.
AS IRMÃS: Ele é tão ocupado! - A Corte, - o acampamento!...
IRMÃ CLAIRE: O mundo!
(Eles saem. De Guiche e Roxane seguem em silêncio, e param perto do trabalho em tapeçaria.)

Cena 5.II.

Roxane; o Duque de Grammont, antigamente de Guiche. Depois Le Bret e Ragueneau.

O DUQUE: E você permanece aqui ainda - sempre inutilmente bela, sempre de luto?
ROXANE: Sempre.
O DUQUE: Ainda fiel?
ROXANE: Ainda.
O DUQUE (após uma pausa): Estou perdoado?
ROXANE: Sim, visto que eu estou aqui. (outra pausa.)
O DUQUE: Ele foi sua alma, você disse?...
ROXANE: Ah! - se você o conhecesse!
O DUQUE: Ah, talvez!... Eu, quem sabe, o conhecesse um pouco!
... e a sua última carta está sempre perto do seu coração?
ROXANE: Pendurado em sua corrente, um nobre escapulário.
O DUQUE: E mesmo morto você ainda o ama?
ROXANE: Às vezes - parece-me que ele está parcialmente morto - nossos corações ainda se falam, como se seu amor ainda vivesse, envolvendo-me!
O DUQUE (após outra pausa): Cyrano vem ver você?
ROXANE: Sim, freqüentemente. É meu bom e velho amigo! Nós o chamamos minha 'Gazeta'. Ele nunca falha em vir: entre esta árvore colocam sua cadeira, - eu espero, bordo - o relógio bate - à última batida eu ouço - pois nem me dou mais ao trabalho de olhar - a sua bengala nos degraus; ele se senta: - com gentis maneiras ele zomba da minha tapeçaria que nunca fica pronta; e me conta todas as fofocas da semana... (Le Bret aparece nos degraus): Ah, aí vem Le Bret! (Le Bret desce): Como vai com nosso velho amigo?
LE BRET: Mal! - muito mal.
O DUQUE: Como assim?
ROXANE (ao Duque): Ele exagera!

LE BRET: Tudo o que eu previ: solidão, abandono!... Suas cartas agora lhes criam novos inimigos! - atacando a hipocrisia dos nobres, dos devotos, dos audaciosos - os autores ladrões - todo o mundo!

ROXANE: Ah! Mas a sua espada ainda os mantém à distância; ninguém quer prová-lo.

O DUQUE (sacudindo a cabeça): O tempo irá mostrar!

LE BRET: Ah, mas eu não tenho medo dele - de nenhum homem - solidão - fome - os frios dias de Dezembro, que como um lobo infiltram-se em seu quarto sombrio: - vejam! Os assassinos que me fazem temer por ele! A cada dia ele aperta mais um furo no cinto: Aquele pobre nariz - cor de marfim antigo. Ele ainda conserva um velho terno de sarja.

O DUQUE: Sim, aí está alguém que não teve ajuda da sorte! - que ninguém tenha pena dele!

LE BRET (com um pequeno sorriso): Meu senhor Marechal!...

O DUQUE: Não se apiadem dele! Ele viveu à margem de seus juramentos, livre em seus pensamentos, assim como em suas ações!

LE BRET (no mesmo tom): Meu senhor!...

O DUQUE (arrogante): É verdade! Eu tenho tudo e ele não tem nada;... Apesar de que me orgulharia de lhe apertar a mão! (saudando Roxane): Adieu!

ROXANE: Vou com você. (O duque saúda Le Bret, e vai com Roxane pelas escadas.)

O DUQUE (parando, enquanto ela sobe): Sim, é verdade - eu o invejo. Veja, quando a vida é bem-sucedida - desde que sem maus atos - o homem se sente desgostoso consigo mesmo, não de remorso, mas de um tênue e vago incômodo; e, como se subisse as escadarias da fama, os mantos forrados do duque deixam no rastro de suas dobras um som de ilusões mortas, vãos lamentos, um ruído - escasso murmúrio - como o de quem, do alto da sua varanda, de robe, varre do caminho as folhas secas do outono.

ROXANE (ironicamente): Você está pensativo?

O DUQUE: Sim! Estou! (Enquanto anda, repentinamente): Monsieur Le Bret! (À Roxane): Uma palavra, Com sua permissão? (Ele vai até Le Bret, e em voz baixa): É fato que ninguém se atreve a atacar seu amigo; - mas muitos o odeiam; Ontem, no carteadado da Queen, comentaram que "Cyrano podia morrer - por acidente!" Que ele fique atento - e seja prudente!

LE BRET (levantando os braços para o céu): Prudente! Ele!... Ele está vindo aí. Eu o avisarei - mas!...

ROXANE (que havia parado nos degraus, à Irmã que vai até ela): Que é?

A IRMÃ: Ragueneau desejaria vê-la, Madame.

ROXANE: deixe-o entrar. (Ao duque e a Le Bret): Ele vem para me falar de seus problemas. Tendo sido um autor (imagine só!) - pobre amigo - agora ele se torna um cantor!...

LE BRET: Lavador de banheiros...

ROXANE: Depois ator...

LE BRET: Ajudante de missa...

ROXANE: Peruqueiro...

LE BRET: Professor de flauta...

ROXANE: Que será ele hoje, por acaso?

RAGUENEAU (entrando apressadamente): Ah! Madame! (Ele vê Le Bret): Ah! Você está aí, senhor!

ROXANE (sorrindo): Conte todas as suas desgraças a ele; eu ficarei anônima.

RAGUENEAU: Mas, Madame...

(Roxane sai com o Duque. Ragueneau vai até Le Bret.)

Cena 5.III.

Le Bret, Ragueneau.

RAGUENEAU: Já que você está aqui, é melhor que ela não saiba! Estava

indo falar com o seu amigo ainda há pouco - estava a uns poucos passos da casa, quando o vi sair. Corri até ele, vi quando dobrou a esquina... repentinamente, de uma janela por sob a qual ele passava - foi sem querer?... talvez! Um laçaio deixou cair um grande pedaço de madeira.

LE BRET: Covardes! Ó Cyrano!

RAGUENEAU: Eu corri - eu vi...

LE BRET: Isso é horrível!

RAGUENEAU: Vi nosso poeta, senhor - nosso amigo - estatelado no chão - um grande ferimento na cabeça!

LE BRET: Ele está morto? RAGUENEAU: Não - mas - eu o levei até o seu quarto... Sim! o quarto dele! Que coisa! - aquele sótão!

LE BRET: Ele sofre?

RAGUENEAU: Não, já recobrou a consciência.

LE BRET: Você chamou um médico?

RAGUENEAU: Um deles teve bondade de vir.

LE BRET: Meu pobre Cyrano! - Nós não podemos dizer isso repentinamente a Roxane. - Que falou o médico?

RAGUENEAU: Disse, - não entendi bem - febre, meningite! - Ah! devia ir vê-lo - a cabeça toda enfaixada! - Apressemos-nos! - Não há ninguém com ele! - e se ele tentar se levantar, senhor, poderá morrer!

LE BRET (arrastando-o para a direita): Venha! Pela capela! É o caminho mais rápido!

ROXANE (aparecendo nos degraus, e vendo Le Bret sair pela colunata, seguindo pela porta da capela): Monsieur le Bret! (Le Bret e Ragueneau desaparecem sem responder): Le Bret se vai - justamente quando o chamo! Deve ser alguma nova encenação do bom Ragueneau. (Ela desce os degraus.)

Cena 5.IV.

Roxane sozinha. Duas Irmãs, por um momento.

ROXANE: Ah! que beleza o final de setembro! Minha tristeza está amenizada, a Alegria de abril a ofuscou, mas o outono a vence com sua agonia tranqüila. (Ela senta próximo à tapeçaria. Duas irmãs saem da casa e colocam uma grande poltrona sob a árvore): Aí vem a famosa poltrona onde ele se senta, cara amiga dedicada!

IRMÃ MARTHA: É a melhor do salão!

ROXANE: Obrigado, Irmã. (As Irmãs vão): Ele virá logo. (Ela se senta. Um relógio começa a bater): a batida do relógio. - Meus panos?- É a batida das horas! Que estranho estar atrasado, pelo menos hoje! Talvez a porteira - Onde está meu dedal?... Aqui! - esteja rezando por ele! (Uma pausa): Sim, ela deve estar rezando! Certamente Cyrano chegará em breve! - Ah, uma folha seca! - (Ela retira a folha de cima do seu trabalho): Nada, além disso, poderia - tesoura? - na sacola! - poderia atrasá-lo...

A IRMÃ (chegando aos degraus): Monsieur de Bergerac.

Cena 5.V.

Roxane, Cyrano e, por um momento, Irmã Martha.

ROXANE (sem se voltar): O que eu dizia?... (Ela borda. Cyrano aparece, muito pálido, o chapéu puxado sobre os olhos, A irmã que o anunciara se retira. Ele desde os degraus devagar, com uma visível dificuldade em se manter de pé, apoiando-se pesadamente sobre a bengala. Roxane ainda trabalha em sua tapeçaria): o tempo desbotou as tintas... Como harmonizá-las agora? (A Cyrano, numa censura graciosa): Pela primeira vez atrasado! - Pela primeira vez em catorze anos!

CYRANO (que havia conseguido chegar à poltrona e se sentado - numa voz vigorosa, em grande contraste com sua aparência pálida): Sim! É abominável! Eu odiei - ter me atrasado...

ROXANE: Por?...

CYRANO: Por uma destemida e indesejada visita.

ROXANE (distraída, trabalhando): Algum credor?

CYRANO: Sim, prima, o último credor que irá me cobrar o débito.

ROXANE: E você lhe pagou?

CYRANO: Não, não ainda! Eu o pus para fora e disse: "Peça desculpas; hoje é sábado, dia em que tenho uma importante entrevista que nada pode atrasar. Chame outra hora!"

ROXANE (descuidadamente): Oh, bem, um credor sempre pode esperar! Não deixarei você ir antes do anoitecer.

CYRANO: Talvez, à força, eu tenha de deixá-la antes disso! Ele fica em silêncio por um momento. Irmã Martha atravessa a praça da capela até o lance de escadas. Roxane, vendo-a, acena-lhe que se aproxime.)

ROXANE (a Cyrano): E agora? Não vai importunar a Irmã?

CYRANO (apressadamente abre os olhos): É verdade! (Numa cômica e elevada voz): Irmã! Venha cá! (A Irmã vai alegremente até ele): Ha! ha! Quê? Aqueles olhos brilhantes que estão sempre postos no chão?

IRMÃ MARTHA (num movimento de assombro ao ver sua face): Oh!

CYRANO (com um sussurro, apontando para Roxane): Silêncio! Isto não é nada! - (Alto, numa voz arrogante): Comi pouco ontem!

IRMÃ MARTHA (à parte): Eu sei, eu sei! Por isso está tão pálido! Venha já para o refeitório. Farei você tomar uma conhecida tigela de sopa... Você vem?

CYRANO: Sim, sim!

IRMÃ MARTHA: Ora, veja! Você está mais razoável hoje!

ROXANE (ouvindo o que eles sussurram): A Irmã deseja convertê-lo?

IRMÃ MARTHA: Não, não eu!

CYRANO: Oh! Mas é verdade! Não me fará mais pregações, Você, que conhece tantas palavras santas! Estou surpreso!... (Com fúria burlesca): Espere, vou surpreendê-la bastante! Ouça! Eu permito que você... (Ele finge procurar algo com que provocá-la e, tendo encontrado): ... É algo novo! - Que você - reze por mim esta noite, na capela!

ROXANE: Oh! oh!

CYRANO (rindo): A Boa Irmã Martha irá se descobrir muda!

IRMÃ MARTHA (gentilmente): Não espero sua autorização para rezar pelo senhor. (Ela se vai.)

CYRANO (voltando-se para Roxane, que ainda está curvada sobre seu trabalho): Que tapeçaria! Maldito seja se meus olhos a virem concluída!

ROXANE: Tinha certeza de ouvir essa velha zombaria! (Uma leve brisa faz as folhas caírem.)

CYRANO: As folhas de outono!

ROXANE (erguendo a cabeça e olhando para a distante alameda): Suave marrom dourado, como o cabelo dos venezianos - veja como caem!

CYRANO: Sim, veja como caem corajosamente, em sua última jornada, para apodrecerem no solo; adoráveis ainda, escondendo o horror da última queda, com toda a graça do vôo negligente!

ROXANE: Quê, melancólico - você?

CYRANO (recolhendo-se): Não, não, Roxane!

ROXANE: Então caem as folhas secas... Uma palestra. Não há nada de novo para dizer, Minha Gazeta da Corte?

CYRANO: Ouça.

ROXANE: Ah!

CYRANO (ficando mais e mais pálido): Sábado. Dia 19: tendo se excedido no consumo de pêras em conserva, o Rei caiu em febres; a lanceta sufocou sua traiçoeira revolta e o augusto pulso voltou a bater no ritmo normal. Na Queen's ball, Domingo, sessenta das melhores velas de cera foram consumidas. Nossas tropas, dizem, dão caça aos austríacos. Quatro feiticeiros foram enforcados. O pequeno cão de Madame d'Athis tomou uma dose de...

ROXANE: Eu lhe peço que contenha a língua, Monsieur de Bergerac!

CYRANO: Segunda-feira - não mais - Claire mudou de protetor.

ROXANE: Oh!

CYRANO (cuja face muda mais e mais): Terça-feira, um palácio é devolvido a Fontainebleau. Quarta-feira, Montglat disse a Comte de Fiesque... Não! Quinta-feira - Mancini, Rainha de França (quase!) Sexta-feira, Monglat ao Conde Fiesque disse - 'Sim!' e sábado, dia vinte e seis... (Ele fecha os olhos. A cabeça pende para a frente. Silêncio.)

ROXANE (surpresa pela parada, volta-se, olha para ele e se levanta, terrificada): Ele desmaiou! (Vai até ele gritando): Cyrano!

CYRANO (abrindo os olhos, com uma voz indiferente): Que foi? (Ele vê Roxane inclinada sobre ele, e rapidamente coloca o chapéu na cabeça e se encolhe na poltrona): Não, não é nada! Deixe!

ROXANE: Mas...

CYRANO: Aquele velho ferimento de Arras às vezes, - como você sabe...

ROXANE: Caro amigo!

CYRANO: Não é nada; vai passar logo; (Ele sorri com esforço): Veja! - já passou!

ROXANE: Cada um de nós tem o seu ferimento; sim, eu tenho o meu, - nunca cicatrizado - não curado ainda, o meu velho ferimento! (Ela leva a mão ao peito): Está aqui, debaixo desta carta amarelada pelo tempo, toda manchada de lágrimas e ainda tingida de sangue. (A noite começa a cair.)

CYRANO: A carta dele! Ah! você me prometeu que um dia eu a iria ler.

ROXANE: Que disse você? - A carta dele?

CYRANO: Sim, eu ficaria satisfeito, - hoje...

ROXANE (entregando-lhe a bolsa pendurada em seu pescoço): Veja! Aqui está!

CYRANO (recebendo-a): Tenho sua autorização para abrir?

ROXANE: Abra - leia! (Ela volta à sua tapeçaria, prende-a, escolhe as linhas.)

CYRANO (lendo): 'Roxane, adeus! Eu devo morrer em breve! Está muito sombrio, querida; e eu sinto minha alma pesada de um amor enorme. Eu morro! Não mais como antes, meu amor, esperando que meus olhos se deleitem ao menor gesto teu - sim, o menor! Eu penso na maneira como você toca a bochecha com o dedo, suavemente, como suave é a sua voz! Ah, eu conheço bem esse gesto! Meu coração grita! - Eu grito "Adeus"!'

ROXANE: Como você lê a carta! Alguém poderia pensar...

CYRANO (continuando a ler): 'Minha vida, meu amor, minha jóia, meu doce, meu coração é seu a cada batida!' (As sombras da noite caem imperceptivelmente.)

ROXANE: Você lê com uma voz - tão estranha - além disso - não é a primeira vez que ouço essa voz! (Ela se aproxima devagar, sem que ele perceba, passa por trás da poltrona e, em silêncio, inclina-se sobre ele, olhando para a carta. A escuridão aumenta.)

CYRANO: Aqui, morrendo, e ali, nas alturas, eu sou aquele que a amou, que ama você, - Eu...'

ROXANE (pondo a mão no seu ombro): Como você consegue ler? Está escuro demais para ver! (Ele pára, volta-se, vê-a perto. Repentinamente alarmada, ele baixa a cabeça, apoiando-a nas mãos. Então no anoitecer, que agora os envolve completamente, ela diz, bastante devagar, as mãos juntas): E há catorze anos ele representa o papel do bom e velho amigo que vem para rir e conversar.

CYRANO: Roxane!

ROXANE: Era você!

CYRANO: Não, nunca; Roxane, não!

ROXANE: Eu devia ter adivinhado, a cada vez que você dizia meu nome!

CYRANO: Não, não fui eu!

ROXANE: Foi você!

CYRANO: Eu juro!

ROXANE: eu vejo toda a sua generosa falsificação - As cartas - você!

CYRANO: Não.
ROXANE: As doces, loucas palavras de amor! Você!
CYRANO: Não!
ROXANE: A voz que tremia na noite - você, você!
CYRANO: Juro que a senhora se engana.
ROXANE: A alma - era a sua alma!
CYRANO: Eu não a amava.
ROXANE: Você não me amava?
CYRANO: Era ele!
ROXANE: Você me amava!
CYRANO: Não!
ROXANE: Veja! Como você gagueja agora!
CYRANO: Não, meu doce amor, Eu nunca amei você!
ROXANE: Ah! Coisas antigas, esquecidas há muito, eu sei! Como elas ganham corpo novamente! - Por que, por que você guardou silêncio nesses catorze anos quando, nesta carta, que ele nunca escreveu, as lágrimas eram suas?
CYRANO (devolvendo a carta a ela): As manchas de sangue eram dele.
ROXANE: Por que, então esse nobre silêncio, - mantido por tanto tempo - e quebrado hoje pela primeira vez - por quê?
CYRANO: Por quê?...
(Le Bret e Ragueneau entram correndo.)

Cena 5.VI.

Os mesmos. Le Bret e Ragueneau.

LE BRET: Que loucura! Aqui? Eu soube de tudo!
CYRANO (sorrindo e sentando): Que há?
LE BRET: Ele escapou por pouco da morte, Madame.
ROXANE: Deus! Ah, foi isso! Aquele desmaio um momento atrás... ?
CYRANO: É verdade! Interrompendo a 'Gazeta'... Sábado, vinte e seis, na hora do jantar, assassinato de Bergerac.
(Ele tira o chapéu; eles vêem sua cabeça enfaixada.)
ROXANE: Que diz ele? Cyrano! - sua cabeça está cheia de ataduras! Ah, que houve? Como? - Quem?...
CYRANO: 'Cair por terra atingido no coração pela espada de um herói! Era o que eu sonhava. Ó zombaria do destino! - Morto, eu! Entre tanta gente - numa emboscada! Atingido por trás, e pelas mãos de um laçao! Isto é muito bom. Sou um fracasso, um fracasso em tudo, mesmo na morte.
RAGUENEAU: Ah, Monsieur!...
CYRANO (estendendo a mão a ele): Ragueneau, Não chore tão amargamente!... Que faz você agora, velho camarada?
RAGUENEAU (em lágrimas): Faço a iluminação do palco de Molière.
CYRANO: Molière!
RAGUENEAU: Sim; mas vou embora amanhã. Não agüento mais! - Ontem eles representaram 'Scapin' - eles roubaram uma cena sua!
LE BRET: Quê! uma cena inteira?
RAGUENEAU: Oh, sim, é verdade, Monsieur, a famosa 'Que Diable allait-il faire?'
LE BRET: Molière roubou isso?
CYRANO: Ora! Ele bem seria capaz!... (a Ragueneau): Como foi a cena? Ficou boa?
RAGUENEAU (chorando): Ah! como eles riram!
CYRANO: Veja você: por toda a minha vida eu lembrava as pessoas do que elas esqueciam! (A Roxane): Naquela noite, quando Christian falou perto de sua janela - sob sua bancada, lembra? Bem! Aquilo foi uma alegoria de toda a minha vida: eu, nas sombras, ao pé da escada, enquanto os outros, sob a luz, cavalgavam o Amor e a Fama! Justo! muito justo! Aqui, na soleira, eu pago meu tributo com o sono da morte ao gênio de Molière e à beleza de Christian! (O sino da capela toca.

As freiras são vistas passando pelas alamedas ao fundo, para dizer o ofício): Que rezem! Rezem! Quando o sino toca!

ROXANE (erguendo-se e chamando): Irmã! Irmã!

CYRANO (segurando-a depressa): Não chame ninguém. Não me deixe; Quando você voltar, eu certamente já terei ido para sempre. (As freiras todas entraram na capela. O órgão soa): Eu gostava um pouco de música - ouça! Aí vem uma.

ROXANE: Viva, pois eu te amo!

CYRANO: Não, nos contos de fadas, quando a dama diz "eu te amo!" ao horrendo príncipe, toda a feiúra dele se desvanece - mas eu continuo o mesmo, até o fim!

ROXANE: Destruí sua vida - Eu, eu!

CYRANO: Você abençoou minha vida! Nunca em mim repousou o amor de uma mulher. Mesmo minha mãe não me achava bonito: não tive uma irmã; e, quando cresci, temi que as senhoritas zombassem de mim. Mas eu tive sua amizade - graças à senhora um encanto feminino atravessou meu caminho.

LE BRET (apontando a lua, que é vista entre as árvores): Seu outro amor está chegando.

CYRANO (sorrindo): Eu vejo.

ROXANE: Amei somente uma vez, mas por duas vezes perdi meu amor!

CYRANO: Ouça, Le Bret! Eu logo alcançarei a lua. Esta noite, sozinho, sem ajuda de projéteis!...

LE BRET: Que está dizendo?

CYRANO: Direi a você; está ali, ali; que me mandem ao Paraíso, lá eu encontrarei finalmente as almas que amei, no exílio - Galileu - Sócrates!

LE BRET (com rebeldia): Não, não! É muito pesado, muito injusto! Um tão grande coração! Tão grande poeta! Morrer assim? OH, morrer...?

CYRANO: Ouça o que Le Bret lhe diz!

LE BRET (chorando): Caro amigo...

CYRANO (levantando-se, os olhos transtornados): Quê! Cadetes da Gasconha! A massa elementar - ah sim! O grande problema...

LE BRET: Sua ciência ainda - mas ele delira!

CYRANO: Copérnico disse...

ROXANE: Oh!

CYRANO: Mais que diable allait-il faire,

Mais que diable allait-il faire dans cette galere?...

Filósofo, metafísico, poeta, encenqueiro e músico, famoso por sua expedição lunar e inumeráveis duelos de que participou - e dos amores que teve - por mediação! - Aqui repousa Hercule Savinien de Cyrano de Bergerac, que foi tudo, ainda que não tenha sido nada. Peço-lhe perdão, mas não posso ficar. Veja, o raio de luar que veio me chamar!

(Ele se deixa cair sobre a poltrona; o choro de Roxane chamam-no de volta à realidade; ele olha longamente para ela e, tocando o seu véu): Eu não lhe pediria que pusesse luto mais dedicado do que ao bom e corajoso Christian: eu apenas gostaria que quando meu corpo esfriasse na sepultura você colocasse aquele vestido, de luto por nós dois e homenageasse a mim, ao homenageá-lo.

ROXANE: Eu juro!...

CYRANO (tremendo violentamente, ergue-se de repente): Não aqui! Quê, sentado? - não! (Eles correm até ele): Ninguém me ampare - (escora-se numa árvore): Somente a árvore! (Silêncio): Ela vem. Mesmo agora que meus pés tornaram-se pedra, minhas mãos ainda são fortes! (Ele fica ereto): Mas ainda que a morte venha, eu a encontrarei de pé, (desembainha a espada): e de espada na mão!

LE BRET: Cyrano!

ROXANE (princípio de desmaio): Cyrano! (Todos contraem-se de terror.)

CYRANO: Ah, ela ousa zombar do meu nariz? Olhem só! Insolente! (Ele ergue a espada): Que diz? É inútil? Sim, eu sei, mas quem luta esperando vencer sempre? Eu lutei por causas perdidas e questões

infrutíferas! Vocês aí, quem são vocês? - Vocês são milhares! Ah! Conheço-os agora, meus velhos inimigos! Falsidade! (Ele golpeia o ar com a espada): Fique onde está! Ha! e Conchavo! Preconceito, Traição!... (Ele golpeia): Render-me, eu? Conversar? Não, nunca! Você também, Estupidez, - você? Eu sei que você irá me derrubar por terra, afinal; Deixe estar! Pelo menos eu caio lutando, lutando ainda! (Ele abre passagem, lutando com o vazio, e pára, sem fôlego): Você me retira os louros e a rosa! Leve tudo! Para desgosto de vocês, ainda há uma coisa que eu tenho contra vocês todos e, quando, esta noite, eu adentrar a bela Corte de Christian e, inteiramente curvado, e com meu capacete transpuser a soleira do céu azul, uma coisa eu mantereí comigo, isenta de mancha ou borrão, para despeito de vocês. (Ele salta à frente, espada desembainhada, que cai de sua mão; ele balança e cai para trás, nos braços de Le Bret e Ragueneau.)

ROXANE (inclina-se e beija sua testa): Seria?...

CYRANO (abrindo os olhos, reconhecendo-a e sorrindo): MEU ORGULHO.

Fecham-se as cortinas.